

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Janaina Ravagnani

Madame de Staël e o Romantismo: Projeto de Tradução

Curitiba
2013

Janaina Ravagnani

Madame de Staël e o Romantismo: Projeto de Tradução

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Paraná, para a obtenção do
título de mestre

Orientador: Prof. Dr. Maurício Mendonça Cardozo

Curitiba

2013

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Maurício Mendonça Cardozo, sem o qual não teria sido possível transformar meu entusiasmo staëliano oitocentista, em algo concreto.

Aos meus pais Vera e Edmar pelo que eu sou, e pelo que ainda serei.

Aos professores, tradutores e amigos Luiz Heitor Cordeiro Guimarães e Andrea Valerio pelo conhecimento emprestado e pelo apoio.

Aos meus irmãos, familiares e amigos que me apoiaram e me suportaram nessa fase, me lembrando, de tempos em tempos, que é necessário viver o século XXI, mesmo tendo os pensamentos e o coração imersos, na maior parte do tempo, no século XVIII.

RESUMO

Inscrevendo sua obra no contexto das profundas transformações políticas e sociais do século XVIII, em que intelectuais entusiasmados defendiam a liberdade, as artes, e a valorização do indivíduo, Madame de Staël emerge como figura agenciadora de um pensamento libertário e inovador, que, hoje, conhecemos por romantismo. Este trabalho se propõe como um projeto de organização e tradução de uma antologia de textos da autora, que pretendem ser representativos de seu papel como mediadora entre as culturas francesa e alemã e como precursora de uma certa expressão do Romantismo na França.

Palavras-Chave: Madame de Staël, Romantismo, Tradução.

ABSTRACT

Madame de Staël rises as a writer inserting her work within the context of the deep political and social changes occurring during the 18th century, when enthusiastic intellectuals defended freedom, the arts, the valorization of the human being as an individual within a context of libertarian and innovative thought known as Romanticism. This work introduces the organization and translation of an anthology of texts by the author, which intend to be representative of her role as a counterpart between French and German cultures during that time and a precursor of a certain expression of Romanticism in France.

Key-Words: Madame de Staël, Romanticism, Translation.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
CAPÍTULO I: MADAME DE STAËL: SEU LUGAR, SUA OBRA	12
I.1 Contextualização Político-Histórica: Revolução e Liberalismo.....	12
I.2 Romantismo: Da Revolução Política à Revolução Intelectual	14
I.3 Síntese Biográfica: Erudição Precoce.....	17
I.4 Dos Salões Literários e o Intercâmbio entre Culturas, às Posições Políticas e o Exílio	19
I.5 Panorama da Obra de Madame de Staël	25
I.6 Das Circunstâncias de Recepção da Obra de Madame de Staël e de sua Relevância.....	28
CAPÍTULO II: O PROJETO DE TRADUÇÃO: MADAME DE STAËL E O ROMANTISMO	41
II.1 Da Recepção da Obra em Língua Portuguesa	41
II.2 Questões de Fundo Teórico	42
II.3 Madame de Staël e a Tradução.....	46
II.4 Madame de Staël e o Romantismo em Questão	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXO: MADAME DE STAËL E O ROMANTISMO EM TRADUÇÃO	69

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este é um trabalho de seleção e tradução de um conjunto de textos da obra da escritora franco-suíça Madame de Staël. A seleção dos textos, pretende ser representativa do papel da escritora como uma das principais interlocutoras entre as culturas francesa e alemã no final do século XVIII e início do século XIX, e ainda divulgadora de uma certa expressão do Romantismo na França.

Falamos aqui em “certa expressão” devido à amplitude do tema e à heterogeneidade de sua manifestação, pois o que chamamos aqui de Romantismo, se podemos dizer que surgiu, a princípio, como expressão de uma reação à predominância de um pensamento de base Iluminista e a seu forte centramento num culto à razão, acabou ultrapassando fronteiras teóricas, culturais, temporais e geográficas, não podendo ser circunscrito simplesmente como um período histórico específico, tampouco como um movimento homogêneo, ainda que se possa dizer que fez escola. Não é tarefa complicada, portanto, perceber porque o Romantismo é visto sob perspectivas diversas, pois, conforme será demonstrado no decorrer deste trabalho, ele vai além da literatura, estendendo-se, não somente adiante de sua datação histórica, mais ainda tornando-se ideologia dentro de movimentos sociais, e alternativa às duras realidades dos novos regimes. Na medida em que se sabe que não existe um só Romantismo, ao investigar o papel de Madame de Staël como difusora desse “movimento”¹, tentar-se-á, portanto, ao mesmo tempo, delinear a expressão do Romantismo que lhe diz respeito.

Numa primeira etapa, porém, especificamente no item 1 do capítulo I deste projeto, intitulado “Madame de Staël, seu lugar e sua obra”, com o objetivo de contextualizar a autora em sua época, apresentamos um breve panorama do momento histórico, sobretudo na França, país em que aconteciam profundas transformações, e que serviu, ainda, de cenário para os principais episódios da vida e da obra da autora. Falamos em profundas transformações porque trata-se de um momento histórico cujos acontecimentos repercutiram para bem além das fronteiras francesas, já que, entre finais do século XVIII e todo o século XIX, viu-se nascer uma

¹ Procuramos, neste trabalho, nos referir o mínimo possível ao Romantismo como sendo um “movimento”. Mas quando, porventura o fizermos, a palavra será escrita entre as devidas aspas acautelatórias porque, apesar de algumas iniciativas programáticas, o Romantismo não pode ser considerado como sendo exatamente um movimento.

Revolução de proporções globais na França, a queda de regimes monárquicos na Europa, e a mudança de toda uma forma de pensar e de conceber a sociedade, a política e as artes.

A Revolução Francesa fez o papel do arauto que primeiro anunciou essas mudanças, prevendo o clima de transformação que o período começava a suscitar, período esse que, inflamado pela insatisfação de grande parte da população da Europa, acabou por inspirar reflexões da parte dos intelectuais e das cabeças pensantes da época, que começaram a externar suas opiniões a favor de mudanças profundas e, sobretudo da valorização das artes e da liberdade, valorização essa que obviamente existia antes do Romantismo, mas, no entanto, através de outros parâmetros.

Em seguida, no mesmo capítulo, no item 3, intitulado “Síntese Biográfica: Erudição Precoce”, com o propósito de mostrar um pouco de quem foi a autora traduzida, será feita uma também breve apresentação biográfica de Madame de Staël, bem como uma apresentação sucinta de sua obra. A apresentação biográfica da autora é especialmente importante porque, tendo sido ela uma pessoa conhecida, influente e de personalidade controversa, conseguiu atingir e influenciar, através de suas opiniões e de seus escritos, boa parte do pensamento de sua época, e, através de seu caráter persistente, conseguiu por algumas vezes contornar a censura imposta pelo governo napoleônico, e publicar escritos considerados perigosos e antipatrióticos pelo Regime. Esses escritos continham as novas ideias trazidas de outros países, sobretudo da Alemanha e da Inglaterra, e fariam com que Madame de Staël fosse considerada a precursora em seu país, dessa nova forma de pensar.

Crítica importante e forte opositora ao governo de Napoleão Bonaparte, Madame de Staël foi uma mulher à frente de seu tempo, precursora do feminismo e das ideias liberais, escritora, organizadora de alguns dos saraus literários mais importantes da Europa, apreciadora e divulgadora de outras culturas, e, sobretudo, defensora da educação e da literatura como práticas da liberdade.

Vale ressaltar, porém, que em vista dos objetivos deste trabalho, tanto a contextualização histórica quanto a apresentação biográfica da autora, apenas cumprem o fim de esboçar um pano de fundo para a discussão desenvolvida, sendo, portanto, inevitavelmente breves na exposição, redutoras na articulação dos fatos e limitadas em seu nível de aprofundamento.

Ainda no capítulo I, no item 5, será apresentado um panorama da obra de Madame de Staël, suas edições, impressões e reimpressões. Com respeito à relevância literária de sua obra, cabe mencionar que ela só foi reconhecida há alguns anos atrás, no século XX. Isso se deu porque, desde logo após a morte da autora, sua recepção seria marcada mais pela disseminação de episódios focados em fatos de sua vida pessoal e em sua personalidade controversa e libertária, deixando de lado a importância da herança literária da autora.

Retomando, portanto, ainda no primeiro capítulo deste trabalho, no item 6 - Das circunstâncias de recepção da obra de Madame de Staël e de sua relevância - a maioria dos críticos de Madame de Staël, sobretudo os franceses, acabaram diminuindo seu papel como escritora e intelectual importante de sua época, a favor da exploração de sua vida íntima. Esse tipo de discurso só viria a mudar a partir dos trabalhos de estudiosos como Simone Balayé e Paul Bénichou – os quais serão tratados mais adiante – e que se detiveram no estudo da obra de Madame de Staël, revelando-a como escritora importante e personalidade fundamental na formação de opinião em sua época.

No capítulo II intitulado “O Projeto de Tradução: Madame de Staël e o Romantismo” será exposto o objetivo central deste trabalho, que é o de selecionar e traduzir um conjunto de textos da obra de Madame de Staël, que sejam representativos de seu papel enquanto uma das principais interlocutoras entre a cultura francesa e alemã da época que estamos tratando (finais do século XVIII e início do século XIX) e, enquanto tal, como uma das grandes divulgadoras do pensamento romântico na França. Madame de Staël, imbuída pelo desejo de entender outras culturas, diferentes da francesa, que, na época, era a referência predominante na Europa em termos de erudição, e pelo desejo de conhecer outros pensamentos e outras formas de governo, empreendeu algumas viagens pelo continente europeu, passando temporadas na Inglaterra, Itália, Rússia, Suécia, Alemanha entre outros, onde, além de conhecer os países, pôde entrar em contato direto com os filósofos, escritores, artistas, enfim, com a elite intelectual da época, que começava a construir uma nova forma de pensar.

O objetivo geral deste trabalho se desdobra, em termos práticos, na forma de dois objetivos específicos, que são: a tradução dos textos selecionados como representativos do papel de Madame de Staël enquanto agente de mediação entre a cultura francesa e alemã nessa época, e introdutora do Romantismo na

França; e a evidenciação desses textos como representativos da relevância literária da obra de Madame de Staël também para além do Romantismo, lançando as primeiras luzes que revelam a autora como importante pensadora política, filosófica e social de sua época.

No segundo item do segundo capítulo, serão abordadas, primeiramente, de forma sucinta, algumas questões teóricas pertinentes à prática da tradução e, no item 3 do mesmo capítulo, procurar-se-á demonstrar de que forma foi conduzida a construção do projeto de tradução. Buscar-se-á compreender o sentido do pensamento e dos ideais de Madame de Staël, já que os textos traduzidos foram escritos nos anos de origem do Romantismo, de uma nova forma de pensar e dentro de um cenário social e político bastante particulares, cenário esse que será devidamente exposto no decorrer deste trabalho.

Quando se menciona que se buscará, enquanto tradutora, compreender o sentido do pensamento da autora, faz-se referência ainda ao fato de Madame de Staël defender, juntamente com outros pensadores do Grupo de Coppet (grupo formado pela autora e por intelectuais de diversas nacionalidades), a importância de outras culturas e outras línguas, além da francesa, a defesa da arte e da literatura como forma de expressão e de liberdade, a circulação de novas ideias, e a relevância da tradução como meio para a circulação dessas ideias. De Staël escreveu, inclusive, um artigo intitulado “Sobre o Espírito das Traduções”, em que defendeu uma busca do diálogo com o estrangeiro, e da tradução como um dos princípios fundamentais para este intercâmbio intelectual.

Teremos a oportunidade de mostrar, portanto, que a construção da ponte que ligou França e Alemanha nesse período, não se deu somente através do conteúdo de obras como *De l'Allemagne*, de Madame de Staël, e do contato da autora com a elite intelectual alemã, mas através também da acessibilidade a alguns textos alemães, antes inéditos na França, traduzidos por Madame de Staël para o francês.

Espera-se que com a tradução dos textos de Madame de Staël que foram selecionados, evidenciem-se características inerentes aos primeiros momentos do Romantismo alemão, como a exaltação dos sentimentos, da imaginação, da natureza e das virtudes que são inerentes ao homem, a religiosidade abordada sob um viés filosófico, a valorização do indivíduo e da eloquência lírica, a importância da meditação e do recolhimento, a defesa da arte e da educação como

prática da liberdade, o entusiasmo, entre outras, de modo que nossa pequena antologia possa contribuir para a construção da imagem da autora como uma autorizada representante do pensamento romântico alemão de sua época (finais do século XVIII e início do século XIX), e incontestemente propagadora desse pensamento na França.

CAPÍTULO I: MADAME DE STAËL: SEU LUGAR, SUA OBRA

I.1 Contextualização Político-Histórica: Revolução e Liberalismo

O período compreendido entre finais do século XVIII e todo o século XIX, foi um período efervescente e de extrema importância, não só para França, mas para toda a Europa. Assim se pode afirmar, porque foram esses os anos do governo de Luís XVI, e em seguida, da Revolução Francesa, da era napoleônica e finalmente da restauração da monarquia dos reis Bourbon com a subida ao trono de Luís XVII. Se ao refletirmos somente em termos do episódio da Revolução Francesa, já teríamos subsídios suficientes para entender a efervescência e a relevância do momento histórico.

O teórico, historiador e filósofo alemão Rudinger Safransky, em sua obra *Romantismo: uma questão alemã*, assim ilustra este período:

Na França haviam ocorrido coisas que convenceram imediatamente os contemporâneos na Alemanha de que seriam significativas para a história do mundo, e que ainda provocariam horror e admiração nas gerações futuras. Tratavam-se de acontecimentos que, já no momento em que ocorriam, irradiavam um brilho mítico e que eram interpretados como as primeiras cenas do nascimento de uma nova era. (SAFRANSKI, 2010, p.31)

A própria Madame de Staël, na Introdução de sua obra *De l'Influence des Passions* (que a autora começou a escrever em 1792, mas que só foi publicada pela primeira vez em 1796, em Lausanne na Suíça), como contemporânea e espectadora deste momento histórico tão perturbador, comenta:

Julgar estes eventos, com qualquer que seja o nome que os designamos, é fazê-los entrar na ordem das coisas existentes, nas ideias para as quais já existiam modos de expressar. Mas diante dessa assustadora imagem, todos os movimentos da alma se renovam, treme-se, inflama-se, deseja-se combater, deseja-se morrer [...] ²; (STAËL, 2000, p. 26)

² A partir desse momento, todas as traduções do francês são de minha autoria. Tanto as traduções de textos e citações de Madame de Staël, e de outros autores retiradas de suas obras, quanto as do teórico Paul Bénichou, do biógrafo Ghislain de Diesbach, e de outros autores franceses que aparecem mais adiante, citados nas Referências deste trabalho.

Nesse contexto, a França foi somente o palco do primeiro ato de uma história bem longa, e cheia de desdobramentos e implicações, que começava ali, mas que se espalharia por toda a Europa, pelo mundo, e que se estenderia até os dias de hoje.

Sob o aspecto político, sistemas de governo despóticos caíam, mentalidades se transformavam, e o mundo via surgir o liberalismo político, que, diferente do econômico, surgido mais tarde no início do século XX, tinha por base fundamentos surgidos com o Iluminismo.

O liberalismo político dessa época foi, em linhas gerais, a filosofia política da burguesia, já que as últimas décadas do século XVII e as primeiras do século XVIII, assistiram a um grande crescimento dessa classe. Segundo o editorial da versão *on-line* do jornal *Le Monde Politique* sobre filosofias políticas:

Os filósofos da época procuram uma forma de diminuir o poder estatal e de fundar o direito individual pela liberdade. Os liberais desejam estabelecer uma distinção entre o poder político e o divino a fim de limitar o papel do soberano. Ao lado destas considerações, esta época dedica -se em estabelecer uma sociedade de razão e de liberdade individual.³

O clima de transformação que esse período começava a suscitar, por conta, sobretudo das ideias disseminadas pela Revolução Francesa, e que fazia anunciar uma mudança no cenário político e social, culminava num inconformismo da maioria da população europeia. Toda essa efervescência e esse momento de profunda transformação, refletiriam, certamente, no ambiente intelectual da época, que começava a manifestar rebeldia e repúdio às regras.

Surgiram, ao longo do século XVIII, escritores e intelectuais ditos liberais, como por exemplo - além de Madame de Staël - o suíço Benjamin Constant de Rebeque, considerado um liberal por conta sobretudo das ideias expostas em sua obra *Princípios de Política* (1806) e Alexis de Tocqueville, com seu *Democracia na América* (1835). Tratava-se de um grupo cujo entusiasmo pelas novas ideias e novos valores, refletia suas opiniões a favor das mudanças profundas, e que valorizavam, acima de tudo, a liberdade (nos moldes, bem entendido, defendidos pelos liberais políticos da época), a literatura, as artes e a educação como uma das formas de se atingir a almejada liberdade.

³ Disponível na página *Droit, Culture Générale, Actu*:
<http://www.lemondopolitique.fr/cours/philosophie_politique/liberalisme/concepts.html>
Acesso em: agosto, 2012.

I.2. Romantismo: Da Revolução Política à Revolução Intelectual

É certo que, além das cabeças pensantes na França, intelectuais de outros países também percebiam a Revolução Francesa como um episódio que seria capaz de suscitar uma real mudança dos tempos, uma nova era. Nos cabe aqui, no entanto, lançar um olhar mais próximo ao que estava se passando especificamente em um dos países europeus nesse momento: a Alemanha. Foi na Alemanha que esse sentimento de mudança se transformou, no campo intelectual, em algo prático, palpável, pois foi justamente dentro desse cenário revolucionário, que começaram a surgir as características que seriam definidas como as primeiras expressões do Romantismo.

A Alemanha, que nos finais do século XVIII, emergiu como um lugar, cuja cena intelectual começaria a exercer sua influência em vários campos, sobretudo no da filosofia e da literatura, “bebe” na fonte da Revolução Francesa, a inspiração que iria impulsionar ainda mais a produção cultural e intelectual da época. Époça essa, de surgimento do “sujeito moderno”, do “indivíduo autodirigido” (COSTA LIMA, 2006, p. 323), de escritores e intelectuais portadores de um ideal, que inspiravam debates filosóficos e religiosos, e que enxergavam um caminho para a solução da maioria das aflições pelas quais passava a humanidade. E esse caminho passava por dentro deles mesmos. Era a valorização da introspecção, da reflexão consciente, do que está no interior do *eu*, da experimentação de si mesmo.

Em suas considerações sobre as origens do Romantismo e sua estreita relação com a Revolução Francesa, Rudinger Safranski, ao narrar a viagem pelo mundo do alemão Johann Gottfried Herder, nos esclarece que “entre a viagem ao mar de Herder e os primeiros românticos ocorre uma grande transformação, a Revolução Francesa. Como nenhum outro acontecimento político, ela deu impulso aos intelectuais alemães.” (SAFRANSKY, 2010, p. 31).

Os primeiros pensadores românticos, provavelmente sem ter, na época, a consciência exata da dimensão que tomaria aquele “movimento” que estavam construindo, acabaram criando uma verdadeira revolução paralela, essa no campo intelectual. Se o século XVIII havia sido marcado pela objetividade do Iluminismo, o início do século XIX veria nascer e se concretizar uma nova visão marcada pela intensificação da valorização da arte e da literatura, já que o número

de leitores e escritores cresceu consideravelmente, e, mais ainda, nasceria uma nova visão do que seria a arte e a literatura. Sobre esse aspecto, nos comenta Safranski:

No início dos anos 1780, Schiller denomina seu tempo como o século com nódoa de tinta. Vinte anos mais tarde, quando surge a geração romântica, tal diagnóstico ainda não se alterou em nada. Pelo contrário: lê-se e escreve-se mais do que nunca. A valorização da literatura, seu significado para vida, aumenta sensivelmente mais uma vez. O surgimento do Romantismo está marcado por essa era de ávidos pela leitura e escritores ferrenhos. (SAFRANSKI, 2010, p. 47)

Nesse panorama, em que a subjetividade passa a ser a matéria-prima dos autores, o nacionalismo começa a ser valorizado, e o interesse concentra-se no destaque à imaginação e à “matéria da vida individual [...] em absoluto contraste com a situação da antiguidade clássica, onde o herói se destaca, mas apenas como o representante dos valores de sua sociedade” (COSTA LIMA, 2006, p. 325). Em se tratando de “sua sociedade”, compreende-se apenas os estratos superiores da sociedade, algo que a visão artística romântica passa também a colocar em questão. Ainda sobre esse período, e sobre o papel do Romantismo na formação do que consideramos hoje como literatura, o teórico Terry Eagleton nos auxilia:

Na verdade, foi só com o que chamamos hoje de ‘período romântico’ que as nossas definições de literatura começam a se desenvolver. O sentido moderno da palavra “literatura” só começa a surgir de fato no século XIX. A literatura, nesse sentido da palavra, é um fenômeno historicamente recente: foi inventado mais ou menos em fins do séc. XVIII e teria sido considerado muito estranho por Chaucer, ou mesmo por Pope. [...] É claro que uma distinção entre escritos ‘fatuais’ e ‘imaginativos’ havia sido estabelecida há muito tempo [...]. Na época do período romântico, porém, a literatura se tornava virtualmente sinônimo de ‘imaginativo’. (EAGLETON, 2001, p. 29).

Esse novo panorama mundial, que foi tratado até o momento, não se restringiu aos campos sociais políticos e intelectuais. A arte e a literatura que pareciam ir em busca de um reencontro com a sensibilidade humana e com uma “nova consciência da autonomia artística” (SAFRANSKY, 2010, p. 46), são, na verdade, um reflexo dessa nova e rígida forma de divisão do trabalho, onde o indivíduo “endurecido” pelo racionalismo, pela potencialização das máquinas e da técnica, e pela “cruel disciplina do início do capitalismo industrial”, (EAGLETON, 2001, p. 26), se viu numa espécie de círculo vicioso em que não se sentia mais

capaz de viver fora da roda viva do feroz capitalismo que começava a se delinear a partir de então. Terry Eagleton, sobre esse assunto, continua a nos esclarecer que:

O período histórico em questão é de revolução. [...] A cruel disciplina do início do capitalismo industrial deslocou comunidades inteiras, transformou a vida humana numa escravidão assalariada, impôs um processo de trabalho alienante à recém-formada classe operária, e não aceitou nada que não pudesse ser transformado em mercadoria. Quando a classe operária responde com um protesto a essa opressão, [...] o Estado inglês reage com uma repressão política brutal [...]. (EAGLETON, 2001, p. 25).

A arte, e sobretudo a literatura apareceram, então, em meio à repressão política e ao início do capitalismo, como instrumentos de liberdade. Esse ponto de vista foi exaustivamente defendido por Madame de Staël, que desempenhou papel fundamental na medida em que enalteceu a importância da literatura em diversos aspectos, sobretudo como meio de adquirir conhecimento e, através dele, a liberdade.

O Romantismo que surgiu então, a princípio, como uma reação ao culto à razão do movimento Iluminista, acabou por ultrapassar qualquer fronteira teórica, e não está limitado a um período histórico ou a um país. O ser romântico é, segundo Rüdinger Safranski (2010, p.16), “uma postura de espírito que não está limitada a um tempo”. Ainda segundo o autor, a melhor definição dessa postura de espírito, seria a do alemão Novalis, que assim afirma:

“Ao dar um sentido elevado ao comum, ao dar ao usual uma aparência misteriosa, ao conhecido a nobreza do desconhecido, ao fugaz uma aparência de eterno, assim é que eu os romantizo.” (NOVALIS, 1978, p. 334 apud SAFRANSKI, 2010, p. 16)⁴.

⁴ NOVALIS, Werke, Vol. II. Org. Hans-Joachim Mähl. Munique, 1978, p.334.

I.3. Síntese Biográfica: Erudição Precoce

*Se ela tivesse sabido se governar,
ela teria governado o mundo*
Benjamin Constant⁵

Essa epígrafe de Benjamin Constant de Rebeque (político, romancista e autor de *Adolphe*), uma das pessoas mais próximas à Madame de Staël, já oferece uma ideia da personalidade forte e marcante da autora de quem tratamos neste trabalho.

Mulher brilhante, à frente de seu tempo, e que gerou opiniões controversas em sua época, Anne-Louise-Germaine, Madame baronesa de Staël-Holstein, nasceu em Paris no ano de 1766, ficou conhecida como Madame de Staël, e faleceu no significativo dia 14 de julho, no ano de 1817. Foi nesse efervescente momento histórico e intelectual, que Madame baronesa de Staël-Holstein, emergiu como escritora, importante crítica e feroz opositora ao regime napoleônico.⁶

Anne-Louise-Germaine foi filha de Jacques Necker, banqueiro de reputação irrepreensível que chegou a ocupar o cargo de ministro das finanças do Rei Luís XVI, e da suíça Suzanne Curchod, mulher apaixonada pelas letras e pela escrita, e que impôs à Anne-Louise uma educação extremamente rígida apoiada na filosofia, na literatura, nas artes, no aprendizado de línguas e na erudição.

A adoração de Anne-Louise por seu pai era conhecida. Necker, que ocupou cargos de extrema importância na política e na vida pública francesas, escreveu várias obras de cunho político que geraram manifestações contundentes tanto a favor, quanto contra, sofrendo, por certos momentos, calúnias e fortes críticas. Anne-Louise o defenderia até depois de sua morte.

Devido à rígida educação imposta pela mãe, Anne-Louise é retratada em suas biografias como uma criança de hábitos “estranhos”, sem amigos e que, desde muito nova, já começava a escrever textos dotados de um vocabulário, de um conhecimento e até de um rigor intelectual muito superiores aos da grande maioria das crianças de sua idade. Não é de se estranhar, já que Madame Necker, sua mãe,

⁵ CONSTANT, Benjamin apud DIESBACH, 1983.

⁶ As informações sobre Madame de Staël que apresentaremos a partir daqui, foram retiradas da biografia da autora escrita por Ghislain de Diesbach, devidamente citada nas Referências deste trabalho.

se esforçou por transformar sua filha numa “verdadeira biblioteca ambulante” (DIESBACH, 1983, p. 31). Segundo a biografia de Madame de Staël escrita por Ghislain de Diesbach, Madame Necker impôs à filha o aprendizado de conhecimentos mais variados, “desde a matemática até a teologia, passando pelas línguas vivas e mortas, a história e a geografia, sem esquecer das lições de dança e de declamação”. (Ibid., p. 31). Ainda segundo Diesbach, a imposição dessa erudição contribuiria para um quadro depressivo já a partir dos 12 anos de idade.

Quando Anne-Louise atingiu (o que era considerado na época) a idade de se casar, por volta do ano de 1785, muitos candidatos já haviam se apresentado, menos pela personalidade já conhecidamente forte da pretendente, e de sua capacidade intelectual, mas sobretudo pelo nome e reputação de sua família, sua proximidade com a corte, e pela fortuna de Jacques Necker. Ela se casou no dia 14 de janeiro de 1786.

Seu marido, o sueco Eric Magnus de Staël, de quem a autora herdou o sobrenome, era um dos protegidos do rei Gustavo III da Suécia, por conta de sua participação no golpe de Estado de 19 de agosto de 1772, através do qual Gustavo III restaurou sua autoridade real. Eric Magnus de Staël seria nomeado barão e embaixador de seu país.

O casamento com Eric Magnus no entanto - embora tenha gerado 3 filhos - Auguste, Albert (morto em duelo em 1813) e Albertine-Ida-Gustavine, duquesa Broglie - tendo sido arranjado, foi constantemente retratado pela autora, sobretudo em cartas trocadas com amigos, como um episódio vivido sem entusiasmo e sem paixão, e acabou terminando com uma separação formal, no ano de 1800.

Madame de Staël se casou novamente em 1811 com Albert de Rocca, um jovem oficial de Genebra, com quem se encontrava no Castelo de Coppet, na Suíça durante seus períodos de exílio impostos pelo governo de Napoleão Bonaparte, e com quem teve um filho em 1812.

I.4. Dos Salões Literários e o Intercâmbio entre Culturas, às Posições Políticas e o Exílio

A propósito de seu papel como pensadora política, Madame de Staël foi declaradamente opositora ao regime de terror que se instaurou na França em seguida dos primeiros anos da Revolução.

De Staël não era contra a Revolução, mas acreditava que essa teria que ter como propósito principal, a preservação das liberdades dos cidadãos. Ela defendia a criação de um governo representativo, que pudesse manter um equilíbrio através da participação dos cidadãos e do respeito aos direitos individuais. Essas e outras opiniões políticas foram, ou duramente criticadas, ou aplaudidas em sua época, mas jamais passaram despercebidas, pois de Staël as manifestava contundentemente em seus salões literários e em seus escritos.

Quanto aos salões literários, Madame de Staël era responsável pela organização dos mais importantes da época, e foi assim, em um de seus períodos de estadia na Suíça, que um de seus salões acabou dando origem ao que mais tarde seria chamado de «grupo de Coppet ».

O grupo de Coppet foi assim denominado, porque seus membros, parte da elite intelectual-liberal europeia da época, se reuniam em um castelo que levava esse mesmo nome, às margens do Lac Léman, na comuna suíça de Coppet, próximo a Lausanne. O castelo de Coppet, que teria sido erguido em torno de 1.300, e que passou por várias restaurações, foi comprado por Jacques Necker em 1784⁷, e era a residência suíça e local de exílio de Madame de Staël. Faziam parte das reuniões em Coppet, personalidades da época como Benjamin Constant, Charles Victor de Bonstetten (literato e filósofo suíço, um dos pilares do grupo), o também suíço Jean de Sismondi (historiador, economista e ensaísta político), o alemão August Schlegel (que além de crítico, também era tradutor), entre outros.

Esse grupo, do qual participavam intelectuais de diversos países Europeus, emergia na cena intelectual europeia como uma espécie de território neutro e privilegiado, onde diferentes ideias circulavam, e diversas culturas

⁷ Disponível na página *Le Château de Coppet* em: <www.swisscastles.ch/vaud/coppet/>. Acesso em: outubro, 2012.

dialogavam livremente. Ali, Madame de Staël não fazia somente o papel da anfitriã que recebia grande parte das cabeças pensantes da época, mas de uma representante importante no meio desses pensadores. Uma escritora atuante que produzia e que auxiliava a formar as opiniões, a difundir e a discutir as novas ideias trazidas, sobretudo da Alemanha, mas também da Itália e da Inglaterra, que era, segundo Madame de Staël, uma terra de liberdade.⁸

Madame de Staël não restringia suas opiniões às discussões em Coppet, mas fazia questão de manifestá-las através de seus escritos, como é o caso da obra *Considérations sur la Révolution Française*, que foi editada somente após sua morte (em suas *Obras Completas* como será mencionado no item 1.5 deste trabalho), e reeditada em 1983 pela editora Tallandier. Essa edição é composta por 693 páginas divididas em 6 partes, cada uma delas comentada, separadamente, por Jacques Godechot, escritor, historiador, ex-presidente da Sociedade de Estudos sobre Robespierre, e da Comissão Internacional da História da Revolução Francesa. O autor é também responsável pela introdução, organização da bibliografia e cronologia da obra.

A primeira parte de *Considérations sur la Révolution Française*, se inicia com reflexões gerais da autora sobre a Revolução Francesa, seguidas de considerações sobre a história da França. A autora procura ainda, mostrar para seus leitores, o que a opinião pública da época pensava a respeito do governo de Luís XVI, colocando em discussão, com bastante ênfase, o papel de seu pai, Jaques Necker (que é abordado em pelo menos quatro capítulos), como homem público, administrador e conselheiro financeiro do rei. A primeira parte compreende ainda, análises sobre a divisão por ordens dentro dos estados gerais durante a Revolução, e uma espécie de panorama político, econômico e social dos anos que antecederam a Revolução.

A segunda parte da obra abrange os primeiros anos da Revolução, mais especificamente os anos de 1789 até 1791, terminando com as considerações a respeito da aceitação da Constituição de 1791. No capítulo IX, a autora ressalta o que ela chama de “esforços” realizados por seu pai, Necker, em 1789, juntamente com o Partido Popular e da Assembleia Constituinte, para determiná-los a estabelecer a Constituição francesa.

⁸ Disponível na página *Accueil* em: <www.stael.org>. Acesso em: fevereiro, 2012.

Os anos compreendidos entre 1791 e 1797 são abordados na terceira parte da obra, que Madame de Staël inicia com as previsões de seu pai a respeito do futuro da Constituição de 1791. Nessa parte, a autora trata ainda, de questões relacionadas à Assembleia Legislativa, da época chamada de “período do terror” da Revolução Francesa, até a queda de Robespierre, e da introdução de um governo militar na França, abordando algumas campanhas específicas de Napoleão Bonaparte como sua ida ao Egito e a invasão da Suíça. A terceira parte conta, assim como as duas primeiras, com relatos e opiniões de seu pai sobre os assuntos tratados.

A quarta parte de *Considérations sur la Révolution Française*, se inicia com o relato sobre o retorno de Bonaparte do Egito, seguido pela revolução do 18 Brumário e o estabelecimento da constituição consular. A autora opina sobre o poder absoluto de Napoleão Bonaparte, sua conduta, doutrina política, sua forma de legislar e administrar, com as quais jamais concordou, sem deixar, evidentemente, de incluir os relatos de seu pai a respeito de Bonaparte e do consulado. A quarta parte é finalizada com a abdicação de Bonaparte.

Na quinta parte da obra, Madame de Staël trata sobretudo de questões políticas e do que, segundo seu ponto de vista, constituiria um governo representativo, defendendo a restauração do poder dos Bourbon em 1814. Essa parte abrange, ainda, o retorno de Bonaparte ao poder e sua queda definitiva. No capítulo IV dessa parte, Madame de Staël faz uma detalhada descrição das reformas pretendidas pelo seu pai, as quais admirava e defendia.

Finalmente, a sexta parte da obra, é a que mais deixa transparecer as posições políticas e ideológicas de Madame de Staël, na medida em que a autora debate questões mais subjetivas, como por exemplo, o fato dos franceses constituírem ou não uma nação feita para ser livre, a influência do poder arbitrário no espírito e no caráter de uma nação, e ainda, considerações sobre a sociedade inglesa em geral, sua liberdade e seu espírito público.

Atualmente não se pode negar a importância de *Considérations sur la Révolution Française* para o estudo do período da Revolução, e para a compreensão, tanto de seus aspectos políticos e sociais, quanto históricos, mesmo que a obra expresse muitas opiniões pessoais, e às vezes parciais da autora. Na introdução de *Considérations sur la Révolution Française*, Jacques Godechot nos

conta que “Madame de Staël é, sem dúvida, juntamente com Chateaubriand, a mais célebre das escritoras francesas do período revolucionário e imperial.”⁹

As ideias e a formação política de Madame de Staël não foram construídas sozinhas. Ela tinha como respaldo e inspiração, conforme mencionamos na breve apresentação da obra, um dos mais brilhantes economistas e analistas políticos de sua época. Seu pai Jacques Necker, autor de *Traité de l'administration des Finances de France*, entre outras obras, exerceu grande influência no governo monarquista francês, sobretudo quando atuou como ministro das finanças do rei Luís XVI.

Ainda a respeito da importância de Madame de Staël como pensadora política, Jacques Godechot comenta que a autora poderia ser considerada – o que ele denomina de uma expressão feia – uma politicóloga.¹⁰ Godechot comenta ainda, que somente pelo fato de uma de suas principais obras *De l'Allemagne* (a qual apresentaremos devidamente no capítulo que trata do Romantismo e da escolha dos textos traduzidos) ter sido censurada e proibida de ser publicada, ela já seria uma importante representante do que estava acontecendo no cenário político da época, na medida em que demonstrava na prática, a que ponto havia chegado a ditadura de Napoleão Bonaparte. A primeira edição de *De l'Allemagne* começou a ser impressa em Paris em 1810 pela editora Nicolle, mas os exemplares foram destruídos pela polícia imperial, por ordem de Napoleão. A obra só conseguiu ser publicada novamente na França no ano de 1814.¹¹

Madame de Staël é, ainda, reconhecida como precursora do liberalismo político, citado no primeiro item deste capítulo. A autora escreve diversos textos sobre o assunto, um deles dentro da obra *Dix années d'Exil*. As posições políticas da autora, que se mostraram firmes apesar da perseguição napoleônica, acabaram gerando perseguições e o desterro, tendo ela, dessa forma, que passar períodos de sua vida em outros países da Europa.

Mas foi a Alemanha, país para o qual partiu pela primeira vez em 24 de outubro de 1803 na companhia de Benjamin Constant, o país que, por ser retratado pela autora em vários de seus escritos, sobretudo em *De l'Allemagne* como terra das belas letras, da filosofia e do gosto pela literatura, que acabou sendo o responsável

⁹ DE STAËL, Madame. *Considérations sur la Révolution Française*, p.7. [Introdução]

¹⁰ DE STAËL, Madame. *Considérations sur la Révolution Française*, p.8. [Introdução]

¹¹ DE STAËL, Madame. *De l'Allemagne*, vol I. Cronologia.

pelo exílio mais doloroso e duradouro de Madame de Staël. Destacamos aqui, trecho da obra *Dix années d'Exil*, em que a autora assim comenta sua posição política, e sua opinião com relação ao governo napoleônico:

Não é para me desculpar pelo meu entusiasmo em relação à liberdade, que explico as circunstâncias pessoais que contribuíram para tornar mais caro para mim esse ideal. Creio que devo me orgulhar desse entusiasmo ao invés de me desculpar, pois disse desde o início que a grande queixa do imperador Napoleão contra mim, é o amor e o respeito que sempre tive pela verdadeira liberdade. [...] As cenas cruéis que desonraram a Revolução Francesa, que são tão somente tirania sob modalidade popular, não fizeram esmorecer em mim, creio, o culto à liberdade. (STAËL, 1996, p. 46).

Ainda em 1803, no mês de dezembro, de Staël chega em Weimar, onde permanece até 1º de março de 1804. Ali, ela foi recebida pela corte e se encontrou com Goethe, Schiller e Wieland. Através de seus contatos alemães, entre eles os irmãos Schlegel, que, juntos, são os dois nomes mais importantes dessa primeira geração dos românticos alemães, presenciou a efervescência intelectual e artística da primeira geração do romantismo na Alemanha. A proximidade de Madame de Staël com August Wilhelm Schlegel, ia além das afinidades intelectuais, pois o tradutor e teórico alemão foi preceptor dos filhos de Madame de Staël.

As ausências de Madame de Staël da França e do Château de Coppet na Suíça, no entanto, não foram todas fruto de perseguição política. De Staël dizia que era necessário ter um “espírito europeu”, e por isso, a autora empreendeu viagens pela Europa a fim de conhecer de perto outras culturas, entrar em contato com outros opositores ao governo napoleônico, e inspirar-se para a produção de seus textos, como foi o caso de sua viagem à Itália em 1804, por exemplo. Vale lembrar que, entre o século XVIII e XIX, empreender viagens à Itália era quase condição *sine qua non* para o indivíduo que almejasse apurar sua formação cultural e intelectual. Em seguida ao seu retorno, a autora se instalou no Château de Coppet, e começou a escrever *Corinne ou l'Italie*, obra que, desde o título, externa a grande influência sofrida pelas experiências vividas na Itália.

Romance cosmopolita passado em mais de um país (França, Inglaterra e Itália), *Corinne ou l'Italie* narra a história de uma mulher poetisa, e foi o romance que inaugurou o debate sobre a condição feminina, defendendo a liberdade de escolha das mulheres para, inclusive, como a própria Madame de Staël, seguir carreira de escritora. Apesar de menos reconhecida que *De l'Allemagne* e *De la*

Littérature, a obra prefigurou também as origens do Romantismo, como indica o trecho a seguir:

Como podem dois seres que se confiaram seus pensamentos mais íntimos, que conversaram sobre Deus, sobre a imortalidade da alma, sobre a dor, tornaram-se, de repente, estranhos um ao outro? Espantoso mistério é o amor! Sentimento admirável ou nulo! Religioso como eram os mártires, ou mais frio que a mais simples das amizades. O que existe de mais involuntário no mundo, vem do céu ou das paixões terrestres? Deve-se combatê-lo ou submeter-se a ele? Ah! quantas tempestades ocorrem no âmago do coração! (STAËL, 1985, p. 609)

Madame de Staël passou ainda períodos na Rússia, na Suécia, e na Inglaterra. Em São Petesburgo, conheceu o Barão de Stein (opositor ao governo napoleônico). Em 1813, em Londres, ela se encontrou com o futuro Luís XVIII, que acabou mais tarde por restaurar temporariamente a monarquia na França. Madame de Staël via no futuro monarca alguém capaz de instaurar na França uma monarquia constitucional, e acabou se tornando uma defensora da restauração da monarquia diante do terror instaurado pela Revolução, e das arbitrariedades do governo napoleônico.

I.5. Panorama da obra de Madame de Staël

No que diz respeito às edições da obra da autora, vale ressaltar que a maioria de seus escritos foram publicados apenas em 1820, na primeira edição de suas *Obras Completas* (Firmin-Didot et Treuttel et Wurtz, de Paris) originalmente organizada e publicada logo após a sua morte por Auguste de Staël, seu segundo filho. A edição a que tivemos acesso (em versão digitalizada) data de 1838. Após essa data, não houve mais nenhuma reedição de suas *Obras Completas*. Uma nova edição está sendo preparada atualmente pela editora Champion, em Paris, e será compilada em 7 volumes, dos quais 4 já foram publicados.¹²

As *Obras Completas* originais são compostas por 17 volumes, e cada um possui, em média, 500 páginas. O primeiro volume, que tem por título *Notice sur le caractère et les écrits de Madame de Staël: Lettres sur J.J. Rousseau*, traz, como parte introdutória, o texto "Avertissement de l'Éditeur", escrita pelo filho de Madame de Staël. Em seguida, a primeira parte compreende a biografia de Madame de Staël escrita por sua prima Albertine Necker de Saussure, que será retomada em alguns trechos deste trabalho a fim de exemplificarmos certas considerações que serão feitas sobre a recepção da obra de Madame de Staël.

A segunda parte do primeiro volume foi escrita por Madame de Staël, é intitulada "Lettres sur les écrits et le caractère de J.J. Rousseau". Essa parte possui um primeiro prefácio do ano da primeira edição da obra (1788), e um segundo prefácio datado de 1914. Ao todo, são 6 Cartas escritas por Madame de Staël sobre a vida (incluindo até alguns gostos bastante pessoais) e a obra de Jean-Jacques Rousseau, sendo: "Lettre 1: Du style de Rousseau, et des ses premiers discours, sur les sciences, l'inégalité des conditions, et le danger des spectacles"; "lettre 2: D'Héloïse"; "lettre 3: D'Émile"; "lettre 4: Sur les ouvrages politiques de Rousseau"; "lettre 5: Sur le goût de Rousseau par la Musique et la Botanique"; "lettre 6: Sur le caractère de Rousseau".

O segundo volume, de 393 páginas, intitulado *Escritos Diversos*, compreende "Réflexions sur le Procès de la Reine" (publicado em agosto de 1793) e "Réflexions sur la paix adressées a M. Pitt et aux français", de 1794, e é composto

¹² Disponível em: < www.stael.org >. Acesso em fevereiro, 2012.

por duas partes, sendo que a primeira possui 3 capítulos. Este segundo volume, compreende ainda, “Réflexions sur la paix intérieure” (texto de 1795 composto por duas partes), “Essai sur les fictions”; “Trois Nouvelles” (composto por um prefácio e mais as 3 novelas: “Mirza ou Lettre d’un voyageur”, “Adelaide et Theodore”, e “Histoire de Pauline”), e finalmente o texto “Zulma: Fragment d’un ouvrage”.

O terceiro volume, de 403 páginas, foi dedicado para as obras *De l’Influence des Passions sur le Bonheur des Individus et des Nations* (dividida em 3 seções), e *Reflexions sur le Suicide*, dividida também em 3 seções. Atualmente, esses dois textos fazem parte de uma única publicação das Edições Payot & Rivages, cuja última impressão (com prefácio de Chantal Thomas) é do ano de 2000.

Composto por 621 páginas, o quarto volume das *Obras Completas* de Madame de Staël traz aquela que é considerada sua primeira obra de peso, *De la Littérature : Considérée dans ses rapports avec les Institutions Sociales*. A obra foi publicada pela primeira vez em 1800, ano em que já conheceu sua segunda edição. O quarto volume das *Obras Completas* compreende o prefácio desta segunda edição, e a obra *De la Littérature* na íntegra, que está dividida em um discurso preliminar e mais duas partes.

Os volumes 5, 6 e 7 das *Obras Completas* são dedicados à publicação da novela *Delphine* e seus primeiro, segundo e terceiro volumes, respectivamente. Outra novela de Madame de Staël, *Corine ou l’Italie*, aparece publicada nos volumes 8 e 9.

Os volumes 10 e 11 compreendem a obra *De l’Allemagne*, e seus volumes 1 e 2, respectivamente. Ao todo, esses dois volumes das *Obras Completas* que tratam da Alemanha, totalizam 1.134 páginas. *Considérations sur la révolution française*, com 1.291 páginas no total, é a obra publicada nos volumes 12, 13 e 14 das *Obras Completas* de Madame de Staël.

O décimo quinto volume traz a obra *Dix années en exil*, e o décimo sexto, alguns ensaios dramáticos da autora, a saber: *Agar dans le désert* (obra lírica, composta em 1806); *Geneviève de Brabant* (drama em prosa em 3 atos, composto em 1808); *La Sunamite* (drama em prosa em 3 atos, composto também em 1808); *Le Capitaine Kernadec ou Sept Années en un jour* (comédia em prosa em 2 atos, composta nos finais de 1810); *La Signora Fantastici* e *Le mannequin* (ambos de 1811) e *Sapho* (drama em prosa em 5 atos, composto em 1811).

Finalmente, o décimo sétimo volume das *Obras Completas* de Madame de Staël, intitulado *Mélanges*, é um conjunto de traduções, ensaios dramáticos e diversos textos da autora, sobre temas diversos, como por exemplo, "Articles de M. de Staël insérés dans la biographie universelle"; "Appel aux Souverains réunis à Paris, pour en obtenir l'abolition"; "De l'esprit des traductions"; "Épître sur Naples", "La Bayadère et le Dieu de l'Inde" e "Le Pechêur" (sendo as duas últimas traduzidas de Goethe), entre outros.

Depois de selecionados os excertos através das *Obras Completas*, procuramos identificar se existiam edições mais recentes, em que um ou vários destes excertos pudessem ter sido publicados. Encontramos edições recentes de todos os excertos que serão traduzidos, exceto o artigo "De l'Esprit des Traductions", o qual traduzi diretamente do 17º volume das *Obras Completas* de Madame de Staël.

A coleção das *Obras Completas*, compreende, portanto, boa parte dos escritos de Madame de Staël. Falamos em "boa parte" porque não fazem parte delas os escritos ditos "extraoficiais" da autora. Isto se deu porque, após a morte de Madame de Staël, sua família, que era influente e rica o suficiente para atuar como seu próprio mecenas, iniciou uma verdadeira empreitada com o objetivo de imortalizar o nome da escritora, e lembrá-la como uma figura importante de sua época, sem no entanto, mencionar seus casos extraconjugais e suas relações com alguns dos homens mais influentes de seu tempo.

Essa empreitada, além de inaugurar um novo tipo de discurso crítico sobre a autora, que será devidamente comentado no segundo capítulo deste trabalho, exclui a publicação das cartas que Madame de Staël trocava com amigos, personalidades da época, e com alguns homens com quem mantivera relações amorosas, como é o caso do conde e general francês Louis-Marie-Jacques-Almaric de Narbonne-Lara, e de Benjamin Constant. Essas cartas só foram publicadas mais tarde. Como exemplo, podemos citar as cartas trocadas com Narbonne, que só vieram a público em edição de 1960 pela editora Gallimard sob o título de *Lettres à Narbonne*. Existem ainda, as correspondências escritas para destinatários diversos, publicadas em 1970 pela editora Klincksieck, sob o título *Madame de Staël, ses amis, ses correspondants: Choix de Lettres (1778-1817)*, entre outras.

Alguns escritos que aparecem nas *Obras Completas* que apresentamos, ganharam reedições mais recentes, publicados em editoras diversas

como a Gallimard, a Tallandier e a GF-Flammarion, como por exemplo, *De l'Allemagne*, *Delphine*, *Corine ou l'Italie*, *Réflexions sur le procès de la Reine*, *Trois Nouvelles*, *De la Littérature*, *De l'Influence des passions suivi de Réflexions sur le suicide* e *Considérations sur la Révolution Française*.

É importante abrir aqui um parêntese, para mencionar Simone Balayé, e sua importância nos estudos e sobretudo nas edições mais recentes da obra de Madame de Staël. Balayé foi grande estudiosa de Madame de Staël, e dedicou 40 anos de sua vida a essas pesquisas.

Simone Balayé foi uma representante da tradição que centrou seus estudos na obra e na herança literária de Madame de Staël, e além de historiadora da Biblioteca François Mitterrand, foi presidente da *Société d'Études Staëliennes* a partir do ano de 1984.¹³ Foi Balayé a responsável pela reedição de vários escritos de Madame de Staël, sendo que o primeiro entre eles foi *Lettres à Ribbing*. Balayé - que defendeu sua tese de mestrado sobre Madame de Staël em 1973, em Clermont-Ferrand - além de se dedicar a escrever sobre a vida e a obra de Madame de Staël (além da tese e dos artigos para a *Cahiers Staëliennes*, publicou livros como *Madame de Staël: Lumières et Liberté*, e *Madame de Staël: écrire, lutter, vivre*), escreveu boa parte dos prefácios e das introduções das reedições da obra de Madame de Staël a partir dos anos 60, como é o caso de *De l'Allemagne*.

I.6 Das circunstâncias de recepção da obra de Madame de Staël e de sua relevância

Na direção contrária do principal foco de interesse deste trabalho, a primeira recepção da obra de Madame de Staël foi fortemente marcada por um discurso crítico mais centrado no espetáculo de sua vida do que na relevância de sua obra. Como exemplo maior desse discurso inscrito na tradição de exaltar os fatos pessoais da vida de Madame de Staël, houve o caso de Albertine Necker de Saussure, prima de Madame de Staël e primeira biógrafa oficial da autora. Essa biografia foi publicada pela primeira vez em 1821 no primeiro volume das *Obras*

¹³ Disponível na página *Accueil* em: <www.stael.org>. Acesso em maio, 2012.

Completas de Madame de Staël, logo após a “Avestissement de l’Éditeur” (escrita pelo filho da autora), sob o título de *Notice sur le caractere et les écrits de Madame de Staël*.

Apesar de conter comentários sobre as obras da autora, já na segunda página da biografia, Albertine Necker de Saussure, ao falar de Madame de Staël, afirmou que “nada do que ela produziu se compara à sua pessoa”,¹⁴ deixando claro que o que interessa ali são realmente os episódios relativos à vida pessoal de Madame de Staël. A biografia de Necker de Saussure, que negligenciou a importância literária da obra de Madame de Staël, acabou estabelecendo os parâmetros do discurso crítico sobre a autora durante pelo menos um século. O teórico belga André Lefevère nos chama a atenção para esse aspecto. Sobre a biografia escrita por Albertine Necker de Saussure, Lefevère nos diz:

Os escritos de Madame de Staël foram desvalorizados não uma vez, mas duas. Não só sua obra é representada como sendo inferior à sua personalidade, mas Necker de Saussure vai adiante sugerindo que Madame de Staël nunca teve a intenção de produzir “arte” propriamente dita. (LEFEVÈRE, 2007, p. 225).

Dentro desse discurso preestabelecido, certos autores chegaram a concentrar seus comentários nas relações amorosas e extraconjugais de Madame de Staël, e a desdenhar de sua condição de mulher. Alguns desses autores, inclusive, utilizaram essa condição para “desculpar” alguns aspectos do comportamento de Madame de Staël. (LEFEVÈRE, 2007). Sobre essa questão, Lefevère, citando um desses autores que escreveu sobre Madame de Staël, comenta: “Cousin d’Avalon cita um certo jesuíta, Cerutti, dizendo: ‘Madame de Staël tem um plano; está claro; ela quer ir além de seu sexo.’ ” (Ibid., p. 231)

A tradição de evidenciar passagens da vida íntima e pessoal de Madame de Staël, a partir de Necker de Saussure, prosseguiu através dos anos. O próprio título de uma das biografias mais conhecidas sobre a autora, escrita por Joseph Turcan e publicada em 1926, já evidenciava esse fato. A obra se chama *Madame de Staël: Sua vida amorosa, política e mundana*.

Ghislain de Deisbach, afirma que, somente após a fundação da *Société d’Études Staëliennes*, “o lugar de Madame de Staël na história foi melhor definido,

¹⁴ Necker de Saussure apud LEFEVÈRE, 2007, p. 224

sua influência e suas ideias melhor julgadas, e sua existência melhor conhecida.” (DIESBACH, 1983, p. 17). Mesmo admitindo que até então a verdadeira personalidade de Madame de Staël havia sido camuflada por calúnias e fofocas maliciosas, o próprio Diesbach, em sua já citada obra de 585 páginas sobre a autora, não dedicou mais do que algumas referências, citações e comentários ligeiros sobre os escritos de Madame de Staël, detendo-se nas questões pessoais da autora enquanto escrevia este ou aquele livro, no sucesso ou no desconforto gerado por esta ou aquela obra, no que deveriam estar pensando este ou aquele personagem importante da época sobre seus escritos.

A maioria dos críticos de Madame de Staël, portanto, sobretudo os franceses, acabaram por eclipsar sua importância literária e seu papel político e intelectual em sua época, em detrimento da exploração de episódios de sua agitada vida pessoal, ressaltando aspectos sensacionalistas da mesma, na maioria das vezes ligados aos seus casos amorosos, e através de abordagens preconceituosas e pouco preocupadas com a verdadeira herança cultural, intelectual e literária de Madame de Staël – sobretudo no que diz respeito a seu papel como difusora do Romantismo na França.

Essa perspectiva só se transformou mais recentemente, a partir dos trabalhos de Simone Balayé e, sobretudo, do historiador e teórico da literatura Paul Bénichou, que se detiveram na análise da obra de Madame de Staël, revelando-a como escritora de peso e personalidade política atuante, que exercia importante papel social em sua época.

O historiador e teórico argelino Paul Bénichou, em sua obra sócio-filosófica *Romantismes Français*¹⁵ composta por 2 volumes de quase 1.000 páginas cada, fez uma análise minuciosa da literatura que começa a surgir no Século das Luzes, passando pelas criações literárias da contrarrevolução e terminando no surgimento do Romantismo. Em seu estudo, o autor levou em consideração o momento e as condições históricas e sociais dos períodos abordados. Porém, segundo Bénichou, sua análise seria tão somente um prefácio de uma longa história, que produziria seus ecos até os nossos dias.

¹⁵ BÉNICHOU, Paul. **Romantismes Français I: Le sacré de l'écrivain et Le temps des prophètes**. Paris: Gallimard, 1996. Para a reflexão que se segue neste item, será tomado como base esse trabalho de Bénichou.

Ainda segundo Bénichou, sua obra é uma tentativa de descrever os fatos importantes, através de uma análise das grandes obras da época e do eco produzido por elas, e da descoberta das fontes que geraram a maioria dessas obras dentro dos movimentos de opinião da época. Dentro desse contexto, Bénichou dedicou um capítulo do primeiro volume de seu estudo (por sua vez dividido em duas partes, *Le Sacre de l'Écrivain* e *Le Temps de Prophètes*), para fazer sua interpretação da obra e do papel social e político de Madame de Staël.

No capítulo intitulado “Germaine de Staël e Benjamin Constant”, Bénichou inicia comentando sobre a coerência de opiniões de Madame de Staël, diante, sobretudo, do inquietante e movimentado quadro político de sua época. O autor nos diz que o que melhor definiria Madame de Staël seria sua atitude face à Revolução Francesa, pois a autora, segundo Bénichou, além de não ter modificado suas opiniões e sua filosofia de um modo geral após os desconcertantes acontecimentos da Revolução, manteve intacto, “apesar da experiência do Terror [...], o espírito de reforma e modernidade surgidos nas mesmas fontes familiares [...]”. (BÉNICHOU, 1996, p. 218).

O autor prossegue através de uma análise das obras de Madame de Staël, iniciando com *De la Littérature*, obra em que de Staël, na medida em que saiu em defesa das luzes, da literatura, da filosofia, da poesia, da liberdade, da glória e de outros temas, considerados por Madame de Staël como virtudes (aos quais a autora dedica capítulos inteiros), se manteve firme em sua posição contrária à violência gerada pela Revolução e pela futilidade da sociedade da época, dominada, sobretudo, pelo que a autora percebe como vaidade masculina.

Bénichou comenta a proximidade e afinidade do pensamento da autora com o de Benjamin Constant, afinidade esta que existia, antes mesmo de se encontrarem, e de iniciarem sua amizade, sua troca de ideias e sua posterior relação amorosa. Esse, porém, é o único comentário a respeito da vida pessoal da autora feito por Bénichou em todo capítulo dedicado à Madame de Staël, pois o autor se detém, exclusivamente, à análise da obra da autora e em seus desdobramentos políticos, sociais e filosóficos.

O autor comenta sobre a aproximação feita por Madame de Staël, entre filosofia e a arte e a religião, uma visão, segundo ele, humanista, onde o céu já não seria o único lugar possível para abrigar o divino. O homem, através, sobretudo do entusiasmo, o qual, segundo Madame de Staël, “está ligado à harmonia

universal” (DE STAËL, 1968, vol. II), consegue fazer florescer em si a liberdade criativa e o sentimento do divino, sendo ele um mediador de Deus através mesmo de sua imaginação e de sua arte.

Em suas considerações sobre Madame de Staël e sua contribuição para o Romantismo, Bénichou tece comentários sobre a obra *De l'Allemagne*, colocando-a, não exclusivamente como um manual prático que teria por objetivo difundir o pensamento e a cultura alemães, mas também como uma obra em que a espiritualidade da autora se mostrou mais evidente.

Dando continuidade à sua análise, Paul Bénichou parte em direção à obra *De la Littérature*, a qual, segundo ele, seria o início de uma empreitada de Madame de Staël contra o egoísmo e a valorização dos interesses pessoais. Tanto de Staël, quanto Constant, comungavam da ideia do sacrifício como redenção dos pecados e das fraquezas de caráter do homem, e uma das únicas formas de se atingir a dor, a qual, por sua vez, nos faz enxergar a verdadeira profundidade da existência.

O tema recorrente do sacrifício na obra de Madame de Staël, além de ser para a autora uma forma de se atingir um caráter mais elevado, uma alma mais pura e nobre, era também uma forma de se opor aos radicalismos cometidos pela Revolução, que, desde seu início e com o passar dos anos, foi tomando uma dimensão cada vez mais violenta e extremista. O extremismo, a violência e a tirania representavam, por sua vez, o oposto do entusiasmo, pois entusiasmo é liberdade. Segundo Bénichou, esse tipo de argumentação é um tema recorrente, tanto na obra de de Staël, quanto na de Constant, formando, inclusive, “uma das peças fundamentais de seu sistema de pensamento.” (BÉNICHOU, 1996, p. 225).

De Staël, que, em termos políticos, comungava com as opiniões liberais de sua época, comparava frequentemente o período revolucionário que se iniciou em 1789 na França, espalhando-se por vários países da Europa, com o período das invasões bárbaras. Bénichou nos chama a atenção para o termo “bárbaros”, que, segundo o autor, foi bastante frequente, sobretudo no período entre 1800 e 1850, e que acabou por gerar conotações diferentes, tanto positivas quanto negativas. Segundo o autor, Stendhal, por exemplo, chegou a utilizar esse termo,

mas dava a ele uma conotação positiva, “tanto aos Bárbaros da Idade Média, como aqueles de hoje, revolucionários de 1793 ou românticos de 1830.”¹⁶

Bénichou comenta, ainda, a proximidade das reflexões de Madame de Staël com as do escritor Ballanche¹⁷, quando ambos trataram do tema dos bárbaros em seus textos, pois ambos, ao mencionarem a Revolução como uma “irrupção de uma massa de homens de um nível de sociedade e de civilização de onde eles estavam, até então, excluídos”, comparavam estes homens a uma invasão vinda do estrangeiro. (Ibid., p. 227) “Tentando compreender através de quais influências espirituais os bárbaros da alta Idade Média foram integrados no final das contas à civilização que eles modificaram”, nos diz Bénichou, Madame de Staël “acreditava observar neste processo histórico a ação decisiva do cristianismo, que fundiu, numa única sociedade, os costumes dos invasores e os do velho mundo.” (Ibid., p. 227)

Evidenciando as características inerentes ao Romantismo desse período na obra de Madame de Staël, e dessa forma, ratificando a importância da produção literária da autora, Paul Bénichou se atém às questões do entusiasmo e da religião na obra de Madame de Staël, dessa vez, colocando-os como sentimentos que a autora traduz através de uma visível melancolia moderna, trazendo consigo um constante ingrediente de tristeza. Diversas passagens da obra de Madame de Staël confirmam esse sentimento, que está bastante presente, por exemplo na obra *De la littérature*, onde a autora chega a afirmar, inclusive, que “tudo que o homem realizou de maior, ele deve ao sentimento doloroso da incompletude de seu destino.” (STAËL, 1998, p.139).

Paul Bénichou nos esclarece que tal foi a importância e a influência dos escritores na época da Revolução (entre eles Madame de Staël e Benjamin Constant), que são eles que, apesar de todas as dificuldades impostas pelo período, “formarão a opinião das novas instituições e dos novos costumes correspondentes a elas.” (BÉNICHOU, 1996, p. 229).

Importantes de serem comentadas também, são as considerações que Bénichou faz a propósito da poesia dentro da obra de Staël, a qual, segundo ele, “ocupa um lugar muito pequeno.” A geração do Romantismo a que aqui nos referimos, à qual nossa autora pertence, parecia acreditar que o panorama histórico

¹⁶ Stendhal. apud Bénichou, 1996, p. 226.

¹⁷ Pierre-Simon Ballanche, escritor e filósofo francês, nascido em Lyon, em 4 de agosto de 1776, falecido em Paris em 12 de junho de 1847.

da época não permitia que a elite pensante, ainda segundo Bénichou, se “desse ao luxo de se entregar às ilusões próprias da criação poética”, e a própria Madame de Staël, em uma das suas considerações sobre a poesia, falando especificamente da França, dizia que “o caráter francês nunca foi notável nesse gênero.” (STAËL, 1998, p. 359). Segundo Bénichou, Constant chegou a afirmar que jamais gostou de poesia em língua alguma. No entanto, Bénichou nos leva a crer que, mesmo de Staël não tendo sido jamais poeta, e ter consagrado uma parte muito pequena de seus escritos à poesia, ela também trouxe a sua contribuição para esse gênero na medida em que:

O conhecimento que ela adquiriu do idealismo alemão, tão marcado de esteticismo, e tão inclinado a dignificar a poesia, sem dúvida ativou o movimento natural de seu pensamento [...]. Desta forma, ela nomeia poesia o princípio de todas as emoções que confirmam a fé espiritualista, e neste sentido, poesia e religião são mais ou menos sinônimos sob sua pena, não sendo propriamente nem poesia nem religião, mas variantes desse entusiasmo que está no centro de sua crença. (BÉNICHOU, 1996, p. 229).

É importante ainda, tecer alguns breves e iniciais comentários a respeito do espaço ocupado pela filosofia na obra de Madame de Staël. Publicada inicialmente em 1788 (e depois nas *Obras Completas*), a obra *Lettres sur le caractère et les écrits de Jean-Jacques Rousseau* demonstra a grande influência exercida pela filosofia na formação literária, política e pessoal de Madame de Staël, e ainda a grande admiração e conhecimento que a autora possuía da obra do filósofo suíço. De Staël segundo Bénichou, começa a desenhar um sistema de pensamento a partir da publicação de suas cartas sobre os escritos de Rousseau. Sistema esse que pretendia “conciliar o retorno à verdade natural segundo Rousseau, e o desenvolvimento da ordem civil”, e que foi sempre defendido pela autora. Na verdade, completa Bénichou, esse sistema representou “uma síntese do pensamento do século XVIII [...] e implicou, ao mesmo tempo, moderação e abertura às novidades.” (BÉNICHOU, 1996, p. 219)

Esta dualidade que sempre permeou a existência de Madame de Staël, renderia amargas consequências para a vida da autora, que não era vista com bons olhos nem pelos republicanos, nem pelos monarquistas. “A República me exila; a

contrarrevolução manda me prender” (STAËL, 1903 apud BÉNICHOU, 1996)¹⁸, dizia a autora.

Ainda tratando de questões filosóficas, é importante ressaltar o impacto causado pela leitura de Immanuel Kant por Madame de Staël, que dedicou alguns capítulos do segundo volume de *De l'Allemagne*, à análise da filosofia alemã e sobretudo da obra de Kant. No capítulo VI da citada obra, denominado “Kant”, a autora teceu considerações sobre a vida, a obra e as influências de Kant em seus pensamentos. “Poder-se-ia extrair dos escritos de Kant uma infinidade de ideias brilhantes sobre todos os temas”, afirmou de Staël. (STAËL, 1968, vol. II, p. 140).

A autora encontrou em Kant um respaldo para sua crítica ao utilitarismo, à filosofia puramente materialista, e aos dois “sistemas sobre o entendimento humano”, que existiam antes do filósofo alemão. Esses “sistemas” eram, segundo a autora, de um lado, aquele de Locke, que “atribuía todas as nossas ideias a nossas sensações”, e por outro lado, aquele de Descartes e Leibniz, que “procuravam demonstrar a espiritualidade e a atividade da alma, o livre arbítrio, enfim, toda a doutrina idealista”. (Ibid., p. 128). Para a autora, tanto um “sistema” quanto o outro baseavam-se em provas “puramente especulativas”.

Kant, por sua vez, queria “restabelecer as verdades primitivas e a atividade espontânea na alma, a consciência na moral, e o ideal nas artes”, objetivos que, segundo de Staël, foram plenamente alcançados pelo filósofo alemão, pois, segundo ela, os princípios kantianos permitiriam fundamentar uma moral na interioridade do sujeito, em oposição aos princípios alicerçados na exterioridade dos interesses, princípios esses a que de Staël dedicou todo o capítulo VII da obra supracitada, destacando que “ao examinar os argumentos de Kant contra a moral fundada sob o interesse pessoal”, examinaria ainda “a sublime teoria que ele coloca no lugar desse sofismo hipócrita ou dessa doutrina perversa.” (STAËL, 1968, vol. II, p. 135)

Ainda sobre a moral kantiana, e a convergência dessa com sua linha de pensamento, Madame de Staël destacou que

[...] é o sentimento que nos dá a certeza de nossa liberdade, e essa liberdade, é o fundamento da doutrina do dever; pois, se o homem é livre,

¹⁸STAËL Holstein, Germanaine Necker (Madame de). **Lettres inédites de Mme de Staël a Henri Meister**, Ed. Usteri et Ritter, Paris, 1903, p. 147 (carta de 22 de abril de 1797).

ele deve prover para si mesmo motivos poderosos que combatam a ação de objetos exteriores e libertem a vontade do egoísmo.” (Ibid., p. 135)

É fundamental, no entanto, esclarecer que, apesar de Kant ser um dos filósofos de maior influência nessa época, os românticos alemães (especialmente os da primeira geração, ou seja, justamente os mentores de Madame de Staël), foram também os primeiros grandes críticos do filósofo, especialmente por seu racionalismo, que não reservava lugar para a sensibilidade, a introspecção, e a valorização do sentimento. Tendo em vista, no entanto, os principais objetivos deste trabalho, não será possível, nesse momento, aprofundarmo-nos devidamente nas questões filosóficas. Essas questões, apesar de permearem vários dos escritos de Madame de Staël e possuírem grande importância no conjunto de sua obra, serão aqui apenas mencionadas a título de contextualização da obra da autora, e como exemplo do alcance dos seus escritos para além de questões específicas ao Romantismo.

Outro exemplo significativo de como a obra de Staël transcende os domínios do Romantismo, é com relação ao papel que a autora exerceu como precursora do feminismo e defensora dos direitos das mulheres. Um de seus textos mais representativos nesse sentido é *Réflexions sur le procès de la Reine*, publicado na Inglaterra e na Suíça em 1793, com o intuito de defender a Rainha da França Maria Antonieta, e tentar livrá-la da condenação à guilhotina.

De Staël nunca possuiu um relacionamento próximo com a Rainha, pelo contrário, esta última era o símbolo do antigo regime agora combatido, e a primeira uma das defensoras mais ferrenhas das novas ideias, de um governo democrático e da liberdade. A autora porém, ao tomar conhecimento da forma violenta como havia sido invadido o Castelo de Versailles, residência oficial da Rainha, obrigou-se a tomar uma posição, e colocou-se a defendê-la do ódio da multidão, que, para ela, era escrava de uma opinião pública manipulada e manipuladora, como mostra trecho a seguir de *Réflexions sur le procès de la Reine*:

[...] para excitar a multidão, não cessaram de repetir que a rainha era a inimiga dos Franceses, e, através dessa culpa, acordaram-na das formas mais ferozes. Não conheço nada mais culpado do que dirigir-se ao povo através de ações passionais; pode-se até perdoá-los por acusá-la, mas no acusador, a eloquência é um assassinato. (STAËL, 1996, p. 32)

A despeito da rejeição e da hostilização de grande parte da população francesa, e dos comentários gerais de que a Rainha seria uma mulher fútil, frívola, má mãe, ninfomaníaca, homossexual, obscena, entre outros, Madame de Staël saiu em sua defesa e na defesa da importância de seu papel como mulher e mãe, talvez até pelo fato da própria autora ter sido, por várias vezes em sua vida, vítima de calúnias e de comentários preconceituosos. O trecho a seguir, nos mostra parte da defesa que Madame de Staël fez à Rainha, ressaltando sempre seu papel de mãe e de mulher:

Oh vós, mulheres de todo país, de todas as classes sociais, ouçam-me com toda a emoção que aqui experimento! O destino de Maria Antonieta encerra tudo aquilo que pode tocar vossos corações; se vocês são felizes, ela também foi; se vocês sofrem, faz um ano, faz ainda mais tempo, todos os sofrimentos da vida dilaceraram seu coração; se vocês são sensíveis, se são mães, ela amou com toda a força da alma [...] (STAËL, 1996, p. 20)

De Staël, em suas reflexões (que a princípio foram publicadas anonimamente), tentou evidenciar, que o que estava sendo colocado em pauta não era a posição da Rainha como antirrevolucionária e defensora do antigo regime, mas sim comentários infundados e opiniões tendenciosas e xenófobas, as quais teriam tomado proporções demasiadamente grandes, justamente pela condição de mulher de Maria Antonieta (STAËL, 1793 apud THOMAS, 1996).¹⁹ E são justamente as mulheres o público principal que Madame de Staël pretendeu atingir, na medida em que é a elas que a autora se dirigiu em grande parte de seu texto para clamar por justiça: “Eu venho até vocês, mulheres imoladas todas em uma mãe tão terna, imoladas todas pelo atentado que será cometido sob a fraqueza, pela destruição da piedade; [...] Defendam a rainha através de todas as armas da natureza [...]” (Ibid., p. 20)

A autora já demonstrava aí sua inclinação para a defesa dos direitos das mulheres, sendo que seus escritos sobre este tema lhe renderam a alcunha de primeira feminista da história. A esse respeito, Julia Kristeva assim nos esclarece:

Quando Madame de Staël implora clemência para Maria Antonieta, tenho certeza de que em seu pleito se misturam o orgulho ferido da humanista que abomina o massacre, a cólera da aristocrata diante da selvageria da opinião comum e a revolta de uma *feminista* bem antecipada, insurgida contra a opressão às mulheres. Tudo isso é largamente suficiente para

¹⁹ THOMAS, Chantal. **Considérations sur le procès de la Reine**. Mercure de France, Paris, 1996.

sustentar, se não para provocar, uma certa inclinação para a infelicidade. Germaine de Staël advoga a inocência da Rainha, sua feminilidade, sua excentricidade, sua maternidade. Sustenta que, a partir de um grau elevado, a queda é mais dolorosa. Definitivamente, considera injuriadas por esse sacrifício todas as mulheres, em sua fraqueza social e em sua fragilidade de mães. [...] Mesmo diante do suplício, o pensamento da glória não abandona Madame de Staël. Mas são a fraqueza e a dor femininas, ferozmente varridas pela tirania revolucionária, que lhe parecem superiores. (Kristeva, 2001, p. 178 - 179)

Os textos de Madame de Staël que partem em defesa das mulheres, no entanto, não se restringiram às reflexões sobre o processo de Maria Antonieta. Em *De la Littérature*, temos outro exemplo de como a autora podia ser contundente em suas opiniões. No capítulo em que tratou das obras da imaginação, ao comentar sobre os gracejos e zombarias apresentados ao público através do teatro, Madame de Staël abordou a questão dos gracejos feitos a mulheres traídas. A autora assim nos expõe sua opinião:

Não se cessa, por exemplo, de nos apresentar no teatro, a conduta imoral de homens contra mulheres, com a intenção de zombar de mulheres traídas. [...] Os homens que desejam que seus vícios e suas baixezas sejam vistos como gracejos, com o propósito de envaidecer-se para vocês mulheres, as quais eles habilmente traíram, e não esperavam ser descobertos um dia; esses homens que desejam esconder sua incapacidade através de sua perversidade, gabando-se de que jamais ninguém descobriria que um espírito tão forte contra a moral universal, é tão fraco em suas concepções políticas, seus caracteres tão independentes da opinião dos homens honestos, e tão vulneráveis diante daquela dos homens poderosos, estes charlatões de vícios, estes afrontadores de princípios elevados, estes que zombam das almas sensíveis, são eles que devem ser expostos ao ridículo que eles criaram, esfolá-los como seres miseráveis, e abandoná-los ao riso das crianças. Simplesmente voltar contra eles o poder enérgico da indignação; é necessário saber tirar deles até aquela reputação de fineza no trato e de insolência com a qual eles contavam, como compensação da perda de estima. (STAËL, 1991, p. 348)

A despeito da sua visão lúcida sobre a posição e a desvalorização das mulheres de sua época, Madame de Staël mantém a fé na dignidade essencial que faria parte da essência dos homens. Essa fé é evidenciada em suas passagens que tratam da religião, que foi sempre pensada pela autora através de um viés bastante particular, que combinava religiosidade e filosofia. Para o teórico Bénichou, em se tratando de religião, Madame de Staël e Chateaubriand "vão muito além de Rousseau", pois os autores trataram da religião propriamente dita, sem no entanto sujeitá-la a dogmas particulares. (BÉNICHOU, p. 221). Para os autores, "tudo aquilo que atesta a grandiosidade do homem é dado por religioso." (Ibid., p. 222).

É mais uma vez em *De l'Allemagne* que o espiritualismo de Madame de Staël acentuou-se com relação aos seus escritos anteriores, pois nessa obra a autora defendeu contundentemente seu entusiasmo pela religião, e mostrou a consciência pela importância de uma vida virtuosa e de sacrifícios. Aliás, para a autora, "a ideia do sacrifício é inseparável de toda religião". (DE STAËL, 1968, vol. 1, p. 253).

Em *De l'Allemagne*, de Staël condenou o materialismo e a influência nefasta dos matemáticos e físicos, ou seja, daqueles que enxergam o mundo e o homem através de uma ótica puramente racional.

Passemos a seguir para alguns comentários sobre a obra *De l'Influence des Passions*. Mesmo não possuindo tempo hábil para traduzir textos dessa obra, pretende-se lançar aqui, bases para um projeto futuro, pois *De l'Influence* também traz características fortes do primeiro momento do Romantismo. A própria Madame de Staël a define como "um tratado sobre a felicidade dos indivíduos e das nações" (STAËL, 2000, p. 25).

A obra, cujo título original era *De l'Influence des Passions sur le bonheur des individus et des nations*, e que também aparece nas *Obras Completas*, possui atualmente uma edição do ano de 2000 pela Payot & Rivages de Paris, e tem como título *De l'Influence des Passions suivi de Réflexions sur le Suicide*.

De l'Influence foi publicada numa época difícil e conturbada em Lausanne, no ano de 1796. Nesse ano, no dia 22 de abril, o ministro da polícia francesa assinou um mandado de prisão contra Madame de Staël caso ela voltasse à França, que havia acabado de passar pela Revolução. A autora argumentou, em *De l'Influence* sobre aquilo que denominou "paixões", e da influência, benéfica ou maléfica dessas paixões (como o amor, a vaidade, a inveja, a vingança, entre outras) na felicidade das nações e dos indivíduos. A obra é dividida em 3 seções, e a primeira é dedicada à conceitualização dessas paixões, e de que forma podem interferir na vida dos indivíduos e do Estado, como nos exemplifica trecho abaixo que trata especificamente do amor pela glória:

De todas as paixões cujo coração humano é suscetível, não existe nenhuma que possua um caráter tão imponente quanto o amor pela glória: pode-se encontrar traços de seus movimentos na natureza primitiva do homem, mas é somente no meio social que esse sentimento adquire sua verdadeira força. (STAËL, 2000, p. 55)

A segunda seção da obra é intitulada “Sobre os sentimentos que são o intermediário entre as paixões e os recursos que encontramos em nós”. Esses sentimentos intermediários, embora tendo sido vistos pela autora como diferentes das paixões, não deixariam de possuir certos inconvenientes, e o maior deles seria talvez, o despertar da necessidade de reciprocidade. É esse ponto que aproximaria a amizade, por exemplo (considerada como um sentimento), do amor (uma das paixões as quais, segundo a autora, independem de nossa vontade própria). Nessa segunda seção, a autora fala, além da amizade, sobre o carinho filial, conjugal e paternal, e, mais uma vez, da religião.

Finalmente, a terceira seção trata propriamente dos “recursos que encontramos em nós”, os quais, segundo de Staël, são “os recursos que podemos encontrar em nós mesmos após as tempestades das grandes paixões”, e que nos auxiliariam a superar essas “tempestades”, além de aprender e evoluir. (STAËL, 2000, p. 203)

Mais uma vez nos deparamos com uma escritora cujo elogio à imaginação e cuja valorização da subjetividade e do individualismo se fazem presentes. Logo nas primeiras linhas da primeira seção, a autora define seus escritos como “uma obra consagrada tão somente ao estudo dos caracteres apaixonados, e tudo que não entra nesse tema deve ser descartado.” (Ibid., p. 203)

Haveria muito mais a se analisar em termos da relevância literária, intelectual, política, filosófica e social da obra de Madame de Staël, sendo necessário, para esse fim, um exaustivo estudo de cada uma de suas obras. Em vista, porém, do objetivo mais restrito desta pesquisa, encerramos por aqui, esperando ter colocado em perspectiva a importância geral da obra da autora. O capítulo seguinte tratará do projeto de tradução, do papel da autora como interlocutora entre as culturas francesa e alemã, e como precursora do Romantismo na França, questões mais centrais a este trabalho.

CAPÍTULO II: O PROJETO DE TRADUÇÃO: MADAME DE STAËL E O ROMANTISMO

II.1. Da recepção da obra em língua portuguesa

Com relação ao ineditismo da tradução da obra de Madame de Staël, através da *Société d'Études Staëliennes*²⁰, foi possível obter informações a respeito das traduções de Madame de Staël para a língua portuguesa. Foram identificadas duas traduções da autora para o português, ambas em edições portuguesas.

Uma das traduções é intitulada *Correspondência*. Sua última impressão é de 2012, pela Quetzal Editores de Lisboa, e a obra trata das correspondências trocadas entre Madame de Staël e o português Dom Pedro de Sousa, duque de Palmela. A outra tradução, também em edição portuguesa, é da obra *Delphine*, datada do ano de 1843 e realizada por D. Anna Henriqueta Froment da Molla e Silva. Não obtivemos, até agora, nenhum indício ou informação concreta de que essa tradução tenha sido reeditada, nem tampouco sofrido alguma atualização. De resto, não há informação, até o presente momento, de que qualquer outra tradução de Madame de Staël tenha sido feita para o português, nem em Portugal, nem no Brasil.

Dentre seus vários escritos, a despeito também de não contar com uma tradução para o português, *De l'Allemagne* é certamente sua obra mais conhecida. No entanto, se levarmos em consideração a amplitude de sua obra escrita e quando essa foi traduzida para a língua portuguesa, é preciso admitir que sua obra ainda é praticamente inédita no Brasil. Em contraste com a precariedade

²⁰ Com sede na França, a *Société d'Études Staëliennes*, que foi fundada em 1929 pela Condessa Jean de Pange, é uma das principais difusoras (inclusive de dimensão internacional), da obra de Madame de Staël e do grupo de Coppet. A sociedade, hoje, coordena várias das manifestações, estudos e pesquisas, e supervisiona a publicação das *Obras Completas* de Madame de Staël que está sendo lançada, pela editora Champion. Sua revista anual, a *Cahiers Staëliens*, teve suas primeiras publicações de 1930 a 1939, e foram interrompidas durante e após a 2ª Guerra Mundial. As publicações retornaram em 1962, e permanecem, até os dias de hoje, importantes fontes de referências para os estudiosos e pesquisadores de Madame de Staël, o Grupo de Coppet e o Romantismo na França.

dessa cena de recepção brasileira, porém, Madame de Staël, foi a autora mais estudada na França no ano de 2000 (VELEZ, 2008).

Este trabalho pretende prestar uma pequena contribuição para a recepção da autora no Brasil, na medida em que se propõe a selecionar e traduzir uma parte de sua obra que é representativa do papel pelo qual Madame de Staël ficaria conhecida: como figura mediadora entre a França e a Alemanha, especialmente no que diz respeito à divulgação das ideias românticas na França.

Essa antologia vem, assim, oferecer uma primeira seleção de textos, para além da conhecida obra *De l'Allemagne*, que possa contribuir para que o leitor brasileiro construa uma imagem da autora como divulgadora do Romantismo. E possa fazê-lo não a partir do que se diz de Madame de Staël apenas por via indireta, quando citada na bibliografia especializada, mas, sim, a partir da leitura e do conhecimento de seus próprios textos.

II.2. Questões de fundo teórico

“Queira ou não o “prático”, a teoria da tradução é inevitável. Quanto mais ele recusa a ideia de que há uma teoria da tradução, mais ele a reforça.”
(Meschonnic, 2010)

Tendo em vista os atuais debates sobre tradução, que envolvem, entre outras questões, aquelas concernentes à tradução etnocêntrica, as possibilidades e impossibilidades da tradução e a traduzibilidade *versus* a intraduzibilidade, pretende-se, de forma sucinta e bastante breve, lançar algumas bases sobre a teoria da tradução, pois, sendo o propósito principal desta pesquisa, traduzir trechos escolhidos da obra de Madame de Staël, acredita-se ser prioritário pensar e construir um projeto de tradução, que será a base que norteará as escolhas de tradução desse projeto.

Para este fim, pretende-se lançar mão, como lastro necessário à discussão, do teórico francês Antoine Berman, que nos auxiliará com suas

considerações a respeito da necessidade da construção de um projeto de tradução, e da visão desta, como uma atividade de ordem crítica.

Primeiramente, segundo Berman,

[...] o projeto da tradução forma-se a partir da relação entre a posição tradutiva e as necessidades impostas pela obra a ser traduzida. O projeto delimita a ação do tradutor e expõe a maneira pela qual ele vai efetuar a tradução. Tudo o que um tradutor pode dizer e escrever a propósito de seu projeto tem realidade apenas na tradução. (BERMAN, 1984, p. 77)

A partir das diretrizes lançadas por Berman, este projeto de tradução foi construído, e, a partir dele, escolhas e decisões foram tomadas, sempre na direção de um caminho que viabilizasse a tradução, ou seja, que tornasse viável “a construção de uma relação possível entre os universos” que as traduções relacionam e abordam. (Ibid., 1984)

Abrir um breve parêntese para comentar sobre a questão da viabilidade da tradução é algo necessário, na medida em que se sabe que o ato tradutório apresenta-se em constante tensão. Tensão que se revela, desde o início, sob o signo simultâneo da necessidade e da impossibilidade. Existe, desta forma, um paradoxo entre a necessidade de traduzir, e a luta conflituosa com os limites da representação, uma vez que a linguagem jamais será perfeita e satisfatória.

Retornando ao projeto de tradução, este foi construído através da premissa que concebe a tradução - como propõe Berman e ratifica Cardozo (2009) - como uma “atividade de ordem crítica”. Sobre isso, nos esclarece Berman: “A teoria da crítica não é aquela da tradução; mas a crítica é um processo de tradução e a tradução um processo de crítica, na medida em que as duas remetem à mesma “mímica espiritual” baseada no princípio da convertibilidade de tudo em tudo.” (BERMAN, 1984, p. 139)

Segundo Cardozo, compreender a tradução como uma atividade de ordem crítica, significa, ainda, partir do princípio de que “a prática da tradução pode ser entendida como um movimento fundado num fazer relacional, na construção de uma relação”.²¹ O autor, ao nos esclarecer sobre a teoria de Antoine Berman, diz:

²¹ CARDOZO, 2006 apud CARDOZO, 2009.

[...] ao reconhecer a natureza crítica da prática tradutória, Berman aponta para a necessidade de transcenderem-se os limites do simples cotejo e da crítica meramente impressionista e judicativa. Desse modo, o teórico francês estabelece um novo espaço de ação para a crítica de tradução, entendendo essa prática no sentido *schlegeliano* de uma crítica produtiva, mais preocupada em discutir o significado dos movimentos críticos implicados na tradução [...] do que restringir-se meramente ao jogo de flagrar diferenças pontuais entre tradução e original. (CARDOZO, 2009).

Crítica com “C” maiúsculo. É dessa forma que Berman concebe a crítica da tradução em sua obra *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), onde o autor coloca que a tradução deve ser lida enquanto tradução, enquanto texto autônomo e enquanto recriação do tradutor.

Como nos chama a atenção, então, Cardozo, é necessário compreender a tradução como uma prática que produz significados, e, mais ainda, reconhecer o tradutor enquanto sujeito dessa prática.

“A tarefa do tradutor torna-se, portanto, ambígua, já que ela trata, ao mesmo tempo, de “servir à obra, o autor à língua estrangeira (primeiro mestre), e de servir o público e à língua própria (segundo mestre).” (BERMAN, 1984, p. 15).

O que se buscou por meio do projeto de tradução então, foi fazer conviver essa ambiguidade de modo que prevalecesse, na tradução, a relação ética entre a língua de saída e a de chegada, o diálogo, a mestiçagem, a descentralização e a abertura. (Ibid., p. 16).

Afinal, o que resta do texto original quanto tal, e o que resta dos pensamentos e do silêncio do texto quando os traduzimos em palavras? E o que resta de palavras que são traduzidas em palavras de outra língua?

Este projeto de tradução modestamente buscará se alicerçar no respeito à obra de Madame de Staël e à sua época, não somente com relação ao contexto em que foi escrita, mas também com relação às modificações ortográficas e gramaticais sofridas pela língua francesa, sem no entanto negligenciar a cultura e as características da língua de chegada. Por outro lado, procurará levar o leitor a intuir, a suspeitar e a criar sua própria relação com o texto.

Levando em consideração que Madame de Staël viveu entre o final do século XVIII e início do XIX, época que, como apresentamos neste trabalho, foi de grande efervescência intelectual e de descoberta da cultura e sobretudo da filosofia alemãs, e ainda, o fato de a autora ter recebido uma educação baseada na erudição

e na filosofia, não se pode deixar de considerar que estas condições, certamente, refletiram de forma decisiva na construção do pensamento e da ideologia da autora.

Todas estas questões, portanto, ajudaram a nortear as escolhas no diz respeito à tradução dos textos da autora. Como exemplo prático, citamos aqui a tradução de três termos em particular, que aparecem com bastante frequência nos textos de Madame de Staël. São eles: *génie*, *caractère* e *esprit*. Da forma que a autora coloca estes termos em seus textos, muitas vezes somos levados a crer que eles podem significar a mesma coisa, que seria uma espécie de elevação do homem, um dom do qual a maioria dos seres humanos estariam desprovidos e que pertenceria apenas a alguns homens de alma nobre, providos de imaginação e de certas virtudes (como o entusiasmo, a glória, a benevolência, etc.).

Filosoficamente, porém, estes termos possuem significados específicos, sobretudo dentro do contexto e do período que estamos tratando. Com relação a Immanuel Kant (1724-1804) por exemplo, um dos filósofos mais estudados e citados pela autora, e para o qual ela dedica alguns capítulos de suas obras, estes termos possuem definições bastante próprias. Portanto, dentro dos propósitos do projeto de tradução, optou-se por traduzir os termos *génie*, *caractère* e *esprit*, exatamente como gênio, caráter e espírito em todas as vezes que aparecem nos textos, guardando, dessa forma, a devida diferenciação que se acredita que os textos buscam mostrar. Nos primeiros momentos em que estes termos aparecem nas traduções, foram inseridas, portanto, notas a fim de esclarecer as devidas diferenciações filosóficas que os termos apresentam, e para tal, foi utilizado como fonte de informação o *Dicionário de Filosofia* do filósofo e um dos principais representantes do existencialismo italiano Nicola Abbagnano (1901/1990), cuja primeira edição brasileira foi coordenada e revisada por Alfredo Bosi.

Outra questão levada em conta na construção do projeto de tradução, foi a da evolução da língua francesa, que sofreu alterações - entre elas, ortográficas, etimológicas, etc. - da época em que a autora escreveu seus textos para os dias de hoje. Segundo a Academia Francesa,

[...] desde a primeira edição do Dicionário da Academia, que já representava um esforço normativo sem precedentes, a ortografia foi consideravelmente transformada, tanto através de uma evolução natural, quanto pela intervenção racional da Academia, de lexicógrafos e de gramáticos. A reflexão sobre a ortografia deve levar em conta dados diversos e frequentemente contraditórios, como o peso da linguagem estabelecida, as

pressões etimológicas e as de pronúncia, as práticas da instituição escolar, as do mundo das editoras, etc.²²

Foi somente a partir de 1835, por exemplo, que a ortografia das palavras em francês terminadas em “ois” - apesar de há muito tempo já serem pronunciadas como [é] - foi modificada para “ai”, como é o caso de “françois” para “français”. Na época em que Madame de Staël escreveu seus textos, portanto, muitas palavras que hoje são escritas com “ais”, ainda eram escritas com “ois”.

Concluimos essas breves considerações teóricas, enfatizando que conceber a tradução enquanto tarefa de ordem crítica, e enquanto poética, objetivos deste projeto de tradução, só é possível se não houver o apagamento do tradutor, que deve se posicionar enquanto “recriador” de sentido, pois “a tradução bem sucedida é uma escritura, não uma transparência anônima, o apagamento e a modéstia do tradutor.” (MESCHONNIC, 2010, p. 41)

II. 3. Madame de Staël e a Tradução

Na construção do projeto de tradução, foi buscado não somente levar em conta os conceitos aqui brevemente apresentados, mas também, fazer uma tentativa de compreender o sentido do pensamento e dos ideais de Madame de Staël, pois se está aqui tratando dos anos de origem do Romantismo, em que, apesar de ainda prevalecer a hegemonia europeia da língua e da cultura francesas, foi o período em que começava a se delinear uma busca pela universalidade.

No contexto de que estamos tratando, de surgimento dos primeiros românticos, e da nova forma de pensar dentro de um cenário social e político bastante particulares, o conceito de universalidade torna-se também bastante particular, pois trata-se aqui de uma universalidade que, apesar de primar pela liberdade de pensamento e de expressão, não somente em questões políticas e sociais, mas também no que concerne à literatura, às artes e à tradução, de um lado procurou negar a universalidade até então vigente, que somente levava em conta a cultura francesa, e por outro, buscou inaugurar a procura pela especificidade e pelo

²² Disponível na página *Académie Française* em: <<http://www.academie-francaise.fr/la-langue-francaise/le-francais-aujourd'hui>>. Acesso em junho, 2013.

individual. Sobre essa questão, o teórico Henri Meschonnic, ao tratar de questões da tradução nos finais do século XVIII e no século XIX nos esclarece: “O romantismo volta, por seu sentido da especificidade, à procura do original. Estranhamente, na sua recusa da universalidade à francesa, ele inaugura uma procura de especificidade que, nascida na Alemanha, torna-se universal.” (MESCHONNIC, 2009, p. I.V)

Madame de Staël, apesar de francesa, defendeu claramente, que em vista de todas as transformações pelas quais a Europa passava, sobretudo após a Revolução Francesa, não mais cabia a ideia da França se impor como a única nação cuja cultura e a língua eram verdadeiramente eruditas.

Meschonnic, na Introdução de sua obra *Poética do Traduzir*, ao traçar um panorama sobre a história da tradução desde a Antiguidade, quando aborda especificamente a tradução no século XIX, afirma que “as traduções são inseparáveis do romantismo.” (MESCHONNIC, 2000, p. LV). O autor assim comenta, porque nessa época traduziu-se muito na Europa, e, paralelamente, surgiam, com cada vez mais frequência, debates sobre relevância da prática da tradução, apontando-a, por exemplo, como instrumento de valorização de outras línguas europeias além do francês.

No que diz respeito à Madame de Staël, a autora, juntamente com o grupo de Coppet, representaram em sua época, um verdadeiro canal de intercâmbio entre culturas diversas, sendo que a sua influência intelectual na época era tão grande que, segundo Stendhal, eles representavam “os Estados Gerais da opinião europeia”.²³

O fato do grupo de Coppet ser formado por intelectuais de várias nacionalidades, foi uma das razões pela qual a prática da tradução exerceu entre eles papel fundamental, não só como o canal mediador entre as diferentes culturas e com o estrangeiro, e portanto, de disseminação e circulação das novas ideias, como também de iniciadora do processo de revelação do espírito nacional, que brotava em alguns países da Europa, sobretudo, como já citamos, na Inglaterra e na Alemanha.

Na França, foi no século XVIII que os ingleses Defoe, Swift, Fielding, Richardson foram traduzidos, e alguns textos de Shakespeare, relançados. Ainda

²³ STENDHAL apud WILHELM, Jane Elisabeth. **La Traduction, principe de perfectibilité, chez Madame de Staël**, 2004 p. 642.

segundo Henri Meschonnic, foi nesse momento, que começou, para os franceses, uma “entrada em mundos desconhecidos” pois “começa-se a traduzir do português – Camões em 1735; do russo; [...] do persa, do sânscrito, do chinês.” (MESCHONNIC, 2009, p. I.III).

A Inglaterra, segundo o teórico, produziu, nessa época, suas belas infiéis, com traduções de Dryden e Pope, e a Alemanha passou por um processo de valorização de sua língua também através das traduções, pois até então havia uma hegemonia da língua francesa na Europa. (Ibid., p. I.IV).

Participantes ativos das reuniões de Coppet, August Schlegel e René de Chateaubriand traduziram, respectivamente, Shakespeare e Milton. Novalis, aliás, em carta a Schlegel, diz considerar o Shakespeare de seu conterrâneo, melhor do que o inglês.²⁴ Antoine Berman, em seu *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*, dedicou todo um capítulo para analisar a tradução de Milton feita por Chateaubriand. Sobre o significado daquele período, para ilustrar a importância da tradução para o Romantismo, Berman nos fala sobre uma das traduções de Chateaubriand, e assim nos diz:

Quando Chateaubriand publica, em 1836, sua tradução de *Paraíso Perdido*, de Milton, a França está no auge do período “romântico”. Do ponto de vista que nos concerne, isto significa duas coisas. Com a penetração dos romantismos inglês e alemão, há um grande movimento de tradução que, basicamente, quis romper com a tradução clássica das “belas infiéis” e ater-se [...] às “particularidades” dos originais. Além disso, houve também na França uma revalorização do ato de traduzir. (BERMAN, 1999, p. 90)

Segundo ainda, Antoine Berman, “o programa romântico consiste em transformar o que, historicamente, não passa somente de uma tendência, em uma intenção consciente dela mesma: crítica e tradução, como veremos, se inscrevem dentro deste programa.” (BERMAN, 1984, p. 118)

Com relação ao papel de Madame de Staël como tradutora, essa traduziu textos do inglês, do italiano e do alemão para o francês como por exemplo, sonetos do poeta italiano Onofrio Minzoni de Ferrara, os poemas *La Bayadère et le Dieu de l'Inde*, e *Le Pêcheur*, de Goethe, *La Fête de la Victoire ou Le Retour des Grecs* e *Le Salut du Revenant* traduzidos de Schiller, os quais foram publicados no último volume das *Obras Completas*.

²⁴ NOVALIS apud BERMAN, 1984. p. 169.

Portanto, a construção da ponte que ligou França e Alemanha não se deu somente através do conteúdo de *De l'Allemagne*, e do contato de Madame de Staël com seus mentores alemães, mas através também das traduções feitas pela autora de alguns textos alemães que passaram a ser acessíveis aos leitores franceses.

Com o objetivo de fornecer o lastro necessário à nossa discussão que aponta para a importância da tradução no período que estamos tratando, e daquela para a autora em questão neste trabalho, selecionamos, para traduzir na íntegra, o texto que a autora escreveu sobre sua visão de tradução, “De l’Esprit des Traductions”, de 1816 do volume XVII das *Obras Completas*. O artigo, escrito durante a segunda viagem da autora à Itália, e que foi também publicado na revista italiana *Biblioteca Italiana* será traduzido para reafirmar e exemplificar a importância que, não somente a prática da tradução, mas também as discussões sobre ela já exerciam nessa época.

Esse artigo coloca em evidência o que pensava Madame de Staël a respeito da importância do livre intercâmbio das ideias e do diálogo com o estrangeiro, e da tradução como um dos princípios fundamentais para esse intercâmbio intelectual. As primeiras frases do artigo assim dizem:

Não existe tarefa mais elevada para a literatura, que a de transportar de uma língua à outra, as obras de arte do espírito humano. [...] Além disso, a circulação de ideias é, dentre todos os tipos de comércio, aquele cujas vantagens são as mais certas.²⁵

No artigo, a autora questionou ainda o fato de a cultura francesa impor-se sobre outras culturas europeias, e da França ser praticamente a única voz ouvida na Europa na época, e concluiu que a procura pela identidade nacional de nada valeria se não viesse acompanhada de uma experiência de troca, de alteridade, de respeito e de conhecimento de outras culturas, da cultura do outro. Para reforçar essa questão, segue outro trecho de “De l’esprit des traductions”:

Estas belezas naturalizadas, dão ao estilo nacional, novos contornos, e expressões mais originais. As traduções de poetas estrangeiros podem, mais eficazmente que qualquer outro meio, preservar a literatura de um país de seus contornos mais banais, que são sinais claros de decadência.

²⁵ Todas as citações de Madame de Staël deste tópico, são de seu artigo “*De l’Esprit des Traductions*”, publicado no segundo volume de suas *Obras Completas*, entre as páginas 299 a 307.

A hegemonia do estado francês, traduzido no despotismo napoleônico, controlava a circulação de informação, proibindo, inclusive, a publicação de obras literárias, entre elas produções de Madame de Staël. Napoleão e suas ações ditatoriais representavam uma ameaça às novas ideias e ao novo espírito da época. A solução para os males pelos quais a França passava, segundo Madame de Staël, seria o progresso das ideias do Iluminismo, da literatura filosófica, bem como a educação, as quais seriam formas de manutenção da liberdade.

Ainda tratando de seu artigo sobre a tradução, Madame de Staël colocou que não se trata de imitar, mas sim de emprestar para que se possa conhecer, e que a tradução, na medida em que é criação e não simplesmente imitação, contribui para o reforço da identidade nacional e facilita a passagem do singular ao universal, como nos mostra a passagem a seguir:

Ora, é em direção ao universal que se deve tender, quando se deseja fazer o bem aos homens. Eu diria mais: na medida em que escutássemos bem as línguas estrangeiras, poderíamos provar ainda, através de uma tradução bem-feita em sua própria língua, um prazer mais familiar e mais íntimo.

Em outro trecho do artigo, a autora diz que “traduzir um poeta, não é como pegar um compasso, e copiar as dimensões do edifício; é animar com o mesmo sopro de vida, um instrumento diferente.” Através do conhecimento de outras culturas e outras literaturas europeias, é possível, portanto, conhecer a própria literatura francesa e penetrar na sua identidade, como ilustra passagem do artigo de Madame de Staël:

[...] não se deve, como os franceses, colocar a sua própria cor em tudo que se traduz; deveríamos, na verdade, transformar em ouro tudo que tocamos, e isso resultaria no mínimo em um material do qual poderíamos nos nutrir; de outra forma, não encontraremos novos alimentos para o pensamento e veremos sempre os mesmos rostos, somente com feições um pouco diferentes.

Podemos dizer, portanto, que Madame de Staël (junto com os intelectuais do grupo de Coppet e os primeiros românticos alemães), divulgaram uma nova forma de pensar a literatura, e com ela, uma nova forma de pensar a tradução. Forma essa, que coloca as obras traduzidas no mesmo patamar que as originais, na medida em que essas traduções permitem conhecer o outro, respeitar e

entender sua cultura e ainda, de encontrar sua própria riqueza, identidade e espírito nacionais através desse conhecimento do outro. A seguinte passagem ilustra essa questão:

Se as traduções dos poemas enriquecem as belas letras, as de peças de teatro poderiam exercer uma influência ainda maior, pois o teatro é verdadeiramente o poder executivo da literatura. A. W. Schlegel fez uma tradução de Shakespeare, que, reunindo exatidão e inspiração, tornou-se nacional na Alemanha. As peças inglesas transmitidas dessa forma, são encenadas no teatro alemão, e Shakespeare e Schiller, tornaram-se compatriotas.

Madame de Staël, já começava a tratar, em seu artigo, de temas como a questão do ritmo na tradução, enfatizando que exatidão e a transposição palavra por palavra, não faria da tradução necessariamente uma boa tradução, como nos mostra trecho a seguir:

Os Alemães [...] se empenharam em fazer reviver Homero na Alemanha, e a tradução de Voss é reconhecida como a mais exata que existe em qualquer língua. Ele se serviu do ritmo dos antigos, e afirma-se que seu hexâmetro alemão seja quase que palavra por palavra o hexâmetro grego. Tal tradução serve eficazmente para o conhecimento preciso do poema antigo; mas, é garantido que o charme, para o qual não se precisa nem de regras, nem de estudos, tenha sido inteiramente transportado para a língua alemã? As quantidades silábicas são conservadas; mas a harmonia dos sons não consegue ser a mesma. A poesia alemã perde seu lado natural, seguindo passo a passo, os traços do grego, sem conseguir adquirir a beleza musical que se cantava na lira.

Nesse contexto, é possível imaginar que, o que estava sendo delineado em termos de teoria e prática de tradução por Madame de Staël e os Românticos, se aproxima do que vem sendo discutido hoje por teóricos da tradução como Henri Meschonnic. A discussão desse paralelo, no entanto, não vem ao caso nesse momento, sendo necessária para tanto, uma abordagem bem mais completa que poderia ser discutida futuramente, no âmbito de outro trabalho, talvez elaborado exclusivamente para tal fim. Para exemplificar, porém, a aproximação que foi feita, segue trecho da obra de Meschonnic:

A fidelidade não se contenta com uma confrontação termo a termo. Ela impõe a questão do conjunto, a da coerência interna do texto, de sua oralidade, de sua poética como sistema de discurso. [...] A força de uma tradução bem sucedida é que ela é uma poética para uma poética. Não do

sentido pelo sentido nem de uma palavra pela palavra, mas o que faz de um ato de linguagem um ato de literatura. (MESCHONNIC, 2009)

II.4. Madame de Staël e o Romantismo em questão

Serão apresentados a seguir, o elenco dos textos a serem traduzidos, de quais obras foram selecionados, e, em seguida, a apresentação da estrutura das obras e algumas características que fazem dos textos, representativos do papel de Madame de Staël como precursora do Romantismo na França.

Da obra *De l'Allemagne* (vol. 1 e 2), serão traduzidos “De la Poésie” (vol.1); “De la contemplation de la Nature”, (vol. 2); “De l'Enthusiasme”, (vol. 2); “De l'influence de l'enthusiasme sur les lumières” (vol. 2) e “De la disposition religieuse appellée mysticité”, (vol. 2). Em seguida, da obra *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les Institutions*, será traduzido o texto “Des Ouvrages d'Imagination”. Do XVII volume das *Obras Completas*, selecionamos “De l'Esprit des Traductions”.

É importante ressaltar que os textos escolhidos são uma pequena parte da obra de Madame de Staël que, como mencionamos, foi grande parte publicada na coleção *Obras Completas* de 17 volumes. O acesso às *Obras Completas* se deu por meio eletrônico, pois todos os 17 volumes foram digitalizados e disponibilizados na internet, já que a publicação em papel é bastante antiga, e, portanto rara e de difícil acesso. Como mencionado, todos os textos traduzidos são de edições mais recentes da obra de Madame de Staël, exceto o artigo “*De l'Esprit des Traductions*”, que será traduzido diretamente do 17º volume das *Obras Completas*.

Este projeto de tradução pretendeu demonstrar, por meio da tradução dos textos selecionados, o porquê de Madame de Staël ser considerada a precursora de certa expressão do Romantismo na França, sendo apontada como herdeira da tradição romântica surgida na Alemanha. Pretendeu ainda, reunir textos capazes de demonstrar que a tradição inaugurada por Madame de Staël na França foi ponto de partida para o surgimento de uma nova forma de vislumbrar a cultura francesa pelos europeus, e do reconhecimento, sobretudo pelos próprios franceses, de outras culturas europeias, principalmente a alemã. Isso porque, se de um lado, a

partir de Madame de Staël e seus contemporâneos, ainda havia resistência da nação francesa em reconhecer que poderia existir arte, cultura e erudição além de suas fronteiras, por outro, a valorização do estrangeiro, do outro e de outras culturas europeias, sobretudo da alemã e da inglesa, já aparecia como algo concreto, e já começava a fazer parte da reflexão dos pensadores e da escolha dos tradutores. Sobre essa questão, e para reforçar o pioneirismo de Madame de Staël quanto à introdução das novas ideias e de outras culturas na França, ao comentar sobre os objetivos de de Staël em sua visita à Alemanha, Simone Balayé nos ilustra:

Seu outro objetivo, intelectual, nasceu da descoberta progressiva do pensamento alemão bastante pouco conhecido na França, ao qual a havia iniciado Wilhelm von Humboldt. Este compreendeu imediatamente, que somente ela poderia introduzir e popularizar as obras-primas desconhecidas em uma França estéril no que tange à literatura e à filosofia. Ela partiu cética, e voltou maravilhada, tendo descoberto tudo em Weimar, um dos caminhos alemães do pensamento, [...] onde os soberanos valorizavam os gênios literários. A rede europeia de Madame de Staël iria enriquecer-se consideravelmente. (BALAYÉ, 2011)²⁶

Excetuando o texto “De l’Esprit des Traductions”, que foi apresentado no tópico anterior deste trabalho (por considerar pertinente incluir esse texto no tópico dedicado às questões teóricas sobre a tradução), pretende-se a partir deste momento, apresentar os textos que serão traduzidos inserindo-os no objetivo principal deste projeto que é o de apresentá-los como escritos representativos do papel de Madame de Staël como precursora do Romantismo.

Foram selecionados 5 textos da obra *De l’Allemagne*, (cujo primeiro título seria “Lettres sur l’Allemagne”). A obra é hoje a mais conhecida da autora, inclusive no Brasil, por isso acreditamos ser pertinente mencionar que a seleção de textos, no entanto, vai além dos textos dessa obra mais conhecida, conforme será apresentado adiante.

Tratando primeiramente de *De l’Allemagne*, Madame de Staël começa a ter a ideia de escrevê-la no ano de 1803, quando partiu para a Alemanha em companhia de Benjamin Constant. A obra só começou a ser impressa pelo editor Nicolle em 1810, o mesmo que já havia impresso *Corinne*. *De l’Allemagne* porém, foi

²⁶ Disponível na página *Qui est Madame de Staël?* em: <<http://www.stael.org/spip.php?article6>>. Acesso em: janeiro, 2013.

censurada pela polícia do Estado, como nos conta a própria Madame de Staël no prefácio do primeiro volume da obra

Estava-se habituado na França, sob o antigo regime, a submeter-se à censura; o espírito público caminhava então, em direção à liberdade [...] mas um pequeno artigo no final na nova regulamentação dizia que “após os censores terem examinado uma obra e permitido sua publicação, os livreiros, com efeito, serão autorizados a imprimi-la, mas o ministro da polícia teria ainda, o direito de suprimi-la inteiramente se assim julgasse conveniente.” (STAËL, 1968, Vol. I, p. 37)

Conforme citado, *De l'Allemagne* foi publicada na coleção das *Obras Completas* de Madame de Staël. A obra ganhou novas impressões, e nos baseamos aqui nesse trabalho, na edição de 1968 da GF-Flammarion de Paris, dividida em 2 volumes, cujo primeiro volume apresenta uma introdução escrita por Simone Ballayé, que ali comentou que *De L'Allemagne* “não é um manual imparcial e completo, mas a obra de um escritora e de uma crítica vibrante e apaixonada.”²⁷

O primeiro volume da obra é composto por um prefácio e um texto intitulado “Observações Gerais”, ambos de Madame de Staël, e ainda por 2 partes. A primeira parte é composta por um capítulo dividido em 20 tópicos, que tratam desde os aspectos físicos, geográficos e territoriais da Alemanha, questões mais subjetivas a respeito do povo alemão como seu possível apreço pela honra, até as universidades e instituições de ensino alemãs. A segunda parte, também composta por um capítulo (esse dividido em 24 itens), trata sobretudo da literatura alemã, passando pela poesia e pela arte dramática, e dando grande destaque à obra de Goethe e Schiller. Desse volume foi selecionado para ser traduzido o texto “*De la Poésie*”.

O segundo volume de *De L'Allemagne* que se inicia pelo capítulo XXV, é composto por 3 partes. A primeira apresenta textos sobre o teatro alemão, a declamação e a influência romana. A segunda parte, intitulada “A filosofia e a moral”, como o próprio título descreve, faz um apanhado sobre a filosofia alemã e seus principais representantes. A autora tece, ainda, comentários sobre as filosofias inglesa e francesa, e, além de dedicar os capítulos VI e VII para Immanuel Kant, dedica ainda outros dois capítulos para a análise do filósofo Friedrich Heirich Jacobi e sua obra *De Woldemar*, em particular. Desse segundo volume, serão traduzidos os

²⁷ DE STAËL apud BALAYÉ, Simone .Introdução. *De l'Allemagne I*, p. 17.

textos “De la disposition religieuse appellée mysticité”, “De la contemplation de la nature”, “De l’enthousiasme” e “De l’influence de l’enthousiasme sur les lumières”.

Foram selecionados no primeiro momento, os 5 textos de *De l’Allemagne* porque as características do Romantismo alemão se evidenciam nas páginas da obra, em que a autora retrata o país germânico e seus habitantes, através da eloquência lírica, da subjetividade, do olhar místico e religioso, e da imaginação. A Alemanha representava ainda, para a autora, modelos filosóficos e literários requintados, e que eram valorizados pelos seus governantes, como nos exemplifica este trecho do capítulo XVIII do primeiro volume, que trata sobre as universidades alemãs:

Todo o norte da Alemanha está repleto de universidades das mais sábias da Europa. Em nenhum país, nem mesmo na Inglaterra, existem tantos meios de se instruir e de aperfeiçoar suas faculdades [...]. Na Alemanha, o gênio filosófico vai muito mais além do que em qualquer outro lugar, nada o detém, e a própria ausência de carreira política, tão funesta à massa, acorda ainda mais liberdade aos pensadores. (STAËL, 1968, Vol. I, p. 137)

Madame de Staël retratou em *De l’Allemagne*, uma Alemanha sentimental, sensível à literatura e às artes, influenciando, dessa forma, o olhar dos franceses a respeito do país germânico, durante, pelo menos boa parte do século XIX. Goethe assim comenta: “*De l’Allemagne* foi como um instrumento potente que causou a primeira brecha na muralha de antigos preconceitos entre nós e a França.”²⁸

Tal é a importância do intercâmbio entre as culturas alemã e francesa, e de outras culturas no início do século XIX, e também do reconhecimento, para Goethe, desse intercâmbio, que, sobre essa questão, nos ilustra Antoine Berman:

Na introdução da revista *Propylées*, Goethe aborda sob um ângulo diferente, a relação entre o próprio e o estrangeiro, descrevendo o que pode ser chamado de a *lei da oposição*. [...] Ali, a relação com o estrangeiro aparece como o encontro daquilo que nos é *oposto*, como a cultura do que é antagonista a nossa própria natureza. [...] A *Unbändigkeit* alemã, o desprendimento, não poderia fazer outra coisa a não ser ajudar a cultura francesa a se liberar das amarras de seu classicismo. Inversamente, a “versatilidade” alemã tem tudo a ganhar com o rigor formal dos franceses: dessa forma, cada umas dessas culturas deve procurar na outra o que às vezes falta nela e o que nela é mais oposto. (BERMAN, 1984, p. 101)

²⁸ GOETHE apud Madame de STAËL. *De l’Allemagne*, vol I.

Madame de Staël não escondeu, em nenhum momento, sua admiração pelo povo germânico (o que gerou fortes críticas do governo francês, que a acusou de traidora da sua pátria), e sua proposta ideológica, na medida em que divulgou o povo e as ideias germânicas na França. A Alemanha da época representava ainda, o ideal estético de uma nova literatura, na qual Madame de Staël se influenciou, e da qual seria a divulgadora em seu país. O povo francês, bem como o momento histórico por ele vivido, são descritos pela autora como violentos e fúteis. A França, que primeiro passou por uma Revolução, foi conduzida, em seguida, em direção ao despótico governo napoleônico. “Na França, mesmo em outros tempos, o gosto da guerra sempre foi universal.”²⁹ Enquanto os franceses estavam desorientados politicamente, artisticamente e filosoficamente, na Alemanha “artista e literária” a imaginação era a qualidade dominante, e a filosofia e a literatura eram devidamente valorizadas.

Percebemos dessa forma, a influência sofrida por de Staël pelos alemães no campo da política, pois esse pensamento era compartilhado, na Alemanha, pelo menos por Goethe e Schiller, que jamais ocultaram suas opiniões contrárias à Revolução Francesa e à violenta “solução” encontrada pela França para resolver seus problemas sociais e políticos. Para Schiller,

[...] somente a arte, no meio deste século indigno e bárbaro, teria o papel de purificar a humanidade: A liberdade política e civil continua a ser sempre e eternamente o bem mais sagrado, o objetivo mais digno de todos os esforços e o centro de toda cultura.³⁰

Com relação a Goethe, era notória a sua visão negativa sobre a Revolução Francesa, bem como sua posição contrária à estrutura política do Estado centralista.

De l'Allemagne de Madame de Staël, narrada em primeira pessoa, parece ainda, assumir um tom didático quando procurou mostrar e até ensinar aos leitores, sobre a geografia e o aspecto da Alemanha de um modo geral, sua história e seus habitantes. A Alemanha, vista como um lugar que não teria nada a oferecer para os franceses, que, até então, habitavam o topo da pirâmide civilizatória na Europa, foi retratada por Madame de Staël como lugar de rara beleza e habitada por um povo trabalhador, como mostra trecho do primeiro capítulo do primeiro volume da obra:

²⁹ DE STAËL, Madame. *De l'Allemagne*, vol. I, p. 61.

³⁰ Koopmann, Helmut: *Freiheitssonne und Revolutionsgewitter. Reflexe der französischen Revolution im literarischen Deutschland*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1989. p. 26-7. apud, Kestler.

Desde os Alpes até o mar, entre o Reno e o Danúbio, vê-se um país coberto de carvalhos e de pinheiros, atravessado por rios de uma imponente beleza, e cortado por montanhas cujo aspecto é bastante pitoresco [...]. O sul da Alemanha é muito bem cultivado; no entanto, sempre existe nos mais belos cantos deste país, alguma coisa de séria que faz pensar antes no trabalho do que nos prazeres, nas virtudes dos habitantes do que nos charmes da natureza. (DE STAËL, 1968, vol, 1, p. 51)

A obra de Madame de Staël trouxe até os franceses, conhecimentos sobre os mais diversos temas ligados intrinsecamente ao povo e à cultura alemã, como as considerações sobre a filosofia alemã, antes, durante e depois da época de Kant, as riquezas literárias e teatrais alemãs, aspectos sobre as belas artes do país, considerações sobre religião em geral, incluindo o catolicismo, o protestantismo e a nova forma mística de se conceber a religião, entre outros. Notamos, em toda a obra, a constante presença do sentimento religioso, que funciona como uma espécie de base para justificar a importância do imaginário e o surgimento de algumas virtudes, como o entusiasmo.

No texto “De la contemplation de la nature”, por exemplo, a autora colocou sua visão sobre a relação entre homem e natureza, sob a qual subsiste o embate entre divindade e mortalidade. A autora destacou ainda o embate entre o universal, que possui uma força e uma lei sobre-humanas, em oposição ao nosso limitado entendimento do particular como seres contingentes. Ela refutou um otimismo no funcionamento físico da natureza em si, pois o espetáculo da natureza em todo o seu conjunto que inclui o belo e o trágico, parece possuir, para a autora, uma lei escondida, divina, à espera de uma compreensão humana que será sempre parcial e limitada. Nesse mesmo texto, de Staël aproximou-se das especulações de Novalis sobre sua filosofia da natureza, sobretudo quando constatou, que a compreensão humana das coisas e da natureza nem sempre se pode dar através de uma ciência, baseada na razão e na causalidade, mas muitas vezes apenas numa transcendência de fundo místico, divino e poético. Madame de Staël chegou a citar explicitamente o autor alemão em passagens do seu texto, como no trecho abaixo:

Entre os escritores alemães que se ocuparam da contemplação da natureza sob aspectos religiosos, dois merecem uma atenção particular: Novalis, como poeta, e Schubert, como físico. Novalis, homem de berço, foi iniciado, desde a sua juventude, em estudos de todas as espécies, desenvolvidos

pela nova escola na Alemanha; mas sua alma piedosa acordou um grande caráter de simplicidade às suas poesias.³¹

De Staël teceu comentários a respeito dos “Hinos à noite” de Novalis, e da capacidade deles de conduzirem ao recolhimento e à auto reflexão, os quais, para o autor alemão, seriam os caminhos que levam para dentro de si e à conseqüente compreensão do eu.

No texto “De la Poésie”, a autora fez igualmente conexões com o sentimento religioso, aproximando-o, dessa vez, das poesias, através das emoções e do entusiasmo que ambos teriam o poder de despertar. Com relação à poesia, Madame de Staël assim comenta:

É fácil dizer o que não é poesia; mas se queremos compreender o que ela é, deve-se pedir auxílio às impressões provocadas por uma bela região, uma música harmoniosa, o olhar de um objeto que nos é caro, e ainda por cima a todo um sentimento religioso que nos faz sentir em nós mesmos a presença da divindade. (STAËL, 1968, vol. II, p. 205)

O poeta, segundo Madame de Staël, é “aquele que resgata o sentimento aprisionado no fundo da alma”. (STAËL, 1968, p. 205). A autora comentou sobre a poesia e a prosa, fazendo rápida alusão a diferentes tipos de poesia, como a lírica, a dramática, a descritiva e a épica, e afirmou que o povo alemão é, dentre todas as nações europeias, quem reúne ao mesmo tempo a imaginação e o “recolhimento contemplativo” (Ibid., p. 207). Essas afirmações são representativas do pensamento romântico de que de Staël fez parte, ficando claro então, que a autora pôde “beber” diretamente da fonte dos primeiros românticos alemães, em cujas obras observamos uma relação muito próxima com a questão da religiosidade, tema importantíssimo e recorrente na obra de Madame de Staël, e que sempre fez parte da ordem do dia dos primeiros românticos.

Esclarecemos, no entanto, que não se trata de uma religiosidade tradicional, de confissão, nem pietista ou monoteísta. Trata-se de uma outra visão de religião, a visão romântica, que, em geral identificava o divino com a natureza, algo por vezes quase místico e até sensualista. De Staël descreveu o sentimento religioso como uma mistura entre misticismo (o qual a autora colocava como base para se sentir a religião), e o erotismo, onde o sentimento do divino era visto como uma espécie de êxtase intelectual. Tratava-se de uma concepção intimista da religiosidade, a

³¹ De Staël. *De l'Allemagne*, 1968, vol. II, p. 292.

inspiração divina que vinha do interior, e não do exterior. Observemos, como exemplo do ideal romântico de aproximação da poesia e da religiosidade, um dos fragmentos que compõem *Conversa sobre a Poesia*, onde Schlegel assim escreve:

A poesia romântica é uma poesia universal progressiva. Sua determinação não é apenas a de reunificar todos os gêneros separados da poesia e estabelecer um contato da poesia com a filosofia e a retórica. Ela também quer, e deve, fundir às vezes, às vezes misturar, poesia e prosa, genialidade e crítica, poesia artística e poesia natural, tornar a poesia sociável e viva, fazer poéticas da vida e a sociedade, poetizar a espiritualidade, preencher e saturar as formas da arte com toda espécie de cultura maciça, animando-as com as vibrações do humor. (SCHLEGEL 1994, p. 99)

O trecho acima exposto demonstra ainda, a importância que era dada à imaginação, ao idealismo construído por essa primeira geração de românticos alemães, que vai ao encontro da defesa que Madame de Staël fez da solidão e do recolhimento, da busca do eu, da interioridade e do seu próprio pensamento criativo, como nos exemplifica trecho abaixo de seu texto “De la Poésie”:

O dom de revelar pela palavra aquilo que sentimos no fundo do coração é muito raro; existe, no entanto, poesia em todos os seres providos de afeições vivas e profundas; a expressão falta àqueles que não se esforçam para encontrá-la. A única coisa que o poeta faz, por assim dizer, é resgatar o sentimento aprisionado no fundo da alma; o gênio poético é uma disposição interior da mesma natureza, que aquela que torna capaz um sacrifício generoso: compor uma bela ode é sonhar o heroísmo. (STAËL, 1968, vol. I, p. 205)

Porém, talvez sejam as páginas que foram escritas sobre o entusiasmo alemão (das quais fazem parte dois textos que aqui foram traduzidos: “De l’Enthousiasme” e “De l’influence de l’enthousiasme sur les lumières”), no segundo volume de *De l’Allemagne* um dos trechos da obra de Madame de Staël que mais a definiram como uma verdadeira embaixadora da cultura alemã na França, bem como a precursora da expressão do Romantismo alemão em seu país.

Segundo o pesquisador da Universidade de Juiz de Fora, e um dos membros fundadores do Centro de Estudos sobre Madame de Staël e o Romantismo da mesma Universidade, Humberto Schubert Coelho, o entusiasmo alemão ao qual a autora se referiu (*Schwärmerei*), é um pensamento pelo qual a Alemanha se habituou a sentir o divino, já que ele tem origem em um movimento

religioso caracterizado pelo sensualismo místico, que passa ainda pelo desapego do “eu”. (SCHUBERT, 2010)

Novamente é colocada em pauta a questão da religião, que, nesse caso, teria o mesmo papel que a arte, pois, sendo ambas obras da imaginação criativa e da inspiração interior do homem, ambas seriam meios de atingir as virtudes como o amor, a glória, a benevolência, o próprio entusiasmo, entre outras. A concepção da religião como um sentimento interno, inerente ao homem, vai ao encontro com o que é denominado misticismo, que é amplamente discutido pela autora no texto “De la disposition religieuse appellée mysticité”. Nele, Madame de Staël expõe que:

O sentimento religioso, que é base de toda a doutrina dos místicos, consiste em uma paz interior cheia de vida. As agitações das paixões não permitem a calma de forma alguma: a tranquilidade da seqidão e da mediocridade de espírito, mata a vida da alma; é somente no sentimento religioso que se pode encontrar uma reunião perfeita entre o movimento e o repouso. (STAËL, 1968, vol. II, p. 263)

Ao relacionar misticismo, religiosidade, imaginação e interioridade, Madame de Staël aproxima-se mais uma vez dos românticos alemães, particularmente de Schlegel, que ao escrever ao amigo Novalis, diz: “quando você fala de religião, parece-me querer falar do entusiasmo em geral”. (SAFRANSKI, p. 127)

Apesar de percebermos uma espécie de cautela de Madame de Staël que dá impressão de querer manter uma certa imparcialidade sobre o que está escrevendo, existem instantes em que ela deixa sua mente imaginativa ceder em uma espécie de apologia ao modo de ser germânico: “A maioria dos escritores alemães refere-se a um sentimento do infinito, que produz o entusiasmo ou êxtase. Todos os sacrifícios pessoais são incentivados em troca do sentimento do infinito.” (STAËL, 1968, vol. II, p. 238)

Ainda segundo o pesquisador Humberto Schubert, é pertinente ressaltar que esse entusiasmo, esse sentimento, esse caráter místico do pensamento alemão da época, independentemente de ser abordado como idealismo, como cristianismo místico ou como poesia, apontava para a difusão do saber, das luzes, e para a elevação do espírito do povo germânico através das ideias, e sobretudo da filosofia. (SCHUBERT, 2010). Várias passagens do texto de

Madame de Staël apontam para justificar essa afirmação, como a que apresentamos a seguir, que abre o XI capítulo da quarta parte do segundo volume de *De l'Allemagne*

Esse capítulo é, de uma certa forma, o resumo de toda a minha obra, pois sendo o entusiasmo uma qualidade verdadeiramente distintiva da língua alemã, pode-se julgar a influência que ele exerce sob as luzes através do progresso do espírito humano na Alemanha. O entusiasmo empresta à vida aquilo que é invisível, e interesse àquilo que não possui ação imediata sob nosso bem-estar neste mundo; não existe, então, sentimento mais próprio para a procura das verdades abstratas; elas são igualmente cultivadas na Alemanha com um ardor e uma lealdade notáveis. (STAËL, 1968, vol. II, p. 305)

No decorrer de seu discurso, a autora parece contagiar-se com o conteúdo destas reflexões, e acaba por ilustrar seu pensamento com a definição grega da palavra entusiasmo, que “significa Deus em nós. De fato, quando a existência humana sofre uma tal expansão, ela denota algo de divino.” (STAËL, 1968, vol. II, p. 301). “Por meio do entusiasmo”, escreveu de Staël, “tudo toma uma proporção bela e elevada. O entusiasmo é tolerante, não porque seja indiferente, mas porque nos faz sentir a beleza de todas as coisas. A sociedade desenvolve a civilização, mas é só a contemplação do divino que produz o gênio.” (STAËL, 1968, p. 306)

Do modo geral, em *De l'Allemagne*, a autora defendeu algumas ideias essenciais, que são a busca por novos temas na história das nações, o conhecimento das mitologias, da história e das lendas dessas nações, e defende, ainda, uma filosofia idealista, e a ideia de que as nações, sobretudo a França, devem evoluir. Percebemos em *De l'Allemagne*, a crença de Madame de Staël na progressiva perfectibilidade da alma humana e na evolução das nações, a exaltação do sentimento de união não somente ao divino, mas à natureza.

Passando para a obra *De la Littérature*, Madame de Staël começou a escrevê-la em Coppet em 1798. A obra foi recebida de uma forma geral com bastante hostilidade, sobretudo por alguns jornais da França e também pelo governo, acusada de ser uma obra causadora de desordem.

De la Littérature é composta por 3 partes, sendo que a primeira, intitulada “Sobre a literatura considerada em suas relações com as instituições sociais” versa sobre a importância da literatura e de suas relações com o que Madame de Staël chamou de virtudes, como a glória, a liberdade e a felicidade.

A segunda parte de *De la Littérature* denominada “Sobre a literatura nos antigos e nos modernos” se inicia com considerações da autora a respeito dos primeiros tempos da literatura grega, passando pela tragédia, pela comédia e pela eloquência dos gregos. Em seguida, a autora escreveu sobre a literatura latina, dedicando toda a segunda parte da obra para tecer considerações sobre outras literaturas como a italiana, a espanhola e alemã, terminando essa parte com um texto a respeito da literatura desde o século XVII até o ano de 1789.

Finalmente, na terceira parte, a qual Madame de Staël denominou “Sobre o estado atual das Luzes na França e seus futuros progressos”, a autora fez uma análise da literatura de seu tempo levando em conta a questão dos gostos e dos costumes da época, destacando alguns temas como a eloquência, a filosofia e as mulheres que cultivam as letras. Dessa última parte de *De la Littérature* foi traduzido o texto “Des Ouvrages d’Imagination”. A autora mais uma vez, exaltou a imaginação (a qual, segundo ela, favorece as sensações e a capacidade de questionar), o progresso das luzes e da filosofia, e teorizou ainda, sobre o valor da eloquência, para a qual dedicou o capítulo VIII, definindo-a como o principal meio para influenciar o desejo das nações em decidirem sobre seu destino político. (STAËL, 1991). O destaque foi dado então, à eloquência política dentro do regime republicano, como nos exemplifica o trecho a seguir:

A única potência literária que faz tremer todas as autoridades injustas é a eloquência generosa, é a filosofia independente, que julga no tribunal do pensamento todas as instituições e todas as opiniões humanas. A influência muito grande do espírito militar, é também um perigo iminente para os estados livres; e só se pode prevenir tal perigo através dos progressos das luzes e do espírito filosófico. (STAËL, 1991, p. 81)

Luiz Costa Lima, ao comentar *De la Littérature*, identifica em Madame de Staël a escritora romântica. Segundo o teórico, a autora não conseguiu ir fundo na questão conceitual e na explicação do termo “literatura” em sua obra, pois “para Madame de Staël a função do nome explica seu emprego, não a procura em conceito” – Costa Lima acrescenta porém, que a autora fazia uma literatura “movidada pela imaginação quando dotada da capacidade de co-mover, de conduzir o receptor a questionar emocionalmente as instituições sociais que o acompanham.” (COSTA LIMA, 2006, p. 328).

Porém, algo que chama particularmente atenção em *De la Littérature*, é a defesa que Madame de Staël faz da literatura, tanto como arte, quanto como uma forma de elevação da alma e do caráter humano. Algo que contribui para o desenvolvimento de valores como a virtude, a glória e a liberdade, como nos ilustra trecho do texto “Ouvrages d’Imagination” a seguir:

Remoer a alma não é suficiente; é necessário esclarecê-la; e todos os efeitos que fulminam somente os olhos, os túmulos, os suplícios, as sombras, os combates, só podem ser admitidos se servirem diretamente à pintura filosófica de um grande caráter ou de um sentimento profundo. Todas as afeições de um homem pensante, tendem a alcançar um objetivo razoável. Um escritor só merece a verdadeira glória, no momento em que faz a emoção servir a algumas grandes verdades morais. (STAËL, 1991, p. 352)

Madame de Staël considerava a literatura como algo que “pousa suas belezas duráveis somente na moral mais delicada”. (STAËL, 1991, p. 68). Sobre a literatura e sua contribuição à construção e mesmo à existência de certos valores, de Staël assim comenta: “A moral constrói fundamentos sob os quais a glória pode elevar-se, e a literatura, independentemente de sua aliança com a moral, contribui ainda, de uma forma mais direta, com a existência dessa glória, nobre incentivadora de todas as virtudes públicas.” (STAËL, 1991, p. 73)

Finalmente, em *De la Littérature*, Madame de Staël tentou provar que existiria uma tal conexão entre todas as faculdades do homem, que, em aperfeiçoando seu gosto na literatura, esse aperfeiçoamento agiria diretamente na elevação de seu caráter, e que o talento literário estaria diretamente ligado ao talento político. A autora insistiu, no final da obra, sobre a importância do teatro e seu papel na educação das pessoas, na literatura de imaginação (que seria uma forma de luta contra o desencantamento), e na ideia - constante na obra de de Staël - , de que o progresso da literatura acompanha o progresso fundamental do pensamento, que é, em última instância, o saber sobre a existência interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos primeiramente que, em se tratando do século XVIII e início do século XIX, período, portanto, em que se deflagrou a Revolução Francesa, é tarefa impossível pretendermos realizar um trabalho sobre a produção literária e intelectual da época, sem, no entanto, nos envolvermos minimamente com questões sociais, ideológicas e sobretudo políticas, em que, não somente antigos regimes caíam, mas já se podia vislumbrar o prenúncio de um novo mundo, onde mudanças profundas começavam a refletir nos modos de produção e na organização do trabalho.

Como alternativa à dura realidade que se iniciaria com a Revolução Francesa e culminaria com Revolução Industrial Inglesa algumas décadas mais tarde, surgia a promessa de uma nova era, que, estimulada pela imaginação, veria realizar as ideias iluministas.

A valorização e emancipação do indivíduo, a confiança no poder da razão, e a vitória da liberdade e da justiça, emergiam como uma espécie de hino entoado por intelectuais em toda a Europa.

A partir daí se inicia o que chamamos de Romantismo, que, a princípio surgido no meio intelectual alemão, espalhou-se pela Europa, e foi além da literatura, impregnando, através de seu espírito reformista e nacionalista, a filosofia, o pensamento político e as artes em geral na época, através de sua crença nas capacidades criativas inerentes às emoções.

Madame de Staël é uma autora cuja obra foi uma das mais representativas deste momento em que a imaginação criativa, a emoção e a sensibilidade inauguravam uma nova maneira de pensar no homem e na sua relação com o meio.

As principais características inerentes aos primeiros momentos do Romantismo alemão, como a exaltação da natureza e dos sentimentos e virtudes próprios ao homem, a religiosidade abordada sob um viés filosófico, a valorização das artes e da liberdade, sobretudo do indivíduo, a eloquência lírica, defesa da educação como prática da liberdade, e o entusiasmo, estão presentes em praticamente toda a obra de Madame de Staël, fazendo da autora uma autorizada

representante do pensamento romântico alemão da época, e incontestemente propagadora desse pensamento na França.

É importante ressaltar que apesar do terror instaurado e da perseguição napoleônica, de Staël se mantém fiel às suas crenças e opiniões. Ela e o grupo de Coppet conseguem defender, com convicção, a ideologia romântica, e ainda uma literatura que não poderia separar-se das questões, não somente de ordem política, mas também filosófica.

Concluimos, ainda, que a autora possui papel representativo no que tange às discussões sobre teoria da tradução, pois, além da tradução ser uma questão inseparável no pensamento e na produção literária da autora (que não somente falou sobre tradução, mas também foi tradutora), as próprias origens do liberalismo político (do qual a autora foi uma das principais pensadoras), estão ligadas à circulação de ideias, ao intercâmbio de informações entre diferentes culturas, e, em última análise, à prática da tradução.

Madame de Staël ainda apresentava, em seu pensamento sobre tradução, resquícios de uma forma tradicional de conceber a prática tradutória, pois praticamente não se falava sobre questões teóricas ligadas à tradução, e havia ainda uma ligação muito intensa dos intelectuais da época com o pensamento tradicional sobre a tradução, onde essa atividade era vista como um meio de transferir de uma língua para outra.

Porém, a autora, juntamente com os intelectuais ligados ao Romantismo em sua época, já lançariam as bases para o que hoje concebemos como tradução e teoria da tradução, na medida em que deram início às discussões sobre a importância da circulação e do intercâmbio de ideias.

Madame de Staël, lançando mão em seus textos, sobretudo em “Sobre o Espírito das Traduções” de expressões como “belezas naturalizadas”, “novos contornos” e “expressões originais”, já anunciava uma nova sensibilidade estética na teoria e na prática da tradução, onde a condição essencial é o espírito de liberdade. São os ideais do liberalismo político transferidos para a literatura e para a tradução.

Finalmente, concluimos que ao focarmos este trabalho na obra de Madame de Staël - escritora atuante e representativa desse efervescente período - e em seguida, traduzirmos os textos selecionados, reconhecemos, não só a escritora herdeira da primeira geração dos românticos alemães e introdutora do Romantismo na França, mas também uma autora e uma personalidade atuante, que soube

conquistar seu lugar como historiadora, formadora de opinião política, precursora das ideias feministas e filósofa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da primeira edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi. Revisão da tradução, e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACADEMIE FRANÇAISE. **Le français aujourd'hui: Du François au français**. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr/la-langue-francaise/le-francais-aujourd'hui>>. Acesso em junho, 2013.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: A teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2007.

BÉNICHOU, Paul. **Romantismes Français I: Le sacré de l'écrivain et Le temps des prophètes**. Paris: Gallimard, 1996.

BERMAN, Antoine. **L'Épreuve de L'Étranger**. Paris: Gallimard, 1984.

BERMAN, Antoine. **Pour une Critique des Traductions: John Donne**. Paris: Seuil, 1995.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra, ou o albergue do longínquo**. Tradução por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

CARDOZO, Maurício Mendonça. **O significado da diferença: A dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária**. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/view/1018/651>>. Acesso em fevereiro, 2012.

COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DIESBACH, Ghislain de. **Madame de Staël**. Paris: Perrin, 1983.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Tradução por Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

KESTLER, Izabel Maria Furtado. **A Autonomia Estética e o paradigma da Antiguidade Clássica e na Primeira Fase do Romantismo Alemão**. Disponível em: <www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol6/Kunstperiode.PDF>. Acesso em junho, 2012.

KRISTEVA, Julia. **As novas doenças da alma**. Tradução por Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LEFEVERE, André. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária**. Tradução por Cláudia Matos Seleigmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007

Le Monde Politique. **Le Liberalisme Politique**. Disponível em: <http://www.lemondepolitique.fr/cours/philosophie_politique/liberalism> Acesso em fevereiro, 2010

MESCHONNIC, Henri. **A Poética do Traduzir**. Tradução por Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental: Uma História Concisa**. Tradução por Waltencir Dutra e Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAFRANSKI, Rüdinger. **Romantismo: Uma questão alemã**. Tradução por Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SCHLEGEL, Friedrich. **Conversa sobre poesia e outros fragmentos**. Tradução por Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1984.

SOCIETE DES ÉTUDES STAËLIENNES. Disponível em: <<http://www.stael.org>> Acesso em outubro, 2012.

SCHUBERT COELHO, Humberto. **O Descobrimento da Alemanha por Madame de Staël e a Proposta de Regeneração do Espírito Francês**. Disponível em: <<http://www.cogitationes.org/arquivos/cogitationes01/stael-descobrimento-alemanha.pdf>> Acesso em fevereiro, 2012.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **Oeuvres Complètes. vol. I a XVII**. Paris: Firmin-Didot et Treuttel et Wurtz, 1838.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **De l'Allemagne, vol. I.** Paris: Garnier Flammarion, 1968.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **De l'Allemagne, vol. II.** Paris: Garnier Flammarion, 1968.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **Corinne ou l'Italie.** Paris: Folio, 1985.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **Dix années d'exil.** (Edição crítica organizada por Simone Balayé e Mariella Vianello Bonifácio). Paris: Fayard, 1996.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **Réflexions sur le procès de la reine.** Paris: Mercure de France, 1996.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales.** Nova edição crítica estabelecida, apresentada e anotada por Axel Blaeschke. Paris: Garnier, 1998.

STAËL Holstein, Germaine Necker (Madame de). **De l'influence des passions suivi de Réflexions sur le suicide.** Paris: Éditions Payot & Rivages, 2000.

VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. **A Tradição do Liberalismo Doutrinário.** Disponível em: <www.flc.org.br/revista/arquivos/863666876148846.pdf> Acesso em fevereiro, 2012.

WILHELM, Jane Elisabeth. **La traduction, principe de perfectibilité, chez Mme de Staël.** Journal des traducteurs. Meta: Translators Journal, vol. 49, n. 3, 2004, p. 692-705.

SUMÁRIO DOS TEXTOS TRADUZIDOS

- Sobre a Poesia.....	70
(Sobre a Alemanha, Volume I)	
- Sobre a Contemplação da Natureza	75
(Sobre a Alemanha, Volume II)	
- Sobre o Entusiasmo	84
(Sobre a Alemanha, Volume II)	
- Sobre a influência do Entusiasmo sobre as Luzes.....	88
(Sobre a Alemanha, Volume II)	
- Sobre a Disposição Religiosa chamada Misticidade	92
(Sobre a Alemanha, Volume II)	
- As obras da Imaginação.....	102
(Sobre a Literatura considerada nas suas relações com as Instituições)	
- Sobre o Espírito das Traduções.....	118
(Obras Completas, Volume XVII)	

SOBRE A POESIA

(Sobre a Alemanha, Volume I)

Aquilo que é verdadeiramente divino no coração do homem, não pode ser definido; se existem palavras para algumas ocasiões, definitivamente não existem para exprimir o conjunto, e sobretudo o mistério da verdadeira beleza em todos os gêneros. É fácil dizer o que não é poesia; mas se queremos compreender o que ela é, devemos chamar em nosso auxílio as impressões que causam um belo lugar, uma música harmoniosa, o olhar do objeto que nos é caro, e acima de tudo, todo um sentimento religioso que nos faz experimentar em nós mesmos a presença do divino. A poesia é a linguagem natural de todos os cultos. A Bíblia está repleta de poesia, Homero está repleto de religião; não que haja ficções na Bíblia, nem dogmas em Homero; mas o entusiasmo reúne numa mesma morada, sentimentos diversos, o entusiasmo é o incenso da terra em direção ao céu, ele une um ao outro.

O dom de revelar pela palavra aquilo que sentimos no fundo do coração é muito raro; existe, no entanto, poesia em todos os seres providos de afeições vivas e profundas; a expressão falta àqueles que não se esforçam para encontrá-la. A única coisa que o poeta faz, por assim dizer, é resgatar o sentimento aprisionado no fundo da alma; o gênio poético é uma disposição interior da mesma natureza, que aquela que torna capaz um sacrifício generoso: compor uma bela ode é sonhar o heroísmo. Se o talento não fosse móvel, ele inspiraria frequentemente tanto as belas ações quanto as palavras tocantes, pois elas partem igualmente da consciência do belo, que se faz sentir em nós mesmos.

Um homem de espírito superior, dizia que *a prosa era artificial, e a poesia, natural*: com efeito, as nações pouco civilizadas começam sempre pela poesia, e, assim que uma forte paixão agita a alma, os homens mais vulgares se servem, à sua revelia, de imagens e de metáforas; eles chamam em seu auxílio, a natureza exterior para exprimir o que neles acontece de inexprimível. As pessoas do povo estão muito mais próximas de serem poetas que os homens de boa origem, pois a conveniência e a troça servem somente para estabelecer limites, elas não têm a capacidade para inspirar nada.

Existe, neste mundo, uma luta interminável entre a poesia e a prosa, e a zombaria deve sempre estar ao lado da prosa; pois a zombaria acaba por diminui

o valor da obra. O espírito de sociedade é, no entanto, muito favorável à poesia da graça e da alegria da qual Aristóteles, La Fontaine, Voltaire, são os exemplos mais brilhantes. A poesia dramática é admirável em nossos primeiros escritores; a poesia descritiva, e sobretudo a poesia didática, foi levada, nos Franceses, a um alto grau de perfeição; mas não parece que, até o momento, eles tenham sido chamados a se distinguir na poesia lírica ou épica, da forma como os Antigos e os estrangeiros as concebem.

A poesia lírica se exprime em nome do próprio autor; não é mais em um personagem que ele se transporta, é nele mesmo que encontra os diversos movimentos que o animam: Jean Baptiste Rousseau nas suas odes religiosas, e Racine em *Athalie*, mostraram-se poetas líricos; eles foram nutridos por salmos, e foram penetrados por uma fé viva; mesmo que as dificuldades da língua e da versificação francesas, oponham-se quase sempre ao abandono do entusiasmo. Pode-se citar estrofes admiráveis em algumas das nossas odes; mas, será que existe uma única inteira, na qual o deus não tenha abandonado o poeta? Os bonitos versos não são poesia; a inspiração nas artes é uma fonte inesgotável que vivifica desde a primeira até a última palavra: amor, pátria, crença, tudo deve ser divinizado na ode, que é a apoteose do sentimento: deve-se, para conceber a verdadeira grandeza da poesia lírica, errar através do sonho nas regiões etéreas, esquecer o barulho da terra escutando a harmonia celeste, e considerar o universo inteiro como um símbolo das emoções da alma.

O enigma do destino humano não significa nada para a maior parte dos homens; o poeta o tem sempre presente na imaginação. A ideia da morte, que desencoraja os espíritos vulgares, torna o gênio³² mais audacioso, e a mescla das belezas da natureza e os terrores da destruição, excita, não sei qual delírio de felicidade e de espanto, sem o qual não se pode nem compreender nem descrever o

³² Nota da Tradutora: “A partir da segunda metade do séc. XVII, passou-se a indicar com esse termo, o talento inventivo ou criativo nas suas manifestações superiores. (...) A estética do séc. XVIII reduziu a noção de gênio ao domínio da arte. Kant (provavelmente inspirado numa obra inglesa de GERARD, *Essay on Genius, II4t*) defende este ponto de vista: ‘O talento de descobrir chama-se gênio. Mas esse nome só se dá ao artista, àquele que sabe *fazer* alguma coisa, não àquele que conhece e sabe muito; e não se dá ao artista que imita apenas, mas àquele que é capaz de produzir sua obra com originalidade; enfim, só se dá quando seu produto é *magistral*, quando, por mérito, merece ser imitado’ (*Antr*, § 57). Esse é o sentido da definição de gênio que Kant dá na *Crítica do Juízo* como de ‘talento (dom natural) que dita regras à arte’. Como talento, o gênio foge a qualquer regra; mas como criador de exemplares distingue-se de qualquer extravagância. (...) Kant observa que, justamente devido a essas últimas características, ‘a palavra gênio derivou de *genius*, que significa o próprio espírito do homem, o que lhe foi dado ao nascer, que o protege e o dirige, de cujas sugestões provêm as ideias originais’ (*Crítica do Juízo*, § 46).” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

espetáculo deste mundo. A poesia lírica não conta nada, não se sujeita em nada à sucessão dos tempos, nem aos limites dos lugares; ela plana sob os países e sob os séculos; ela dá a duração a este momento sublime, durante o qual o homem se eleva além das dores e dos prazeres da vida. Ele se sente no meio das maravilhas do mundo, como um ser, ao mesmo tempo criador e criatura, que deve morrer e que não pode cessar de ser, e cujo coração trêmulo e forte, ao mesmo tempo orgulha-se em si mesmo e prosterna-se diante de Deus.

Os alemães, reunindo tudo ao mesmo tempo, o que é muito raro, a imaginação e o recolhimento contemplativo, são mais aptos à poesia lírica do que a maioria das outras nações. Os modernos não podem se livrar de uma certa profundidade de ideias às quais uma religião espiritualista os acostumou; e se, não obstante, esta profundidade não fosse nem um pouco revestida de imagens, isto não seria poesia: é necessário então, que a natureza engrandeça aos olhos do homem, para que ele possa servir-se dela como emblema de seus pensamentos. Os bosques, as flores e os regatos eram suficientes para os poetas do paganismo; a solidão das florestas, o oceano sem limites, o céu estrelado mal podem exprimir o eterno e o infinito cuja alma dos cristãos está repleta.

Os alemães não possuem mais poemas épicos que nós; esta admirável composição não parece pertencer aos modernos, e talvez só exista a *Ilíada* que responda inteiramente à ideia que se faz deste gênero de obra: é necessário, para o poema épico, um conjunto singular de circunstâncias que é encontrado nos Gregos, a imaginação dos tempos heroicos e a perfeição da linguagem dos tempos civilizados. Na Idade Média, a imaginação era forte, mas a linguagem imperfeita; nos nossos dias a linguagem é pura, mas a imaginação está defeituosa. Os Alemães possuem muita audácia nas ideias e no estilo, e pouca invenção na profundidade do tema; seus ensaios épicos se aproximam quase sempre do gênero lírico. Os dos Franceses, entram mais no gênero dramático, e existe mais interesse que grandiosidade! Quando se trata de agradar ao teatro, a arte de circunscrever-se em um dado plano, de adivinhar o gosto dos espectadores e de ajoelhar-se a eles com habilidade, garante uma parte do sucesso; enquanto que nada deve se apegar às circunstâncias externas e passageiras na composição de um poema épico. Ele exige belezas absolutas, belezas que maravilham o leitor solitário, já que seus sentimentos são mais naturais e sua imaginação mais ousada. Aquele que gostaria de muito arriscar-se em um poema épico, correria o risco de ser

severamente repreendido pelo bom gosto francês; porém, aquele que nada se arrisca, não seria menos menosprezado.

Boileau³³, aperfeiçoando o gosto e a língua, deu ao espírito³⁴ francês, não se pode negar, uma disposição bastante desfavorável à poesia. Ele falou somente sobre o que seria necessário ser evitado; ele insistiu somente nos preceitos de razão e de sabedoria que introduziram na literatura uma espécie de pedantismo bastante nocivo ao *élan* sublime das artes. Temos em francês, obras de arte da versificação; mas como podemos chamar versificação de poesia! Traduzir em verso o que foi feito para permanecer em prosa, exprimir em dez sílabas, como Pope, os jogos de cartas e seus menores detalhes, ou como os últimos poemas que apareceram na França, o trictrac³⁵, os xadrezes, a química, é, de fato um passe de mágica de palavras, é compor com palavras como com notas de sonatas sob o nome de poema.

É necessário, no entanto, um grande conhecimento da língua poética para descrever de forma tão nobre os objetos que emprestam menos à imaginação, e tem-se razão de admirar alguns pedaços soltos destas galerias de quadros; mas as transições que os ligam entre eles são necessariamente prosaicas como o que se passa na cabeça do escritor. Ele disse a si mesmo: _ Eu farei versos sobre este assunto, depois sobre este outro, depois sobre aquele outro. _ E sem se dar conta, ele nos coloca na confidencialidade da sua maneira de trabalhar. O verdadeiro poeta concebe, por assim dizer, todo seu poema de uma só vez no fundo de sua alma: sem as dificuldades da linguagem, ele improvisaria como a sibila e os profetas, os hinos santos do gênio. Ele se abala com as suas concepções da mesma forma que com um acontecimento de sua vida. Um mundo novo se oferece a ele; a imagem sublime de cada situação, de cada caráter, de cada beleza da natureza, abala seus olhares, e seu coração bate por uma felicidade celestial que atravessa como um clarão a escuridão do destino. A poesia é uma possessão momentânea de tudo aquilo que nossa alma deseja; o talento faz desaparecer os limites da existência e modifica em imagens brilhantes a vaga esperança dos mortais.

³³ Nota da Tradutora: **Nicolas Boileau**, também chamado de Boileau-Despréaux. Poeta, escritor e crítico parisiense, um dos teóricos mais reconhecidos da estética clássica. Nascido em 1 de novembro de 1636 e morto em 13 de março de 1711.

³⁴ Nota da Tradutora: Uma das definições filosóficas para espírito é "*Alma racional* ou *intelecto* (v.) em geral; esse é o significado predominante na filosofia moderna e contemporânea, bem como na linguagem comum." ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

³⁵ Nota da Tradutora: Jogo de mesa jogado por 2 jogadores com dados e um tabuleiro, muito em moda na França entre os séculos XVII e XVIII, sobretudo na corte e nos meios aristocráticos.

Seria mais fácil descrever os sintomas do talento, do que lhe atribuir preceitos; o gênio se sente como o amor, pela própria profundidade da emoção onde ele penetra aquele que possui o talento; mas se ousassem aconselhar este gênio³⁶, cuja natureza quer ser o único guia, não seriam conselhos puramente literários que deveriam ser dirigidos a ele; dever-se-ia falar aos poetas como se fala a cidadãos, como a heróis; seria necessário dizer a eles: — Sejam virtuosos, sejam crentes, sejam livres, respeitem aquilo que amam, procurem a imortalidade no amor e a divindade na natureza, enfim, sacrifiquem vossa alma como um templo, e o anjo dos nobres pensamentos não hesitará em se revelar.

SOBRE A CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA

(Sobre a Alemanha, Volume II)

Falando sobre a influência da nova filosofia sobre as ciências, já mencionei alguns dos novos princípios adotados na Alemanha, relativos ao estudo da natureza; mas como a religião e o entusiasmo possuem um papel importante na contemplação do universo, eu indicarei de uma forma geral, as visões políticas e religiosas que podem ser aproveitadas sob este aspecto, nas obras alemãs.

Numerosos físicos, guiados por um sentimento de piedade, acreditaram que deveriam deter-se no exame das causas finais; eles tentaram provar, que tudo no mundo tende à manutenção e ao bem estar físico dos indivíduos e das espécies. Pode-se fazer, me parece, objeções bastante fortes a este sistema. Ele parece, sem dúvida, à vontade para ver que na ordem das coisas os meios correspondem admiravelmente a seus fins; mas nesse encadeamento universal, onde pairam essas causas que são efeitos, e esses efeitos que são causas, onde tudo é voltado à conservação do homem, teremos dificuldade em conceber o que ela tem em comum com a maioria dos seres. Além disso, seria supervalorizar a existência material, no lugar de concebê-la como objetivo último da criação.

³⁶ Nota da Tradutora: “O ponto de vista de Kant sobre *gênio* era aceito por Schopenhauer, que, considerando a arte como a visão das ideias platônicas, que são a primeira ‘objetivação’ da vontade de viver, vê na arte a ‘contemplação pura’ e, por isso, a essência do gênio na preponderante aptidão para tal contemplação. (*Die Welt*, I, § 36). (...) Essas observações de Schopenhauer constituem uma contribuição para aquilo que poderíamos chamar de culto romântico do gênio.” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.**

Aqueles que, a despeito da quantidade imensa de infelicidades particulares, atribuem um certo tipo de bondade à natureza, consideram-na como um grande especulador que se retira no momento oportuno. Este sistema não convém nem mesmo a um governo, e foi combatido por escritores escrupulosos da área de economia política. O que seria isto então, já que trata-se de intenções da divindade? Um homem religiosamente considerado, é tão importante quanto toda a raça humana; e desde que concebemos a ideia de uma alma imortal, não deve ser possível admitir uma maior ou menor importância de um indivíduo com relação a todos os outros. Cada ser inteligente é de um valor infinito, já que ele deve durar para sempre. É pois, sob um ponto de vista mais elevado, que os filósofos alemães consideraram o universo.

Há aqueles que creem ver em tudo dois princípios, aquele do bem, e aquele do mal, combatendo-se sem cessar; e, seja atribuindo este combate a um poder infernal, seja, o que parece mais simples de se pensar, que o mundo físico possa ser a imagem das boas e das más inclinações do homem, é certo que este mundo nos possibilita sempre observar duas faces absolutamente contrárias.

Existe, e não se pode negar, um lado terrível na natureza e também no coração humano, em que podemos sentir, um inegável poder de cólera. Qualquer que seja a boa intenção dos partidários do otimismo, mais profundidade se faz notar, me parece, naqueles que não negam o mal, mas que compreendem a conexão deste mal com a liberdade do homem, com toda a imortalidade de que esta tem direito.

Os escritores místicos que mencionei nos capítulos precedentes³⁷, enxergam o homem como sumário do mundo, e o mundo como emblema dos dogmas do cristianismo. A natureza lhes parece a imagem corporal da divindade, e eles sempre mergulham, antes de tudo, na significação profunda das coisas e dos seres.

Entre os escritores alemães que se ocuparam da contemplação da natureza sob aspectos religiosos, dois merecem uma atenção particular: Novalis, como poeta, e Schubert, como físico. Novalis, homem de berço, foi iniciado, desde a sua juventude, em estudos de todas as espécies, desenvolvidos pela nova escola na Alemanha; mas sua alma piedosa acordou um grande caráter de simplicidade às

³⁷ Nota da Tradutora: Madame de Staël se refere aqui, aos capítulos precedentes do segundo volume de *“De l’Allemagne”*, que não serão traduzidos neste trabalho.

suas poesias. Ele morreu com vinte e seis anos; e foi no momento em que ele não mais existia, que os cantos religiosos que ele compôs adquiriram na Alemanha uma notoriedade comovente. O pai desde jovem era morávio; e algum tempo após a morte de seu filho, na ocasião de uma visita a seus irmãos de religião, em sua igreja, ele escutou cantar as poesias de seu filho, as quais os morávios haviam elegido para instruir-se, sem mesmo conhecer seu autor.

Entre as obras de Novalis, distinguem-se os hinos à noite que retratam com uma grande força, o recolhimento que ela faz nascer dentro da alma. A claridade do dia pode convir à alegre doutrina do paganismo; mas o céu estrelado parece ser o verdadeiro templo do culto mais puro. É na escuridão da noite, diz um poeta alemão, que a imortalidade revelou-se ao homem, a luminosidade do sol ofusca os olhos que creem ver. Estrofes de Novalis sobre a vida de menos favorecidos, encerram uma poesia animada por um efeito muito grande; ele interroga a terra encontrada nas profundezas, porque ela foi testemunha das diversas revoluções sofridas pela natureza; e ele exprime um desejo energético de penetrar cada vez mais adiante em direção ao centro do globo. O contraste desta enorme curiosidade com a vida tão frágil que deve ser exposta para satisfazê-la, causa uma emoção sublime. O homem está situado na terra entre o infinito dos céus e o infinito dos abismos, e sua vida, no tempo, está também entre duas eternidades. Rodeado por ideias e objetos sem limites por todos os lados, incontáveis pensamentos aparecem para o homem como milhares de luzes que se confundem e ofuscam sua visão.

Novalis escreveu muito sobre a natureza em geral, e ele mesmo nomeia-se, com razão, o discípulo de Saïs, porque foi nesta cidade que foi fundado o templo de Ísis, e onde as tradições que nos restam dos mistérios dos Egípcios, levam a crer que seus pregadores tinham o conhecimento aprofundado das leis do universo.

“O homem está com a natureza, diz Novalis, em relações quase tão variadas, quase tão inconcebíveis, quanto aquelas que ele mantém com seus semelhantes, e como ela é acessível às crianças e se completa em seus corações simples, ela se mostra sublime aos espíritos³⁸ elevados, e divina aos seres divinos.

³⁸ Nota da Tradutora: Outra definição filosófica possível, é que o espírito é “*Pneuma* (v.) ou sopro animador, admitido pela física estóica, passando desta a várias doutrinas antigas e modernas. É o significado originário do termo, do qual derivaram todos os outros. Esse significado ainda permanece

O amor pela natureza toma formas diversas, e mesmo que ela incite em alguns somente a alegria e a volúpia, ela inspira, em outros, a religião mais piedosa, do tipo que dá à toda vida uma direção e um apoio. Já nos povos antigos, havia almas compenetradas para quem o universo era a imagem da divindade, e outras ainda, que se consideravam somente convidadas para o banquete que ela oferece: o ar, para esses convidados da existência, era tão somente uma bebida refrescante, as estrelas somente chamas que presidiam as danças durante a noite, e as plantas e animais tão somente magníficos preparativos de uma esplêndida refeição; a natureza não se mostrava em seus olhos como um templo majestoso e tranquilo, mas como o teatro brilhante de festas sempre novas.”

“Nesta mesma época, no entanto, espíritos mais profundos ocupavam-se sem descanso em reconstruir o mundo ideal, cujos traços já haviam desaparecido; eles partilhavam entre irmãos, os trabalhos mais sagrados; alguns tentavam reproduzir, através da música, a voz da floresta e do ar; outros imprimiam a imagem e o pressentimento de uma raça mais nobre sob a pedra e sob o bronze, transformavam rochas em edifícios e traziam à tona os tesouros escondidos na terra. A natureza civilizada pelo homem, parecia responder aos seus desejos: a imaginação do artista ousou interrogá-la, e a idade do ouro pareceu renascer com a ajuda do pensamento.”

“É necessário, para conhecer a natureza, tornar-se um com ela. Uma vida poética e recolhida, uma alma santa e religiosa, toda a força e toda a flor da existência humana, são necessárias para compreendê-la, e o verdadeiro observador é aquele que sabe descobrir a analogia desta natureza com o homem, e a do homem com o céu.”

Schubert escreveu um livro sobre a natureza que não se consegue cessar de ler, tanto ele é repleto de ideias que inspiram a meditação; ele apresenta um quadro de fatos novos, cujo encadeamento é concebido sob novos aspectos.

nas expressões em que Espírito significa ‘aquilo que vivifica’. Kant usou o termo nesse sentido em sua teoria estética: ‘No significado estético, Espírito é o princípio vivificante do sentimento. Mas aquilo com que esse princípio vivifica a alma, a matéria de que se serve, é o que confere impulso finalista à faculdade do sentimento e a insere num jogo que se alimenta de si mesmo e fortifica as faculdades de que resulta’ {*Crít. do Juízo*, § 49; *Antr.*, § 71 b). Foi com esse sentido que a palavra Espírito permaneceu no uso corrente, em que às vezes se contrapõe à ‘letra’, para indicar o que vivifica ou, sem metáfora, o significado autêntico de alguma coisa. (...)”. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

Duas ideias principais permanecem de sua obra; os Indianos creem na metempsicose descendente, ou seja, aquela que condena a alma do homem passando-a para os animais e para as plantas, para puni-los pelo fato de fazerem mau uso da vida. Dificilmente pode-se encontrar um sistema de uma tristeza tão profunda, e as obras literárias dos Indianos cumprem esta dolorosa tarefa. Creem ver em toda parte, nos animais e nas plantas, o pensamento cativo e o sentimento contido, se esforçarem em vão, para se libertarem das formas grosseiras e mudas que os prendem. O sistema de Schubert é mais consolador, pois representa a natureza como uma metempsicose ascendente, na qual, desde a pedra até a existência humana, existe um movimento contínuo que faz avançar o princípio vital continuamente, até atingir o aperfeiçoamento mais completo.

Schubert crê também, que existiram épocas, em que o homem possuía um sentimento tão vivo e tão delicado sobre os fenômenos existentes, que ele podia adivinhar, através de suas próprias impressões, os segredos mais ocultos da natureza. Essas faculdades primitivas embotaram-se, e é frequentemente a irritabilidade maléfica dos nervos, que, enfraquecendo o poder de raciocínio, traz ao homem o instinto que ele devia, em outros tempos, à própria plenitude de suas forças. Os trabalhos dos filósofos, dos sábios e dos poetas na Alemanha, têm por objetivo, diminuir o árido poder do raciocínio, sem, no entanto obscurecer as luzes. É desta forma, que a imaginação do mundo antigo pode renascer como a fênix, das cinzas de todos os erros.

A maior parte dos físicos procuraram explicar, como já citei, a natureza como um bom sistema de governo, onde tudo é conduzido segundo sábios princípios administrativos, mas é, no entanto, um desejo vão, querer transportar esse sistema prosaico para a criação. Nem o terrível, nem o belo, poderiam ser explicados por essa teoria circunscrita, e a natureza é, ao mesmo tempo, muito cruel e demasiado magnífica para que se possa submetê-la ao mesmo tipo de cálculo admitido no julgamento das coisas deste mundo.

Existem objetos medonhos, cuja impressão que causa em nós é inexplicável; certas figuras de animais, certas formas de plantas, certas combinações de cores, que reviram nossos sentidos, mesmo que não percebamos as causas dessa repugnância; dir-se-ia, que esses contornos desagradáveis, essas imagens repugnantes, remetem à baixeza e à traição, mesmo que nada, dentro das analogias do raciocínio, possa explicar tal associação de ideias. A fisionomia do homem não é

unicamente do jeito que imaginaram alguns escritores, com desenho mais ou menos pronunciado de traços; passa pelo olhar e pelos movimentos do rosto, não sei qual expressão de alma, que é algo impossível de ser ignorada, e é sobretudo na figura humana que se apreende o que existe de extraordinário e de desconhecido nas harmonias do espírito e do corpo.

Os acidentes e as tristezas, na ordem física, possuem algo de tão rápido, tão impiedoso, de tão inesperado, que parecem assombrados, a doença e seus furores são como uma vida perversa que se apodera de repente da vida que está tranquila. As afeições do coração nos fazem sentir a barbárie desta natureza, que sempre nos é apresentada como algo tão doce. Quantos perigos ameaçam um ente querido? Sob quantas formas a morte não se metamorfoseia ao redor de nós! Não existe um lindo dia que não possa encobrir uma catástrofe, uma flor cujos sucos não possam estar envenenados, não existe um sopro de ar que não possa trazer com ele um contágio funesto, e a natureza parece uma amante ciumenta pronta a atravessar o peito do homem no instante mesmo em que ele está inebriado pelos seus dons.

Como compreender o objetivo de todos esses fenômenos, se nos atemos ao encadeamento ordinário das nossas formas de julgar? De que forma pode-se compreender os animais sem mergulhar-se no espanto que faz nascer sua misteriosa existência? Um poeta os nomeou de *os sonhos da natureza, em que o homem é o despertar*. Com qual objetivo eles foram criados? O que significam estes olhares que parecem cobertos por uma nuvem obscura, atrás da qual uma ideia parece querer virar realidade? Que relação têm eles conosco? Qual é a parte da vida em que gozam? Um pássaro sobrevive ao homem de gênio³⁹, e não sei que espécie de bizarro desespero invade o coração, quando perdemos aquele que amamos, e que continuamos vendo o sopro da existência animar um inseto, que morre na terra onde o mais nobre dos objetos desapareceu.

A contemplação da natureza atormenta o pensamento; sente-se com ela, relações que não tendem nem ao bem nem ao mal que ela nos pode fazer; mas

³⁹ Nota da Tradutora: “As observações de Schopenhauer contribuíram para aquilo que poderíamos chamar de culto romântico do gênio. Esse culto não se limita, no entanto, ao gênio artístico. “Fichte mostrava já a conexão do gênio com a filosofia. A inventividade do filósofo requer ‘um obscuro sentimento da verdade’ e esse sentimento é exatamente o gênio. Para Fichte, mesmo que um dia a filosofia progredisse a ponto de conter uma ‘teoria da invenção, não seria possível chegar a isso a não ser por meio do gênio.’ (*Werke*, ed. Medicus, I, p. 203).” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

sua alma visível, vem em busca da nossa em seu seio, e se mantém através de nós. Quando as trevas nos apavoram, não são sempre os perigos aos quais elas nos expõem o que tememos, mas é da simpatia que a noite possui por todos os tipos de privação e de dores, que somos penetrados. O sol, ao contrário, é como uma emanção da divindade, como o mensageiro resplandecente de uma prece suplicada; seus raios descem sobre a terra, não somente para guiar os trabalhos do homem, mas para exprimir amor à natureza.

As flores se voltam para a luz, a fim de acolhê-la; elas se fecham durante a noite, e de manhã e de tarde, elas parecem exalar, em perfumes aromáticos, seus hinos de louvor. Quando cultivamos essas flores na escuridão, pálidas, elas não revestem mais suas cores habituais, mas quando as levamos para o dia, o sol reflete nelas seus diversos raios, como no arco-íris, e dir-se-ia que ele se mira com orgulho na beleza, a qual ele ornamentou. O sono dos vegetais durante certas horas e certas estações do ano, está de acordo com o movimento da terra; ela mantém adormecidos, nas regiões em que percorre, a metade das plantas, dos animais e dos homens. Os passageiros dessa grande nau, que chamamos de mundo, se deixam embalar no círculo que descreve sua itinerante morada.

A paz e a discórdia, a harmonia e a dissonância, reunidas em um lugar secreto, são as primeiras leis da natureza, e, seja mostrando-se, temível ou encantadora, a unidade sublime que a caracteriza é sempre reconhecida. A chama precipita-se em ondas como as torrentes; as nuvens que percorrem os ares tomam às vezes, a forma de montanhas e de vales, e parecem criar imitações, julgando ser a imagem da terra. Está escrito no *Gênesis* “que o Todo-Poderoso separou as águas da terra, das águas do céu, e as suspendeu nos ares.” O céu é na verdade um nobre aliado do Oceano; o anil do firmamento reflete nos mares, e as ondas se desfazem em nuvens. Às vezes, quando um temporal se forma na atmosfera, o mar estremece ao longe, e poderíamos dizer que ele responde através da inquietação de suas águas, a este misterioso sinal que recebeu da tempestade.

Humboldt conta, em suas visões científicas e poéticas sobre a América Meridional, que foi testemunha de um fenômeno observado no Egito, denominado *miragem*. De súbito, nos desertos mais áridos, a reverberação do ar toma a aparência de lagos ou do mar, e mesmo os animais, ofegantes de sede, lançam-se em direção a estas imagens enganosas, esperando saciar-se. As diversas figuras que a geada traça no vidro, oferecem também um novo exemplo dessas

maravilhosas analogias, os vapores condensados pelo frio desenham paisagens parecidas àquelas que se fazem notar nas terras setentrionais: florestas de pinhos, montanhas eriçadas erguendo-se sob suas brancas cores, e a natureza gelada diverte-se em desfazer o que a natureza animada produziu.

Não somente a natureza se repete, mas ela parece querer imitar as obras dos homens e dar a elas, desta forma, um testemunho singular de sua correspondência com eles. Conta-se que nas ilhas vizinhas do Japão, as nuvens apresentam aos olhares, o aspecto de construções regulares. As belas artes também possuem seu modelo na natureza, e este luxo da existência é mais cuidado por ela do que a própria existência: a simetria das formas nos reinos vegetal e mineral serviu de modelo para os arquitetos, e o reflexo dos objetos e das cores na onda, dá a ideia de ilusões na pintura; o vento, cujo murmúrio se prolonga nas folhas trêmulas, nos revela a música. Conta-se ainda, que na costa da Ásia, onde a atmosfera é mais pura, escuta-se de vez em quando, à noite, uma harmonia queixosa e doce, que a natureza parece endereçar ao homem, a fim de ensiná-lo que ela também respira, ama e sofre.

Frequentemente, sob o impacto de um belo lugar, somos tentados a acreditar que ele possui por único objetivo, excitar em nós sentimentos nobres e elevados. Não sei qual relação existe entre os céus e a nobreza do coração, entre os raios da lua que repousam sobre a montanha, e a calma da consciência, mas estes objetos nos falam uma linda linguagem, e, nos rendendo ao estremecimento que eles causam, a alma estará bem. Quando à noite, na extremidade da paisagem, o céu parece tocar, de tão perto, a terra, a imaginação desenha para além do horizonte, um asilo de esperança, uma pátria de amor, e a natureza parece repetir silenciosamente que o homem é imortal.

A sucessão contínua de morte e nascimento, cujo mundo físico é o teatro, produziria a impressão mais dolorosa, se não acreditássemos ver nela o traço da ressurreição de todas as coisas, e é o verdadeiro ponto de vista religioso da contemplação da natureza, a única forma de considerá-la. Acabaríamos por morrer de piedade se nos limitássemos à terrível ideia do irreparável: nenhum animal perece sem que possamos lamentá-lo, nenhuma árvore cai, sem que a ideia de que não veremos mais sua beleza, não cause em nós uma reflexão dolorosa. Enfim, os próprios objetos inanimados causam mal-estar quando sua decadência obriga a separarmo-nos deles: a casa, os móveis, que serviram àqueles que amamos, nos

interessam, e estes objetos causam em nós, algumas vezes, uma espécie de simpatia independente das lembranças que eles trazem; lamentamos a forma como os conhecemos, como se esta forma fizesse deles, seres que assistiram à nossa existência, e que deviam nos ver morrer. Se o tempo não tivesse como antídoto a eternidade, nos apegaríamos a cada momento para retê-lo, a cada som para fixá-lo, a cada olhar para prolongar seu brilho, e as alegrias somente existiram no instante em que nos seriam necessárias para sentir que elas passam, e para regar de lágrimas seus traços, que o abismo dos dias deve também devorar.

Uma reflexão nova me surpreendeu nos escritos que me foram mostrados por um homem, cuja imaginação é pensativa e profunda; ele compara ao mesmo tempo as ruínas da natureza, as da arte e as da humanidade. “As primeiras, ele diz, são filosóficas, as segundas, poéticas, e as últimas, misteriosas.” Uma coisa muito digna de ser notada, com efeito, é a ação dos anos tão diferente sobre a natureza, sobre as obras de gênio⁴⁰ e sobre as criaturas vivas. O tempo só ultraja o homem: quando os rochedos desmoronam, quando as montanhas submergem nos vales, a terra só muda de aspecto; um novo aspecto excita novos pensamentos em nosso espírito, e a força vivificante sofre uma metamorfose, mas não uma degradação; as ruínas das belas artes falam à imaginação, ela reconstrói o que o tempo fez desaparecer, e talvez uma obra de arte em todo seu brilho, jamais tenha podido dar tanta ideia de grandiosidade, como o faz as ruínas desta obra. Representa-se os monumentos semidestruídos, revestidos de todas as belezas que, um dia, supomos naqueles que perdemos: isso está longe, porém, de poder ser comparado aos danos da velhice.

Mal podemos acreditar que a juventude embelezava uma feição cuja morte já tomou posse: algumas fisionomias escapam, pelo esplendor da sua alma, da degradação; mas a figura humana em sua decadência, toma frequentemente uma expressão tão vulgar que mal permite piedade! Os animais perdem, com os anos, é certo, sua força e sua agilidade, mas o encarnado da vida não se

⁴⁰ Nota da Tradutora: “Fichte reconheceu no gênio as mesmas características que Kant lhe atribuíra: inventividade e naturalidade. ‘(...) O obscuro sentimento da verdade, que Fichte atribui ao gênio, transforma-o naquilo que Schlegel chamava de ‘mediador entre o Infinito e o finito’, aquele que ‘percebe em si o divino e, anulando-se, dedica-se a anunciar esse divino a todos os homens, a participar dele e a representá-lo nos costumes e nas ações, nas palavras e nas obras’ (*Ideen*, 1800, § 44).” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

transforma, para eles, em lívidas cores, e seus olhos apagados não se parecem à tochas funerárias que lançam pálidas claridades sob um semblante murcho.

Quando, na flor da idade, a vida se retira do âmago do homem, nem a admiração que faz nascer as transformações da natureza, nem o interesse que despertam as ruínas dos monumentos, podem se ligar ao corpo inanimado da mais bela das criaturas. O amor que enternecia esta figura encantadora, esse amor não pode suportar restos, e nada do homem permanece depois de sua passagem na terra que possa emocionar, nem mesmo seus companheiros.

Ah! Que lição os horrores da destruição enfurecida, ensina à raça humana! Não teria ela, por objetivo, anunciar ao homem que sua vida está em outro lugar? A natureza o humilharia a este ponto, se acaso a divindade não pretendesse reanimá-lo?

As verdadeiras causas finais da natureza são suas relações com nossa alma e com nossa sorte imortal; os próprios objetos físicos possuem um destino que não se restringe de forma alguma à curta existência do homem aqui embaixo; eles estão lá para agregar ao desenvolvimento dos nossos pensamentos, à obra de nossa vida moral. Os fenômenos da natureza não devem ser compreendidos somente segundo as leis da matéria, por mais bem combinadas que sejam; eles possuem um sentido filosófico e um objetivo religioso, cuja contemplação mais atenta não poderá jamais conhecer toda a extensão.

SOBRE O ENTUSIASMO

(Sobre a Alemanha, Volume II)

Muitas pessoas têm restrições a respeito do entusiasmo; eles o confundem com o fanatismo, o que é um grande erro. O fanatismo é uma paixão exclusiva, onde uma opinião é o objeto; o entusiasmo está ligado à harmonia universal: é o amor ao belo, a elevação da alma, o gozo da dedicação, reunidos em um mesmo sentimento que possui grandeza e calma. O sentido desta palavra para os Gregos possui a mais nobre das definições: o entusiasmo significa Deus em nós. Com efeito, quando a existência do homem é expansiva, ela tem algo de divino.

Tudo aquilo que nos leva a sacrificar nosso próprio bem-estar, ou nossa própria vida, é quase sempre entusiasmo: pois o caminho reto da razão egoísta é o de tomar a si próprio como objetivo de todos os seus esforços, e de desejar neste mundo, nada além da saúde, do dinheiro e do poder. Sem dúvida, a consciência é suficiente para conduzir o caráter⁴¹ mais frio na rota da virtude; mais o entusiasmo está para a consciência assim como a honra está para o dever: existe em nós, algo além da alma que é facilmente consagrado àquilo que é belo, quando aquilo que é bom é atingido. O gênio⁴² e a imaginação também necessitam que cuidemos um pouco de sua felicidade neste mundo; e a lei do dever, por mais sublime que seja, não é suficiente para fazer experimentar todas as maravilhas do coração e do pensamento.

Não saberíamos negar, que os interesses da personalidade pressionam os homens de todas as formas; existe, mesmo naquele que é vulgar, um certo gozo, do qual muitas pessoas são suscetíveis, e encontram-se com frequência traços de tendências ignóbeis na aparência das maneiras mais distintas. Os talentos superiores nem sempre garantem esta natureza degradada que dispõe surdamente da existência dos homens, e os faz colocar sua felicidade em nível mais baixo que eles próprios. Somente o entusiasmo pode contrabalançar a tendência ao egoísmo, e é sob este sinal divino, que deve-se reconhecer as criaturas imortais. Quando se fala a alguém sobre temas dignos de um respeito sagrado, deve-se primeiramente perceber se esta pessoa experimenta uma espécie de frisson, se seu coração bate por sentimentos elevados, se ela fez aliança com a outra vida, ou ainda se há menos um pouco de espírito que ela utiliza para dirigir o mecanismo da existência. E o que é então o ser humano, quando vemos nele somente uma prudência cuja sua própria vantagem é o objeto? O instinto dos animais vale mais, pois ele é, às vezes, generoso e orgulhoso; mas este cálculo, que parece um atributo da razão, acaba por incapacitar a primeira das virtudes, a abnegação.

⁴¹ Nota da Tradutora: “Caráter, no sentido filosófico, é propriamente o sinal, ou o conjunto de sinais, que distingue um objeto e permite reconhecê-lo facilmente entre os outros. Em particular, o modo de ser ou de comportar-se habitual e constante de uma pessoa, à medida que individualiza e distingue a própria pessoa.” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

⁴² Nota da Tradutora: “É verdade que, assim como Kant, Schelling afirmava que o gênio é sempre e somente estético, mas ao mesmo tempo considerava a intuição estética o órgão da filosofia e, em geral, da ciência. O gênio é, pois, o absoluto que se revela no homem e não pertence só a uma parte do homem (*Werke*, I, III, pp. 618 ss.)” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

Entre aqueles que tentam tornar sentimentos exaltados em ridículos, numerosos são, no entanto, suscetíveis aos seus insultos. A guerra, mesmo quando travada por visões pessoais, traz sempre um pouco dos prazeres do entusiasmo; a embriaguez de um dia de batalha, o prazer singular de se expor à morte, quando toda nossa natureza nos comanda a amar a vida, é ao entusiasmo que se deve atribuí-los. A música militar, o relincho dos cavalos, a explosão da pólvora, aquela multidão de soldados vestidos com as mesmas cores, movidos pelo mesmo desejo, agrupando-se em torno dos mesmos estandartes, fazem provar de uma emoção que triunfa sobre o instinto conservador da existência; e este prazer é tão forte, que nem as fadigas, nem os sofrimentos, nem os perigos, conseguem desunir as almas. Quem quer que seja que tenha provado desta vida, só consegue amar unicamente a ela. O objetivo alcançado não satisfaz jamais; é a ação de se arriscar que se faz necessária, é ela que faz o entusiasmo correr pelo sangue; e mesmo aquele que é mais puro no fundo de sua alma, ainda possui uma natureza nobre, mesmo quando sucumbe a uma impulsão quase física.

Acusa-se frequentemente o entusiasmo sincero, daquilo que somente pode ser reprovado ao entusiasmo afetado; quanto mais um sentimento é belo, mais a falsa imitação deste sentimento é odiosa. Usurpar a admiração dos homens, é o que existe de mais vil, pois estanca-se neles a fonte das boas atitudes, fazendo-os envergonhar-se por tê-los experimentado. Outrossim, não existe nada mais incômodo do que os falsos sons que parecem sair do santuário da alma; a vaidade pode comparar-se a tudo aquilo que é externo, o que resultará somente em outro mal, a pretensão e a desgraça; quando ela contraria, porém, os sentimentos mais íntimos, parece o último asilo, onde se esperava poder escapar dela, é violado. É fácil, no entanto, reconhecer a sinceridade do entusiasmo; trata-se de uma melodia tão pura que a menor desarmonia é suficiente para destruir todo seu encanto; uma palavra, um acento, um olhar podem exprimir uma emoção concentrada que responde a toda uma vida. As pessoas consideradas severas no mundo, possuem nelas, muito frequentemente, algo de exaltado. A força que submete aos outros, pode somente tratar-se de um frio cálculo. A força que triunfa de si próprio é sempre inspirada por um sentimento generoso.

Longe de podermos negar os excessos do entusiasmo, ele talvez conduza, geralmente, à tendência contemplativa que prejudica o poder de agir; os Alemães são uma prova deste fato; nenhuma nação é mais capaz de sentir e de

pensar; mas quando é chegado o momento de tomar partido, o embotamento de concepções causa dano à decisão de caráter⁴³. O caráter e o entusiasmo se diferem sob vários aspectos; deve-se escolher seu objetivo pelo entusiasmo, mas levá-lo adiante pelo caráter: o pensamento não é nada sem o entusiasmo, nem a ação sem o caráter; o entusiasmo é tudo para as nações literárias; o caráter é tudo para as nações laboriosas: as nações livres necessitam tanto de um quanto de outro.

O egoísmo regozija-se em falar sem cessar dos perigos do entusiasmo; é bastante ridículo este pretense temor; se os habilidosos desse mundo quisessem ser sinceros, eles diriam que nada os convém mais do que ter que tratar com estas pessoas para quem tantos meios são impossíveis, e que podem tão facilmente renunciar àquilo que ocupa a maioria dos homens.

Esta disposição da alma possui força, apesar de sua suavidade, e aquele que a sente, sabe tirar dela uma nobre constância. As tempestades de paixão se apaziguam, os prazeres do amor próprio murcham, somente o entusiasmo é inalterável; a própria alma se desfaria na existência física, se algo de ativo e de animado não a arrancasse dela o vulgar ascendente do egoísmo: esta dignidade moral, da qual ninguém se apercebe, é o que existe de mais admirável no dom da existência: é por ela que, nas dores mais amargas, é ainda possível ser belo ter vivido, como seria belo morrer.

Examinemos, pois, a influência do entusiasmo sobre as luzes e a felicidade. Estas últimas reflexões encerrarão o curso de pensamentos que foram conduzidos pelos diferentes temas que eu tinha para percorrer.

⁴³ Nota da Tradutora: “Kant utilizou a palavra *caráter* na tentativa de conciliar a causalidade natural e a causalidade livre. Cada causa eficiente deve ter um caráter, isto é, ‘uma lei da sua causalidade, sem a qual não seria causa’. Um objeto do mundo sensível tem, em primeiro lugar, um caráter *empírico*, pelo qual os seus atos, como fenômenos, estão vinculados causalmente aos outros fenômenos, em conformidade com as leis naturais. Mas o mesmo objeto também pode ter um caráter *inteligível*, ‘pelo qual ele é a causa daqueles atos como fenômenos, mas, por si mesmo, não está sujeito a nenhuma condição sensível e não é fenômeno’. Sobre o caráter inteligível pode-se dizer ‘que dá início por si mesmo aos seus efeitos no mundo, sem que a ação comece nele mesmo;’ e com essa distinção, Kant acredita ter conciliado liberdade e natureza (*Crít. R. Pura*, Antinomias da razão pura, § 3).” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

SOBRE A INFLUÊNCIA DO ENTUSIASMO SOBRE AS LUZES **(Sobre a Alemanha, Vol. II)**

Este capítulo é, sob certos aspectos, o resumo de toda minha obra, pois o entusiasmo, sendo a qualidade verdadeiramente distintiva da língua alemã, pode-se julgar a influência que ele exerce sob as luzes, segundo os progressos do espírito⁴⁴ humano na Alemanha. O entusiasmo empresta à vida aquilo que é invisível, e interesse àquilo que não possui ação imediata sob nosso bem estar neste mundo; não existe, portanto, sentimento mais próprio à procura das verdades abstratas; essas também são cultivadas na Alemanha com um ardor e uma lealdade notáveis.

Os filósofos que o entusiasmo inspira, são talvez os que possuem mais exatidão e paciência em seus trabalhos; são, ao mesmo tempo, aqueles que menos almejam brilhar; eles amam a ciência por ela mesma, e não se importam com nada desde que se trate do objeto de seu culto: a natureza física segue seu caminho invariável através da destruição dos indivíduos; o pensamento do homem adquire um caráter sublime quando ele consegue considerar a si próprio sob um ponto de vista universal; ele serve então, em silêncio, aos triunfos da verdade, e a verdade é como a natureza, uma força que age somente através de um desenvolvimento progressivo e regular.

Pode se dizer, com alguma razão, que o entusiasmo traz ao espírito⁴⁵, um método; quando se está demasiado convicto de suas ideias, deseja-se relacionar tudo a ele; mas, em geral, ele flui mais facilmente quando trata com opiniões sinceras do que com opiniões adotadas por vaidade. Se nas relações com os homens, se agisse da forma como eles realmente pensam, poder-se-ia facilmente haver compreensão: é aquilo que fingem pensar, o que conduz à discórdia.

Frequentemente acusou-se o entusiasmo de induzir ao erro, mas, talvez um interesse superficial, é que o que mais causa erro; pois, para penetrar a

⁴⁴ Nota da Tradutora: “Outra definição filosófica para espíritos, é que são substâncias incorpóreas, ou seja, anjos, demônios e almas dos mortos. (...). Kant é cético sobre a existência do espírito nesse sentido e, em todo caso, julga impossível demonstrá-la. Também com esse sentido, a palavra espírito permaneceu no uso corrente. ABBAGNANO, Nicola.” **Dicionário de Filosofia.**

⁴⁵ Nota da Tradutora: “O espírito pode ser ainda, matéria sutil ou impalpável que é a força animadora das coisas. Esse significado, derivado do estoicismo, encontra-se com frequência nos magos do Renascimento.” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.**

essência das coisas, é necessária uma impulsão que nos excita a nos dedicarmos a elas com ardor. Considerando, a propósito, o destino humano em geral, acredito que se possa afirmar que jamais encontraremos o verdadeiro, a não ser pela elevação da alma; tudo aquilo que tende a nos depreciar é mentiroso, e é, independente do que se diga, ao lado dos sentimentos vulgares, que está o erro.

O entusiasmo, repito, não parece em nada com o fanatismo, e não induz ao erro como ele. O entusiasmo é tolerante, não por indiferença, mas porque ele nos faz sentir o interesse e a beleza de todas as coisas. A razão não coloca felicidade alguma no lugar daquilo que ela dissipa, o entusiasmo encontra no devaneio do coração, e na extensão do pensamento, aquilo que o fanatismo e a paixão encerram numa mesma ideia ou objeto. Este sentimento, é, até pela sua própria universalidade, muito favorável ao pensamento e à imaginação.

A sociedade desenvolve o espírito⁴⁶, mas é somente a contemplação que forma o gênio⁴⁷. O amor próprio é a força motriz dos países onde a sociedade domina, e o amor próprio conduz necessariamente à zombaria que destrói todo entusiasmo.

É bastante divertido, não se pode negar, apreciar o ridículo e cobri-lo com as cores da graça e da alegria; talvez fosse melhor negar-se este prazer, mas não é aqui que está, no entanto, o gênero de gracejo cujos desenrolares são os que mais devem ser temidos; aquele ligado às ideias e aos sentimentos, é o mais funesto de todos, pois ele insinua-se na fonte das afeições mais fortes e devotadas. O homem possui um imenso poder sobre o homem, e, de todos os males que ele pode causar a seu semelhante, o maior talvez seja o de colocar o fantasma do ridículo entre os gestos generosos e as ações que eles podem inspirar.

⁴⁶ Nota da Tradutora: “Em relação mais estreita com o significado primeiro de espírito, esse termo às vezes significa *disposição* ou *atitude*, como nas célebres expressões de Pascal ‘espírito de geometria’ e ‘espírito de finura’ e em expressões correntes como ‘espírito religioso’, ‘espírito esportivo’, etc. Desses cinco significados, o único estritamente vinculado à problemática da filosofia moderna é o primeiro. Foi Descartes quem introduziu e impôs esse significado.” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

⁴⁷ Nota da Tradutora: “Na realidade, aqueles que Fichte chamava de ‘doutos’ ou de ‘videntes’ (cf. *Vorlesungen über die Bestimmung des Gelehrten*, 1794), Hegel de ‘indivíduos da história cósmica’ e outros de *heróis* são simplesmente expressões diferentes do mesmo conceito que, no domínio da arte, o Romantismo designou com o termo gênio, ou seja, encarnação do Infinito no mundo, mediadores entre o finito e o Infinito (como dizia Schlegel), instrumentos da realização ou da revelação do Absoluto.” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

O amor, o gênio, o talento, mesmo a dor, todas as coisas sagradas estão expostas à ironia, e não se saberia calcular até onde o poder desta ironia pode alcançar. Existe algo de picante na maldade: existe algo de fraco na bondade. A admiração pelas grandes coisas pode ser frustrada pela zombaria; e aquele que não dá importância a nada parece estar acima de tudo: se então o entusiasmo não defende nosso coração e nosso espírito, eles se deixam invadir por todas as partes por este denegrimiento do belo que reúne a insolência à alegria.

O espírito social é feito para que sejamos frequentemente levados a rir, e mais frequentemente ainda, termos vergonha de chorar; de onde isso vem? Do fato do amor próprio se crer em terreno mais seguro na zombaria do que na emoção. Deve-se contar com seu espírito para se fingir seriedade contra uma zombaria; é necessária muita força para deixar transparecer sentimentos que podem transformar-se em ridículo. Fontenelle dizia: *Eu tenho oitenta anos, eu sou Francês, e eu não dei, durante toda a minha vida, ao menor ridículo, à menor ousadia.* Essas palavras supunham um conhecimento profundo da sociedade. Fontenelle não era um homem sensível, mais ele tinha muito espírito; e toda vez que se é dotado de uma qualidade superior qualquer, sente-se a necessidade da seriedade na natureza humana. Somente as pessoas medíocres desejariam que o fundo de tudo fosse de areia, a fim de que nenhum homem deixasse sobre a terra um traço mais durável que o deles.

Os Alemães não têm necessidade alguma de lutar, em seu país, contra os inimigos do entusiasmo, o que significa um enorme obstáculo a menos para os homens diferenciados. O espírito se aguça no combate; mas o talento necessita de confiança. É necessário crer na admiração, na glória, na imortalidade, para provar da inspiração do gênio; e o que faz a diferença de séculos entre eles, não é a natureza pródiga desses mesmos dons, mas a opinião dominante à época em que se vive: se a tendência desta opinião é a favor do entusiasmo, ele emerge de todas as partes de grandes homens; se o desencorajamento é enaltecido, como algures em que se encorajavam os nobres esforços, só restam à literatura os julgos do tempo passado.

Os terríveis eventos dos quais fomos testemunhas, entediaram as almas, e tudo aquilo que tende ao pensamento, parece suave ao lado do Todo-Poderoso poder da ação. A diversidade das circunstâncias levou os espíritos a apoiarem todos os lados das mesmas questões; resultou que não se crê mais nas

ideias, e que se consideram essas ideias, mais como meios. A convicção parece não ser algo de nosso tempo, e quando um homem diz ter certa opinião, toma-se isso por uma forma delicada de indicar que ele possui esse ou aquele interesse.

Os homens mais honestos criaram, então, um sistema que transforma em dignidade a sua preguiça: eles dizem que não se pode fazer nada, e repetem, fazendo coro com o eremita de Praga de Shakespeare, que *aquilo que é, é*, e que as teorias não possuem influência alguma sobre o mundo. Estes homens acabam por transformar em verdadeiro aquilo que dizem; pois com tal maneira de pensar não se saberia agir sobre os outros; e se o espírito consistisse a enxergar somente os prós e os contras de tudo, ele mudaria de lugar os objetos em volta de nós de uma tal forma, que não se conseguiria jamais pisar firme sob um terreno tão oscilante.

Vê-se ainda, jovens ansiosos por parecerem desprovidos de qualquer entusiasmo, fingir um desdém calculado pelos sentimentos exaltados; eles crêem mostrar, desta forma, uma capacidade precoce de razão; mas é de uma decadência prematura que eles estão se gabando. Eles são para o talento exatamente como é o ancião que perguntava *se nós ainda tínhamos amor*. O espírito desprovido de imaginação desdenharia até mesmo da natureza, se essa não fosse mais forte que ele.

Faz-se muito mal, sem dúvida, àqueles que não animam ainda nobres desejos, opondo a eles, sem cessar, todos os argumentos que abalariam até a esperança mais confiante; todavia, a boa-fé não pode esmorecer, pois não é o que as coisas parecem, mas sim o que elas realmente são, o que as forma. Qualquer que seja a atmosfera de que estejamos rodeados, jamais uma palavra sincera foi completamente perdida; se existe somente um dia para o sucesso, existem séculos para o bem que a verdade pode fazer.

Os habitantes do México carregam, cada um, ao atravessar o grande caminho, uma pequena pedra até a grande pirâmide que eles ergueram no centro de seu país. Ninguém lhe dará um nome, mas todos terão contribuído com este monumento, que a tudo sobreviverá.

SOBRE A DISPOSIÇÃO RELIGIOSA CHAMADA MISTICIDADE **(Sobre a Alemanha, Volume II)**

A disposição religiosa, chamada *misticidade*, é tão somente uma maneira mais íntima de sentir e de conceber o cristianismo. Como dentro da palavra misticidade está oculta aquela de mistério, acreditou-se que os místicos professavam dogmas extraordinários e formavam uma seita à parte. Não existe nenhum mistério entre eles, a não ser aquele aplicado à religião, e o sentimento é, ao mesmo tempo, o que existe de mais claro, de mais simples, e de mais inexplicável: deve-se distinguir, no entanto, os *teósofos*, ou seja, aqueles que se ocupam da teologia filosófica, como Jacob Bohême, Saint-Martin, etc., dos simples místicos; os primeiros desejam penetrar o segredo da criação; os segundos se atêm ao seu próprio coração. Vários pais da igreja, Thomas A-Kempis, Fenelon, São Francisco de Sales, etc., e, entre os protestantes, um grande número de escritores ingleses e alemães, foram místicos, ou seja, homens que faziam da religião um amor, e a mesclavam com todos os seus pensamentos, e com todas as suas ações.

O sentimento religioso, que é base de toda a doutrina dos místicos, consiste numa paz interior cheia de vida. As agitações das paixões não permitem a calma de forma alguma: a tranquilidade da sequeidão e da mediocridade de espírito, mata a vida da alma; é somente no sentimento religioso que se pode encontrar uma reunião perfeita entre o movimento e o repouso. Esta disposição não é contínua, creio, em nenhum homem, por mais piedoso que ele possa ser; mas a lembrança e a esperança dessas emoções sagradas decidem sobre a conduta daqueles que as experimentaram.

Se considerarmos as dores e os prazeres da vida como efeito do acaso, ou do bem realizado, então a desesperança e a felicidade devem ser, por assim dizer, movimentos convulsivos. Pois, qual acaso existe além daquele que dispõe da nossa existência? Qual orgulho, ou qual arrependimento não deveríamos experimentar, quando se trata de um acontecimento que influenciou toda a nossa sorte? A quais tormentos de incerteza não se deveria ser entregue, se nossa razão dispusesse sozinha do nosso destino neste mundo? Mas, se ao contrário, acreditar-se que existem somente duas coisas importantes para a felicidade, a pureza de intenção e a resignação aos fatos, quaisquer que sejam eles, e que ela não depende

mais de nós, sem dúvida muitos acontecimentos ainda nos farão sofrer cruelmente, mas nenhum conseguirá romper nossos laços com o céu. Lutar contra o impossível é o que engendra em nós, os sentimentos mais amargos; e a cólera de satã não é nada além da disputa entre a liberdade e a necessidade, não sendo possível, nem domá-la, nem submeter-se a ela.

A opinião dominante entre os cristãos místicos, é que a única homenagem que poderia agradar a Deus, é aquela da vontade a qual ele deu ao homem como dom: qual oferenda mais desinteressada, poderíamos nós, com efeito, apresentar à divindade? O culto, o incenso, os hinos, possuem quase sempre por objetivo, obter as prosperidades terrenas, e é dessa forma que as adulações deste mundo cercam os monarcas: mas resignar-se à vontade de Deus, não almejar nada além do que Ele almeja, é o ato religioso mais puro de que a alma humana é capaz. Três notificações são feitas ao homem para obter dele essa resignação, a juventude, a idade madura e a velhice: felizes aqueles que se submetem na primeira!

É o orgulho em todas as coisas que coloca o veneno na ferida: a alma revoltada acusa o céu, o homem religioso deixa a dor agir sobre ele, segundo a intenção daquele que a envia; ele se utiliza de todos os meios que estão a seu alcance para evitá-la ou para aliviá-la: mas quando o fato é irrevogável, os caracteres sagrados da vontade suprema são nele impressos.

Qual infelicidade accidental pode ser comparada à velhice e à morte? E no entanto, quase todos os homens a elas se resignam, pois contra elas não existem armas: de onde vem então, o fato de cada um revoltar-se contra as infelicidades particulares, enquanto que todos se submetem à infelicidade universal? É porque tratamos a sorte como um governo que permite fazer sofrer todo mundo, visto que não oferece nenhum privilégio a ninguém. Os infortúnios que temos em comum com nossos semelhantes são tão duros, e nos causam tanto sofrimento quanto nossos infortúnios particulares; e, no entanto, eles não incitam em nós quase nunca a mesma revolta. Por que os homens não se convencem de que é necessário suportar aquilo que os concerne pessoalmente, da mesma forma que eles suportam a condição da humanidade em geral? É porque considera-se como injustiça, aquilo que acontece em âmbito individual. Singular orgulho do homem, de pretender julgar a divindade com o instrumento que ele recebeu dela? O que sabe ele daquilo que experimenta um outro? O que sabe ele dele mesmo? Que sabe ele de nada, exceto de seu sentimento interior? E esse sentimento, quanto mais íntimo, mais contém o

segredo de nossa felicidade; pois é somente no fundo de nós mesmos que sentimos a felicidade ou a infelicidade? O amor religioso ou o amor próprio penetram sós até a fonte de nossos pensamentos mais ocultos. Sob o nome de amor religioso, estão encerradas todas as afeições desinteressadas, e sob aquele do amor próprio todas as inclinações egoístas: a sorte nos auxiliando ou nos contrariando, é sempre do ascendente de um destes amores sobre o outro, que depende o prazer calmo ou o infortúnio inquieto.

É faltar com o respeito, me parece, à Providência, quando nos supomos presas destes fantasmas que chamamos de acontecimentos: a realidade deles consiste naquilo que produzem na alma, e existe uma igualdade perfeita entre todas as situações e todos os destinos, não vistos exteriormente, mas julgados conforme sua influência sob o aperfeiçoamento religioso. Se cada um de nós quisesse examinar atentamente a trama de sua própria vida, enxergaríamos dois tecidos perfeitamente distintos; um que parece completamente submisso às causas e aos efeitos naturais; e o outro cuja tendência totalmente misteriosa, só pode ser compreendida com o tempo. É como as tapeçarias de alto liço, em que se trabalha a pintura do lado avesso, até que as coloquemos do lado correto, não se pode avaliar o efeito final. Acabamos por perceber nessa vida, porque sofremos, porque não obtivemos aquilo que desejávamos. O desenvolvimento de nosso próprio coração, nos revela a intenção benevolente que nos submeteu à dor; pois as prosperidades da terra teriam de fato algo de duvidoso, se elas fossem derramadas sobre nós, depois que fôssemos considerados culpados de grandes falhas: nos creríamos então abandonados pela mão daquele que nos entregou à felicidade aqui na terra, assim como ao nosso único futuro.

Ou tudo é acaso, ou não existe um único neste mundo, e se não existe, o sentimento religioso consiste em colocar-se em harmonia com a ordem universal, apesar do espírito de rebelião ou de invasão que o egoísmo inspira em cada um de nós em particular. Todos os dogmas e todos os cultos são formas diversas que esse sentimento religioso revestiu conforme a época e conforme o país; ele pode ser deturpado pelo terror, mesmo que seja fundado sob a confiança; mas ele consiste sempre na convicção que não existe nada de accidental nos acontecimentos, e que nossa única forma de influenciar sobre a sorte, é agindo sob nós mesmos. A razão não reina menos em tudo que concerne à conduta da vida; mas quando esse instrumento da existência, organizou-a da melhor forma que pôde, o fundo do nosso

coração continua pertencendo ao amor, e, aquilo que chamamos de misticidade, é esse amor na sua pureza mais perfeita.

A elevação da alma em direção ao seu Criador, é o culto supremo dos cristãos místicos; mais eles não se dirigem de forma alguma a Deus para pedir esta ou aquela prosperidade nesta vida. Um escritor francês, dono de sublimes lampejos, M. de Saint-Martin, disse que *a oração é a respiração da alma*. Os místicos são, em sua maior parte convencidos de que existe resposta a essa oração, e que a grande revelação do cristianismo pode se renovar de qualquer modo na alma, cada vez que ela se eleva com ardor em direção ao céu. Quando se acredita que não existe mais comunicação imediata entre o Ser Supremo e o homem, a oração é somente, por assim dizer, um monólogo; mas ela se torna um ato bem mais benevolente, quando se está persuadido da presença da divindade no fundo de nosso coração. Com efeito, não se poderia negar, me parece, que acontecem em nós, movimentos que não são provenientes do exterior, e que nos acalmam ou nos sustentam, sem que possamos atribuí-los à ligação corriqueira dos acontecimentos da vida.

Os homens que colocaram o amor próprio numa doutrina inteiramente fundada na abnegação do amor próprio tiraram proveito desses auxílios inesperados para criarem ilusões de toda espécie: eles acreditaram ser eleitos ou profetas; eles imaginaram possuir visões; enfim, eles mergulharam em superstições em relação a eles mesmos. Do que é capaz o orgulho humano, quando ele se insinua no coração sob a forma mesmo de humildade! Mas não é menos verdade, que nada é mais simples e mais puro que as relações da alma com Deus, tais como são concebidos por aqueles que chamamos de místicos, ou seja, os cristãos que colocam o amor na religião.

Lendo as obras espirituais de Fenelon, quem não há de se enternecer! Onde encontrar tanta luz, tantas consolos, tanta indulgência? Não existe ali nem fanatismo, nem outras austeridades além daquelas da virtude, nem intolerância, nem exclusão. As diversidades de comunhões cristãs não podem ser sentidas nesse nível que está acima de todas as formas acidentais que o tempo cria e destrói.

Seria seguramente bastante temerário, aquele que se arriscasse a prever aquilo que tende a coisas tão grandiosas: no entanto, eu ousaria dizer que tudo tende a fazer triunfar os sentimentos religiosos nas almas. O cálculo tomou

uma proporção tão grande nos acontecimentos deste mundo, que os caracteres⁴⁸ que a ele não se prestam, são naturalmente rejeitados para o extremo oposto. É por isso que todos os pensadores solitários, de um canto a outro do mundo, procuram reunir, numa mesma morada, os raios esparsos da literatura, da filosofia e da religião.

Acredita-se de um modo geral, que a doutrina da resignação religiosa, chamada no século anterior de quietismo⁴⁹, não se opõe à atividade necessária nessa vida. Mas a natureza se encarrega suficientemente de provocar em nós as paixões individuais para que o sentimento que a acalma não seja muito temível.

Nós não dispomos nem de nosso nascimento, nem da nossa morte, e mais de três quartos do nosso destino são decididos por esses dois acontecimentos. Ninguém pode alterar os dados primitivos de seu nascimento, de seu país, de seu século, etc. Ninguém pode adquirir a forma ou o caráter que não recebeu da natureza; e de quantas outras circunstâncias imperativas a vida não é composta? Se nossa sorte consiste em cem causas diversas, existem noventa e nove que não dependem de nós; e todo furor da nossa vontade flui sobre a fraca porção que parece ainda estar sob nosso poder. Ora, a ação da própria vontade sobre esta fraca porção é singularmente incompleta. O único ato de liberdade do homem que atinge sempre seu objetivo, é o cumprimento do dever: a solução de todas as outras resoluções depende inteiramente dos acidentes, aos quais nem a própria prudência nada pode fazer. A maior parte dos homens não obtém aquilo que deseja com ardor: e a própria prosperidade, quando eles a conseguem, frequentemente chega até eles através de uma via inesperada.

A doutrina da misticidade passa por severa, porque ela comanda o desligamento de si, e isso parece ser, com razão, algo bastante difícil: mas ela é de fato, a mais suave de todas; ela consiste no provérbio, *fazer da necessidade virtude*: fazer da necessidade virtude, no sentido religioso, é atribuir à Providência o governo deste mundo, e encontrar nesse pensamento, um consolo íntimo. Os escritores

⁴⁸ Nota da Tradutora: “Com menos metafísica (e mais clareza), em *Antropologia*, Kant distingue um caráter *físico*, que é o sinal distintivo do homem como ser natural, e um caráter *moral*, que é o sinal do homem como ser racional, provido de liberdade. O caráter físico diz ‘o que se pode fazer do homem; o caráter moral diz o que o homem é capaz de fazer de si mesmo’ (*Antr*, II, a).” ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**.

⁴⁹ Nota da Tradutora: Costuma-se conceituar o quietismo como uma doutrina e atitude espiritual que põe a perfeição na passividade ou quietude da **alma** (...). Do ponto de vista religioso e cristão, o quietismo sempre enfatiza a **contemplação**, à qual se outorga superioridade, sobre todos os atos morais e religiosos (...). Disponível na página introdutória de: <www.philosophia.bem-vindo.net>. Acesso em: novembro, 2012.

místicos não exigem nada além da linha do dever, tal como todos os homens honestos as traçaram; eles não procuram, de forma alguma, provocar sofrimentos neles mesmos, eles acreditam que o homem não deve, nem chamar o sofrimento para si, nem prosternar-se contra ele quando ele chega.

Que mal poderia então resultar dessa crença que reúne a calma o estoicismo e a sensibilidade dos cristãos? — Ela impede de amar, poder-se-ia dizer. Ah! Não é a exaltação religiosa que esfria a alma: um único interesse de vaidade consome mais afeições que qualquer gênero de opiniões austeras: nem os desertos da Tebaida⁵⁰ podem enfraquecer o poder do sentimento, e nada impede de amar, a não ser a pobreza do coração.

Atribui-se falsamente, um grave inconveniente à misticidade. Apesar da severidade de seus princípios, finge-se que ela torna demasiado indulgente com respeito às obras, na obrigação de levar a religião até as impressões interiores da alma, e que ela leva os homens a se resignarem aos seus próprios defeitos, bem como aos acontecimentos inevitáveis. Nada certamente seria tão contrário ao espírito do Evangelho, do que essa maneira de interpretar a submissão à vontade de Deus. Se admitíssemos que o sentimento religioso dispensa as ações, resultaria não somente numa multidão de hipócritas que fingiriam que não é necessário julgá-los por suas vulgares provas de religião que são chamadas de obras, e que suas comunicações secretas com a divindade são de ordem bem superior ao cumprimento dos deveres; mais haveria também os hipócritas para com eles mesmos, e se mataria desta forma, o poder dos remorsos. Com efeito, que não possui, com um pouco de imaginação, momentos de comoção religiosa? Quem não rezou com ardor ao menos uma vez? E se isso fosse suficiente para ser dispensado da estreita observância dos deveres, a maior parte dos poetas poderiam se considerar mais religiosos que São Vicente de Paula.

⁵⁰ Nota da Tradutora: Tebaida, Thebaida ou Thebais é o nome do alto vale do rio Nilo (Egito) que, na época romana, se dividia em Baixo e Alto Egito e Alta e Baixa Tebaida, dada a proximidade da cidade de Tebas, a quem Homero chamou a “Tebas das Cem Portas”. Tornou-se famosa esta última região por nela terem vivido os primeiros solitários nos desertos a Este e Oeste do rio Nilo. Situavam-se nela, além de Tebas, as cidades de Siena, Elefantina, Berenice, Teutira, Lotópolis e Ábidos. Foi grande a influência exercida no sistema monástico do Oriente e do Ocidente pelos monges que povoaram aqueles desertos durante os séculos IV e V. Formaram uma verdadeira ordem religiosa. Por Carlos Alberto Pereira Dias. Disponível em: <<http://www.oregional.pt/pt/newspaper/3429/opiniao/tebaida-ou-tebaide-ou-em-grego-thebaida-ou-thebais.html>>. Acesso em: abril de 2013.

Foi sem razão, porém, que os místicos foram acusados dessa forma de conceber; suas obras e suas vidas atestam que eles são tão regulares em sua conduta moral, quanto os homens submissos às práticas do culto mais severo: aquilo que é chamado de indulgência neles, é a penetração que faz analisar a natureza do homem, no lugar de ater-se a comandar neles a obediência. Os místicos, ocupando-se sempre do âmago do coração, parecem perdoar seus desvios, porque eles estudam suas causas.

Acusou-se, frequentemente os místicos, e mesmo quase todos os cristãos, de serem levados à obediência passiva em direção a uma autoridade qualquer, e fingiu-se que a submissão à vontade de Deus, mal compreendida, conduzia com frequência à submissão às vontades dos homens. Nada se parece menos, no entanto, com a condescendência para o poder, do que a resignação religiosa. Ela pode sem dúvida consolar na escravidão, mas é pelo fato dela atribuir então à alma, todas as virtudes da independência. Ser indiferente, pela religião, à liberdade ou à opressão da raça humana, seria tomar a fraqueza de caráter por humildade cristã, o que é praticamente a mesma coisa. A humildade cristã prosterna-se diante da pobreza e dos infortúnios, e a fraqueza de caráter sempre poupa o crime, porque ele é algo forte neste mundo.

No tempo da cavalaria, quando o cristianismo possuía mais seguidores, ele jamais pediu o sacrifício da honra: ora, para os cidadãos, a justiça e a liberdade também eram honra. Deus confunde o orgulho humano, mas não a dignidade da espécie humana, pois esse orgulho consiste na opinião que se tem de si próprio, e esta dignidade no respeito pelos direitos dos outros. Os homens religiosos possuem a tendência a não se envolverem com assuntos deste mundo, a não ser que sejam chamados por um dever manifesto, e deve-se convir que muitas paixões são aguçadas pelos interesses políticos, que são raros de envolver-se sem que haja restrições a se fazer: mas quando a coragem da consciência é evocada, não há nada que possa rivalizar com ela.

De todas as nações, aquela que tende mais ao misticismo é a nação alemã. Antes de Lutero, vários autores, entre os quais deve ser citado Tauler, haviam escrito sobre a religião sob essa ótica. Desde Lutero, foram os morávios que manifestaram esta disposição, mais do qualquer outra seita. Aproximadamente no final do século XVIII, Lavater combateu com muita força o cristianismo racionalista, que os teólogos berlinenses sustentaram, e sua forma de sentir a religião é sob

vários aspectos, semelhante à de Fenelon. Vários poetas líricos, desde Klopstock até nossos dias, possuem em seus escritos um traço de misticismo. A religião protestante, que reina no Norte, não é suficiente à imaginação dos Alemães, e o catolicismo, sendo oposto, por natureza, às pesquisas filosóficas, os Alemães religiosos e pensadores devem necessariamente voltar-se a uma maneira de sentir a religião, que possa ser aplicada a todos os cultos. Além disso, o idealismo na filosofia possui muita analogia com o misticismo na religião; um coloca toda a realidade das coisas deste mundo no pensamento, e o outro toda a realidade das coisas do céu no sentimento.

Os místicos penetram com uma sagacidade inconcebível em tudo aquilo que faz nascer em nós a crença ou a esperança, o sofrimento ou a felicidade; e ninguém remonta, como eles, à origem dos movimentos da alma. Existe tanto interesse nessa análise que mesmo homens medíocres de outros tempos, quando possuem no coração a menor disposição mística, despertam interesse e cativam através de seu discurso como se eles fossem dotados de uma genialidade transcendente. O que torna a sociedade tão sujeita ao tédio, é que a maioria daqueles com os quais vivemos, falam somente sobre objetos exteriores; e nesse gênero, a necessidade do espírito de conservação muito se faz sentir. Mas a misticidade religiosa traz com ela uma luz tão extensa, que acaba fornecendo uma superioridade moral bastante sólida, mesmo àqueles que não a receberam da natureza: eles se aplicam ao estudo do coração humano, que é a primeira das ciências, e se esforçam demasiado para conhecer as paixões a fim de apaziguá-las, para que os homens do mundo possam utilizar esse conhecimento.

Sem dúvida, é possível encontrar ainda grandes defeitos no caráter daqueles cuja doutrina é a mais pura: mas seria em sua doutrina que dever-se-ia deter-se? Rende-se à religião uma homenagem singular pela exigência que se manifesta em todos os homens religiosos, no momento que se os descobre como tais. Acredita-se que eles são inconstantes, se cometem erros ou possuem fraquezas; e, no entanto, nada pode mudar por completo a condição humana: se a religião sempre trouxesse perfeição moral, e se a virtude conduzisse sempre à felicidade, a escolha da vontade não seria mais livre, pois os motivos que agiriam sobre ela, seriam demasiado poderosos.

A religião dogmática é uma voz de comando; a religião mística se funda na experiência íntima do nosso coração; a pregação deve necessariamente

sofrer a influência da direção que seguem, sob este aspecto, os ministros do Evangelho, e talvez, seria desejável que fosse melhor percebida, em sua forma de pregar, a influência dos sentimentos que começam a penetrar em todos os corações. Na Alemanha, onde cada gênero é abundante, Zollikofer, Jerusalém e tantas outras, adquiriram uma justa reputação pela eloquência da cátedra, e pode-se ler, a respeito de todos os temas, uma infinidade de sermões de conteúdos excelentes; no entanto, mesmo que seja muito sábio ensinar a moral, o que realmente importa é fornecer meios para segui-la, e esses meios consistem, antes de tudo, na emoção religiosa. Quase todos os homens têm mais ou menos o mesmo conhecimento a respeito dos inconvenientes e das vantagens do vício e da virtude; mas o que todos necessitam, é daquilo que fortalece a disposição interior com a qual se pode lutar contra as tendências tempestuosas de nossa natureza.

Se se tratasse unicamente da questão de raciocinar com os homens a respeito da razão, porque as partes do culto que são tão somente cantos e cerimônias, carregariam tanto e mais que os sermões ao recolhimento da piedade? A maior parte dos pregadores se atém a declamar contra as más condutas, no lugar de mostrar de que forma sucumbimos ou resistimos a elas; a maior parte dos pregadores são juizes que instruem o processo do homem: mas os padres de Deus devem nos dizer o quanto sofrem e o que esperam, de que forma modificam seu caráter através de certo tipo de pensamento; enfim, esperamos deles as memórias secretas da alma em suas relações com o divino.

As leis proibitivas, que são suficientes para o governo dos Estados, não o são mais para o governo de cada indivíduo. A arte social precisa colocar em movimento interesses animados para alimentar a vida humana; o mesmo acontece para os instrutores religiosos do homem; a única forma deles manterem a paixão dos homens, é excitando em seu coração um êxtase vivo e puro: as paixões têm ainda mais valor, sob vários aspectos, do que uma mera apatia servil, e nada pode domá-las a não ser um sentimento profundo, cujos gozos devem ser retratados, se possível, com a mesma força e verdade com a qual descrevemos o charme das afeições terrenas.

O que quer que tenham dito as pessoas de espírito, existe uma aliança natural entre a religião e o gênio. Quase todos os místicos possuem uma atração pela poesia e pelas belas artes; suas ideias estão de acordo com a verdadeira superioridade em todos os gêneros, enquanto que a incrédula mediocridade

mundana é dela inimiga; ela não sofre influência daquilo que quer penetrar na alma; como ela externou o que possuía de melhor, tocar o fundo, é desvendar sua miséria.

A filosofia idealista, o cristianismo místico, e a verdadeira poesia possuem, sob vários aspectos, o mesmo objetivo e a mesma fonte; estes filósofos, estes cristãos, e estes poetas, estão todos reunidos em um mesmo desejo. Eles desejam substituir o que há de falso na sociedade, não pela ignorância dos tempos bárbaros, mas uma cultura intelectual que leva à simplicidade pela própria perfeição das luzes; eles desejam, finalmente, fazer dos homens, seres pensantes e enérgicos, sinceros e generosos, de todos estes caracteres não elevados, de todos estes espíritos desprovidos de ideias, de todos estes zombadores sem alegria, de todos estes epicuristas sem imaginação, os quais chamamos de raça humana, na falta de um adjetivo melhor.

AS OBRAS DA IMAGINAÇÃO

(Sobre a Literatura considerada nas suas relações com as instituições)

É fácil notar os defeitos que o bom gosto tenta evitar nas obras literárias; mas não é tão simples indicar qual é o caminho que imaginação deve seguir no futuro para produzir novos efeitos. A revolução acabou destruindo as causas de certos meios para o sucesso que existem na literatura. Começemos por examinar quais são esses meios, e seremos naturalmente conduzidos a algumas percepções sobre os novos recursos que ainda estão para serem descobertos.

As obras de imaginação agem sobre os homens de duas maneiras, apresentando a eles situações excitantes que geram alegria, ou estimulando as emoções da alma. As emoções da alma têm sua fonte nas relações inerentes à natureza humana; a alegria é, quase sempre, tão somente o resultado de relações diversas, e às vezes estranhas, estabelecidas na sociedade. As emoções da alma possuem, então, uma causa durável que sofre poucas modificações em virtude de eventos políticos, mesmo que, a despeito de vários pontos de vista, a alegria seja dependente das circunstâncias.

Quanto mais simplifica-se as instituições, mais se apagam os contrastes cujo espírito filosófico sabe fazer surgir das oposições surpreendentes.

Voltaire é, dentre todos os escritores, aquele cujas obras servem melhor para demonstrar o quanto uma ordem política razoável saberia tirar proveito do gracejo. Voltaire coloca, incessantemente em oposição, aquilo que deveria ser daquilo que era, o pedantismo das formas e a frivolidade de espíritos, a austeridade dos dogmas religiosos e dos hábitos fáceis daqueles que os ensinaram, a ignorância dos grandes e seu poder. Enfim, a maior parte dos seus escritos, supõem instituições sempre contrárias à razão; e instituições suficientemente poderosas para oferecer aos gracejos que as atacam, o mérito da ousadia. Se tal religião não representasse a autoridade de certo país, ela não seria mais interessante a zombarias, do que seria na Europa, ridicularizar as cerimônias dos Brâmanes. O mesmo ocorre com o preconceito do nascimento, e os abusos revoltantes que ele pode gerar. Os habitantes de um país onde estes abusos não mais existissem, mal tentariam um leve sorriso com relação aos escárnios que teriam por objeto, esses preconceitos.

Os Americanos sentiriam muito sutilmente o mérito de uma situação cômica, que faria alusão a instituições completamente estranhas a seu modo de governar; eles talvez escutassem o que seria dito em virtude de suas relações com a Europa; seus escritores, porém, jamais pensariam em desenvolver tal tema. Todos os gracejos que têm por tema as instituições civis e políticas contrárias à razão natural, perdem seu efeito, no momento em que atingem seu objetivo: a reforma da ordem social.

A nação francesa usava seus próprios sofrimentos como tema para seus gracejos, ridicularizava no seu espírito aquilo que ela enaltecia pelas suas formas, fingia mostrar-se estrangeira aos seus interesses mais importantes, e consentia tolerar o despotismo, visto que ela foi capaz de zombar de si própria e isso suportar.

Os filósofos gregos não se opuseram de forma alguma, como fizeram os filósofos dos países monárquicos, às instituições de seus países; eles não tinham ideia deste direito de herança que fundam a maioria dos poderes nas nações modernas desde a invasão dos povos do norte. A autoridade dos magistrados, na Grécia, devia sua força ao próprio consentimento da nação. Nada, portanto, poderia parecer mais estranho, do que tentar ridicularizar uma ordem política inteiramente dependente da vontade geral. Além disso, os povos livres, conferem muita importância às instituições que os governam, para deixá-las entregues à sorte de uma zombaria inconsequente.

Se a Constituição da França fosse livre, e se suas instituições fossem filosóficas, as zombarias a respeito do governo, não sendo mais úteis, não teriam mais interesse. Até aquelas que têm por objetivo, como *Cândido*, zombar da espécie humana, não seriam mais convenientes sob vários aspectos, dentro de um governo republicano.

Quando existe o despotismo, é necessário consolar os escravos, submetendo ao escárnio, publicamente, a sorte de todos os homens; mas a exaltação necessária à liberdade republicana deve ser inspirada pelo distanciamento de tudo que tende à degradar a natureza humana. Desdenhar a vida, não significa, de forma alguma, fortalecer a coragem. O que interessa, é colocar, acima dela, os prazeres da virtude, e de dar a todos os sentimentos da alma, um grande valor, para revelar ao máximo o sentimento supremo, o amor ao bem e aos homens.

O segredo do gracejo é, geralmente, o de rebaixar todos os gêneros de devaneios, de golpear de cima a baixo, e de levar ao fracasso a paixão pelo sangue frio. Este segredo funciona de forma bastante potente contra o orgulho e os preconceitos; mas é necessário que a liberdade, é necessário que a virtude patriótica, se sustente por um interesse bastante ativo para a felicidade e a glória da nação; e a vivacidade deste sentimento é desbotada, se os homens distintos são inspirados com aquela espécie de apreciação desdenhosa de todas as coisas humanas, que leva à indiferença tanto pelo bem, como pelo mal.

Já que a sociedade caminha na rota da razão, é o desânimo, que deve ser sobretudo evitado; e aquelas zombarias que, após terem utilmente destruído a força dos preconceitos, não poderia mais agir, a não ser sob o poder dos sentimentos verdadeiros, estas zombarias atacariam o princípio de existência moral que deve sustentar os indivíduos e os homens. Desta forma então, *Cândido*, e os escritos deste gênero, que se constroem (são representados) através de uma filosofia zombeteira, de importância ligada aos interesses mais nobres da vida, tais escritos são nocivos em uma república, em que é necessário ter estima pelo próximo, crer no bem que podemos praticar, e de impelir-se aos sacrifícios do cotidiano pela religião da esperança.

Existe, sem dúvida, nas obras de caráter, um outro tipo de alegria, diferente daquela que foca quase que unicamente nas zombarias sobre a ordem social ou sobre o destino humano; é a observação justa e fina das paixões e dos caracteres. A genialidade de Molière é o modelo mais sublime deste talento superior.

Voltaire não pode produzir neste gênero, nenhum efeito teatral, mas somente algumas alfinetadas que possuíam o aspecto habitual de seu espírito. Resta somente examinar quais são os temas de comédia que melhor conseguem vingar em um estado livre.

Existem dois tipos de ridículos bastante diferentes entre os homens, aqueles que se atêm à própria natureza, e aqueles que se diversificam segundo as diferentes modificações da sociedade. Os ridículos deste último gênero devem existir em número bem menor nos países onde existe igualdade política; as relações sociais, aproximando-se consideravelmente das relações naturais, as conveniências estão mais de acordo com a razão. Podia se ser um homem de muito mérito no antigo regime, e, no entanto, tornar-se ridículo por uma ignorância absoluta de hábitos. As verdadeiras conveniências, em um estado livre, só podem ser feridas pelos defeitos reais do espírito ou do caráter.

Frequentemente era necessário, na época da monarquia, saber conciliar sua dignidade com seu interesse, no lado externo da coragem e o cálculo secreto da adulação, o ar de indiferença e a persistência do interesse pessoal, a realidade da servidão e a afetação da independência. Todas essas dificuldades a serem superadas, poderiam facilmente tornar ridículo aquele que não conhecesse a arte de evitá-las. Quanto mais simplicidade nos costumes e nas situações fosse fornecida aos escritores, na época da República, muito menos cenas de comédias, produzidas.

Entre as peças de Molière, há aquelas que se baseiam unicamente nos preconceitos estabelecidos, como é o caso de *O Burguês Fidalgo*, *George Dandin*, etc., Mas há ainda, aquelas como *O Avaro*, *Tartufo*, etc., que desenham o homem de todos os países e de todos os tempos; e aquelas poderiam ser convenientes a um governo livre, se não por cada um dos detalhes, ao menos pelo conjunto.

O cômico que existe nos vícios do coração humano é mais evidente, e mais amargo, do que simplesmente ridicularizar instituições bizarras. Experimenta-se um sentimento confuso de tristeza nas cenas mais cômicas de *Tartufo*, porque elas remetem à maldade natural ao homem; mas quando as zombarias se dirigem às esquisitices que resultam de certos preconceitos, ou sobre esses preconceitos em si, a esperança que sempre se conserva em corrigi-los, emite uma alegria mais suave sobre a impressão causada pelo ridículo. Não se pode ter nem o talento, nem

a oportunidade desse gênero de alegria suave, em um governo fundado na razão, e os espíritos devem sobretudo se dirigir à alta comédia, a mais filosófica de todas as obras de imaginação, e àquele que supõe o estudo mais aprofundado do coração humano. A República pode incitar uma nova emulação nessa área.

O que agrada escarnecer, na monarquia, são os modos disparatados dos costumes vigentes; o que deve ser o objeto de zombaria, numa República, são os vícios da alma que causam dano ao bem geral. Vou aqui lembrar de um exemplo notável de novos temas que podem ser tratados pela comédia, e do novo objetivo a que ela deve se propor.

No *Misantropo*, é Filinto o homem razoável, e é de Alceste que rimos. Um autor moderno⁵¹, tendo desenvolvido estas duas características no decorrer de sua vida, nos fez ver um Alceste generoso e devotado à amizade, e um Filinto secretamente ávido e tiranicamente egoísta. O autor costurou, creio, em sua peça, o ponto de vista sob o qual deve ser apresentada uma comédia: são os vícios, por assim dizer, negativos, os quais são formados pela privação de qualidades, que devem agora, ser atacados no teatro. Deve-se assinalar certas formas por trás das quais tantos homens se retiram para ficarem em paz, ou pérfidos com decência. O espírito republicano exige virtudes positivas, virtudes conhecidas. Muitos homens de vícios possuem a única ambição de escapar do ridículo; deve-se ensiná-los, deve-se possuir o talento para provar a eles, que o sucesso do vício se presta mais à zombaria do que o fracasso da virtude.

Há algum tempo, costuma-se chamar de homem decidido, aquele que caminha em direção aos seus interesses a despeito de seus deveres; e de homem espiritual, aquele que trai sucessivamente com arte todos os laços que ele formou. Quer-se dar à virtude, o ar de trapaça, e fazer o vício se passar por um grande pensamento de uma alma forte; é necessário que a comédia se atenha a transmitir com talento, o fato de que a imortalidade do coração é também a prova dos limites do espírito; é necessário que ela consiga fazer sofrer o amor próprio dos homens corrompidos, e que ela faça com que o ridículo tome novas direções. Apreciava-se em outros tempos expor ao gracejo certos defeitos, a tolice das qualidades estimáveis; mas o que é desejável hoje, é consagrar o espírito para tudo

⁵¹ Nota da Editora: Trata-se de Fabre d'Eglantine (1755-1794), escritor e revolucionário, amigo de Danton. Ele escreveu uma sequência republicana para *O Misantropo* de Molière (1790).

restabelecer no verdadeiro sentido da natureza, em mostrar reunidos o vício e a estupidez, o caráter e a virtude.

Quais serão nossos contrastes, perguntar-nos-íamos, e de onde nascerão nossos efeitos? Há de aparecer algo muito inesperado através deste novo gênero. Não se cessa, por exemplo, de representar no teatro, a conduta imoral de homens contra mulheres, com a intenção de zombar de mulheres traídas. A confiança que podem ter as mulheres nos sentimentos que elas inspiram, pode ser, com razão, objeto de zombaria; mas o talento seria maior, o tema seria tido como mais elevado, se fosse ao enganador que se ativesse o ridículo, se se soubesse fazê-lo recair sobre o opressor, e não sobre a vítima. É fácil atacar seriamente aquele que, em si, é culpado; mas o mais picante, é jogar habilmente com a imoralidade com verniz de tolice; e isso é permitido.

Os homens que desejam que seus vícios e suas baixezas sejam vistos como gracejos, com o propósito de envaidecer-se para vocês mulheres, as quais eles habilmente traíram, e não esperavam ser descobertos um dia; estes homens que desejam esconder sua incapacidade através de sua perversidade, gabando-se de que jamais ninguém descobriria que um espírito tão forte contra a moral universal, é tão fraco em suas concepções políticas, seus caracteres tão independentes da opinião dos homens honestos, e tão vulneráveis diante daquela dos homens poderosos, estes charlatões de vícios, esses afrontadores de princípios elevados, estes que zombam das almas sensíveis, são eles que devem ser expostos ao ridículo que eles criaram, esfolá-los como seres miseráveis, e abandoná-los ao riso das crianças. Simplesmente voltar contra eles o poder enérgico da indignação; é necessário saber tirar deles até aquela reputação de fineza no trato e de insolência com a qual eles contavam, como compensação da perda de estima.

Nos países onde as instituições políticas são razoáveis, o ridículo deve ser conduzido no mesmo sentido do desprezo. É necessário entregar o vício elegante, o vício reservado, o vício hábil aos sarcasmos da zombaria, único vingador que se introduz no próprio meio da prosperidade dos maldosos, única arma que ainda fere aquele que não mais conhece, nem a vergonha, nem o remorso.

O que perverte a moralidade na França, é a necessidade de se fazer notar de qualquer que seja a forma, e sobretudo através de seu caráter. Quando as qualidades que possuímos não são suficientes para alcançar este fim, recorre-se ao vício para se fazer notar; adquire-se formas confiantes, uma espécie de segurança e

de firmeza, ao menos contra a infelicidade dos outros, que pode causar alguma ilusão. A comédia deve combater esse hábito deplorável, fazendo com que falte assunto. A indignação ataca o vício como uma potência. A comédia deve colocá-lo entre as fraquezas do mais miserável dos espíritos.

A literatura dos países livres, como eu já comentei, foi raramente celebrada em grandes comédias; a facilidade de conseguir representar, por alusões às circunstâncias do momento, e a seriedade de grandes interesses políticos, prejudicaram, em vários povos, a arte da comédia. Mas, na França, o poder do amor próprio conserva uma tal atividade, que servirá, durante muito tempo ainda, às combinações das comédias. Horácio descreveu o homem somente em pé, parado sobre as ruínas do mundo. É esta a opinião que um Francês tem dele mesmo. Esta opinião sobrevive intacta a todos os erros que ele comete, assim como a todas as transformações que o cercam. Até que este traço do caráter nacional não seja apagado de nós, os autores cômicos terão sempre temas picantes para tratar, e o ridículo será sempre uma potência para o progresso da filosofia, como a razão e o sentimento.

A tragédia pertence sempre às mesmas afeições; e como ela desenha a dor, a fonte de seus efeitos é inesgotável. No entanto, ela é modificada, como todas as produções do espírito humano, pelas instituições sociais e pelos costumes da qual ela depende.

Os temas antigos e seus imitadores produzem menos efeito na República do que na Monarquia: as distinções de categoria deixavam ainda mais sensíveis as penas ligadas aos revezes da sorte, elas colocavam entre o infortúnio e o trono um imenso intervalo que o pensamento só podia transpor palpitando. A ordem social que, nos antigos criava escravos, cavava ainda mais o abismo da miséria, elevava ainda mais a fortuna, e dava ao destino humano proporções verdadeiramente teatrais. Pode-se sem dúvida interessar-se por situações as quais não se tem exemplos análogos em seu próprio país; mas, não obstante, o espírito filosófico que deve resultar das instituições livres e da igualdade política, este espírito diminui todos os dias o poder das ilusões sociais.

A realeza foi frequentemente banida, frequentemente destruída pelos governos antigos; mas em nossos dias ela foi analisada, e é isto que pode existir de mais contrário aos efeitos da imaginação. O esplendor do poder, o respeito que ele inspira, a piedade que se sente por aqueles que o perdem, quando se supõem a

eles um direito de possuí-lo, todos estes sentimentos agem sobre a alma, independentemente do talento do autor, e a força deles seria extremamente enfraquecida na ordem política que suponho. O próprio homem sofreu muito como homem para que as dignidades, o poder, as circunstâncias enfim, que são particulares a somente alguns destinos, muito acrescentem à emoção causada pela infelicidade.

Deve-se, no entanto, evitar fazer da tragédia um drama; e para preservar-se deste defeito, deve-se procurar perceber a diferença entre esses dois gêneros. Essa diferença não está, creio, unicamente na categoria de personagens que se representa, mas na grandeza dos caracteres e da força das paixões que se saber traçar.

Várias tentativas foram feitas para adaptar ao palco francês, belezas do gênio inglês, e impressões do teatro alemão; e se somente um número bem pequeno⁵² é aceito, esses ensaios acabaram obtendo sucessos momentâneos, e nenhuma reputação duradoura. Tanto a comoção nas tragédias, quanto o riso nas comédias, não foram além de uma impressão passageira. Se as pessoas não adquiriram uma ideia a mais, por causa mesmo de sua impressão, se a tragédia que os fez chorar não deixa depois dela, nem a lembrança de uma observação moral, nem aquela de uma nova situação do próprio movimento das paixões, a emoção que ela excita nelas é um prazer mais inocente que o combate de gladiadores; mas essa emoção não engrandece, nem o pensamento, nem o sentimento.

Existe numa obra alemã, uma observação que me parece perfeitamente justa; é a que as belas tragédias devem tornar a alma mais forte após tê-la despedaçado. Com efeito, a verdadeira grandeza do caráter, em qualquer situação dolorosa em que se a represente, inspira nos espectadores um movimento de admiração que os torna mais capazes de enfrentar adversidades. O princípio da utilidade se encontra neste gênero como em todos os outros. O que é verdadeiramente belo, é aquilo que torna o homem melhor; e sem estudar as regras do gosto, se pode sentir que uma peça de teatro age sobre nosso próprio caráter, aperfeiçoando-o, tem-se a certeza de que ela contém verdadeiros traços de caráter. Não são máximas de moral, é o desenvolvimento dos caracteres e a combinação de

⁵² Nota da Autora: Ducis, em algumas cenas de quase todas as suas peças; Chénier, no quarto ato de Charles IX; Arnault, no quinto ato de *Vénitiens*, introduziram no palco francês um novo gênero de efeito bastante notável, e que pertence mais ao gênio dos poetas do norte, do que ao dos poetas franceses.

eventos naturais que produzem tal efeito no teatro; e é possuindo essa opinião como guia, que se pode julgar quais são as peças estrangeiras com as quais podemos nos enriquecer.

Remoer a alma não é suficiente; é necessário esclarecê-la; e todos os efeitos que fulminam somente os olhos, os túmulos, os suplícios, as sombras, os combates, só podem ser admitidos se servirem diretamente à pintura filosófica de um grande caráter ou de um sentimento profundo. Todas as afeições de um homem pensante, tendem a alcançar um objetivo razoável. Um escritor só merece a verdadeira glória, no momento em que faz a emoção servir a algumas grandes verdades morais.

As circunstâncias da vida privada já são suficientes para criarem o drama, tanto que é necessário, em geral, que os interesses das nações façam parte de um acontecimento, para que ele possa se tornar tema de uma tragédia. No entanto, é muito mais nas ideias elevadas e na profundidade dos sentimentos, do que nas lembranças e alusões históricas, que se deve procurar a dignidade trágica.

Vauvernargues⁵³ afirmou que "os grandes pensamentos provém do coração". A tragédia coloca em ação esta sublime verdade. A peça de Fenelon⁵⁴ é baseada em um fato que pertence inteiramente ao gênero dramático: no entanto, basta o papel e a lembrança deste grande homem, para fazer desta peça uma tragédia. O nome do senhor de Malesherbes⁵⁵, seu nobre e terrível destino, seria tema para uma tragédia real das mais tocantes. Uma alta virtude, um vasto gênio, eis as novas dignidades que devem caracterizar a tragédia, e mais que tudo, o sentimento de infelicidade, tal como aprendemos a senti-lo.

Não me parece haver dúvidas, no fato de que a natureza moral é mais energética nessas impressões do que nossos trágicos franceses, nem os mais admiráveis, ainda não a exprimiram. Todos os esplendores que derivam de

⁵³ Nota da Editora: Luc de Clapiers, marquês de Vauvernargues (1715-1747). Moralista, autor de "Caracteres", inspirado em La Bruyère, e de uma "Introdução ao conhecimento do espírito humano", acompanhada de "Máximas e reflexões" otimistas fundadas sob uma visão heróica do homem (1746). Elogiando o culto às grandes paixões e à energia, ele se opõe à Rochefoucauld.

⁵⁴ Nota da Editora: Trata-se da tragédia histórica de Marie-Joseph Chénier, "Fenelon ou as Religiosas de Cambrai" (1794), representativa do melodrama.

⁵⁵ Nota da Editora: Chrétien Guillaume de Lamoignon de Malesherbes (1721-1794). Figura política, magistrado. Protegeu a publicação da "Enciclopédia", tentou promover reformas da monarquia no Antigo Regime e foi um dos defensores de Luís XVI. Foi executado no período do Terror durante a Revolução Francesa.

categorias supremas, introduzem nos temas trágicos, uma espécie de respeito, que não permite ao homem lutar corpo a corpo com outro homem; este respeito deve tornar vaga a forma de caracterizar os movimentos da alma. As expressões veladas, os sentimentos contidos, as conveniências arranjadas supõem um gênero de talento muito notável; mas as paixões não podem ser retratadas no meio de todas estas dificuldades, com a energia dilacerante, a penetração íntima que a mais completa independência deve inspirar.

Sob um governo republicano, o que deve existir de mais imponente para o pensamento, é a virtude, e o que mais arrebatava a imaginação, é a infelicidade. Eu não sei se a própria glória, único espasmo da vida que o espírito filosófico pode honrar, eu não sei se o próprio quadro da glória abalaria tão potentemente os espectadores republicanos, tanto quanto a pintura das emoções que respondem a todo nosso ser pela sua analogia com a natureza humana.

O espírito filosófico que generaliza as ideias, e o sistema da igualdade política, devem dar um novo caráter às nossas tragédias. Não é uma razão para rejeitar os temas históricos; mas é necessário retratar os grandes homens com os sentimentos que despertam por eles a simpatia de todos os corações, e relevar os fatos obscuros pela dignidade do caráter; é necessário enobrecer a natureza, ao invés de aperfeiçoar as ideias de convenção. Não é de forma alguma, a irregularidade nem a inconsequência das peças inglesas e alemãs que devem ser imitadas; mas seria um gênero novo de beleza para nós, e para os próprios estrangeiros, encontrar a arte de dar dignidade às circunstâncias comuns, e de retratar com simplicidade os grandes eventos.

O teatro é a vida elevada; mas ele deve ser a vida; e se a circunstância mais vulgar serve de contraste a grandes efeitos, é necessário empregar talentos suficientes para fazê-la admitir, para recuar os limites da arte sem chocar o gosto. Jamais igualar-se-á, no gênero das belezas ideais, nossas primeiras tragédias. É necessário então tentar, com a medida da razão, com a sabedoria do espírito, de se servir mais frequentemente de meios dramáticos que remetam aos homens suas próprias lembranças; pois nada os comove tão profundamente.⁵⁶

⁵⁶ Nota da Autora: O público francês dificilmente acolhe no teatro os ensaios em um novo gênero; admirador, com razão, das obras de arte que ele possui, ele acha que a arte regride, quando separada do caminho que Racine traçou. Eu não acredito, no entanto, ser impossível, ter êxito em um caminho diferente, sabendo manejar com talento alguns efeitos ainda não arriscados no palco; mas para que esta empreitada tenha sucesso, é necessário que ela seja dirigida pelo gosto mais severo.

A natureza de convenção, no teatro, é inseparável da aristocracia dos escalões no governo: não se pode sustentar uma sem a outra. A arte dramática, privada de todos os seus recursos factícios, pode somente sustentar-se pela filosofia e pela sensibilidade: mas, nesse gênero, não existe limite algum; pois a dor é um dos meios mais poderosos de desenvolvimento para o espírito humano.

A vida escorre, por assim dizer, despercebida dos homens felizes; mas quando a alma está sofrendo, o pensamento se multiplica para buscar uma esperança, ou para descobrir um motivo de arrependimento, para aprofundar o passado, para adivinhar o futuro; e esta faculdade de observação, que, na calma e na felicidade, atinge quase que inteiramente os objetos externos, se exerce no infortúnio somente sobre nossas próprias impressões. A ação infatigável da dor faz passar e repassar sem cessar em nosso coração, ideias e sentimentos que atormentam nosso ser dentro de nós mesmos, como se cada instante trouxesse um novo acontecimento. Que inesgotável fonte de reflexões para o gênio!

Os preceitos da arte trágica não colocam em questão, que é possível escolher tantos entraves quanto as próprias dificuldades ligadas à exigência da poesia. O que seria sensível e verdadeiro na língua usual, poderia se tornar ridículo em verso. A medida, a harmonia, a rima, proíbem expressões que, em dada situação, poderiam produzir um grande efeito. As verdadeiras conveniências do teatro são somente a própria dignidade da natureza moral; as conveniências poéticas tendem à própria arte dos versos; e elas aumentam frequentemente a impressão de um gênero de beleza, elas colocam barreiras à carreira que o gênio, observador do coração humano, poderia percorrer.

Não se acreditaria, na realidade, na dor de um homem que poderia exprimir em verso seus lamentos pela morte de um ser que teria amado muito. Tal grau de paixão inspira a poesia; um grau a mais, a repele. Existe, então, necessariamente, uma profundidade de sofrimento, um gênero de verdade que a expressão poética enfraqueceria, e situações simples na vida que a dor torna terríveis, mas que poderiam ser submetidas à rima, e revestir de imagens que ela

Um conhecimento geral dos preceitos da literatura é suficiente para não se desviar, submetendo-se às regras recebidas. Mas se queremos ver triunfar sob a repugnância natural dos espectadores franceses, por aquilo que eles chamam de gênero inglês ou gênero alemão, devemos velá-lo com um extremo escrúpulo sob todas as nuances que a delicadeza do gosto pode reprovar. É necessário ser ousado na concepção, mas prudente na execução, e seguir sobre este aspecto em literatura um princípio que seria igualmente válido em política: mas o conjunto do projeto é ousado, mas se deve cuidar das precauções de detalhe, quase timidamente.

exige, sem trazer para elas ideias estranhas ao curso natural dos sentimentos. Não se saberia negar, no entanto, que uma tragédia em prosa, por mais eloquente que ela possa ser, não provocaria primeiramente muito menos admiração, do que nossas obras-primas em verso. O mérito da dificuldade vencida, e o charme de um ritmo harmonioso, servem para alentar o duplo mérito do poeta e do autor dramático. Mas é a reunião mesmo destes dois talentos que foi uma das causas principais das grandes diferenças que existem entre a tragédia francesa e a tragédia inglesa.

Os personagens obscuros de Shakespeare falam em prosa, suas cenas de transição são em prosa; e mesmo quando ele se serve da língua dos versos, estes versos, não sendo de forma alguma rimados, não exigem, como em francês, um esplendor poético quase contínuo. Eu não aconselho, no entanto, na França, tentarem tragédias em prosa, os ouvidos teriam dificuldades a acostumar-se a elas; mas é necessário aperfeiçoar a arte dos versos simples, e tão naturais, para que eles não desviem, mesmo pela beleza poética, da emoção profunda que deve absorver qualquer outra ideia. Finalmente, para inaugurar uma nova fonte de emoções teatrais, seria necessário encontrar um gênero intermediário entre a natureza de convenção dos poetas franceses e os defeitos de gosto dos escritores do norte.

A filosofia se estende a todas as artes de imaginação, como a todas as obras de raciocínio; e o homem, neste século, não possui mais curiosidade a não ser pelas paixões do homem. Por fora, tudo é visto, tudo é julgado; o ser moral, em seus movimentos internos, continua somente ainda um objeto de surpresa, pode sozinho causar uma impressão forte. A tragédia, bastante poderosa sobre o coração humano, não é de forma alguma aquela que nos reproduziria as ideias comuns da existência vulgar, nem aquela que nos retrataria caracteres e situações quase tão longes da natureza que o maravilhoso do mundo da magia: seria aquela que poderia entreter o homem nos sentimentos mais puros que ele jamais experimentou, e relembrar a alma dos ouvintes, quaisquer que sejam elas, do mais nobre movimento de suas vidas.

A poesia da imaginação não progredirá mais na França: serão colocadas nos versos, ideias filosóficas, ou sentimentos apaixonados; mas o espírito humano chegou, em nosso século, a este nível que não permite mais nem as ilusões, nem o entusiasmo que criam os quadros e as fábulas próprias a maravilharem os espíritos. O gênio francês nunca foi muito notável neste gênero; e

agora só se pode acrescentar aos efeitos da poesia, exprimindo, nesta bela linguagem, os novos pensamentos cujo tempo deve nos enriquecer.

Se o desejo fosse o de reutilizar a mitologia dos antigos, seria verdadeiramente recair na infância pela velhice: o poeta pode se permitir todas as criações de um espírito delirante; mais é necessário que possamos crer na verdade daquilo que ele coloca à prova. Ora, a mitologia não é para os modernos nem uma invenção, nem um sentimento. É necessário que eles procurem em suas memórias aquilo que os antigos encontravam em suas impressões habituais. Esta forma poética, emprestada do paganismo, não passa, para nós, de imitação da imitação; é retratar a natureza através do efeito que ela produziu sobre outros homens.

Quando os antigos personificavam o amor e a beleza, longe de enfraquecer a ideia que não se podia conceber, eles a tornavam mais sensível, eles a animavam ao olhar dos homens, que não possuíam ainda, nada além de uma ideia confusa sobre suas próprias sensações. Mas os modernos observaram os movimentos da alma com tal profundidade, que basta a eles saber retratá-las através de seres eloquentes e apaixonados; e se eles adotassem as ficções anteriores a este conhecimento profundo do homem e da natureza, eles excluiriam de seus quadros a energia, o matiz e a verdade.

Nas próprias obras dos antigos, quantas não são preferidas por possuírem observações sobre o coração humano, iluminadas pelas ficções mais brilhantes? A imagem do Amor tomando os traços de Ascânio para inflamar Didone, brincando com ela⁵⁷, retrata tão bem a origem de um sentimento apaixonado, que os versos tão bonitos que nos exprimem as afeições e os movimentos que a natureza inspira a todos os corações?

Tudo aquilo que cercava os antigos os lembrando sem cessar dos deuses do paganismo, devia confundir a lembrança e a imagem em todas as suas impressões; mas quando os modernos imitam sob este aspecto os antigos, não se pode ignorar que eles recorrem aos livros em busca de recursos para embelezar aquilo que o próprio sentimento seria suficiente para animar. O trabalho do espírito se faz sempre perceber, com alguma habilidade que ela saiba dosar; e não se é mais impelido para este talento, por assim dizer, involuntário, que recebe uma emoção no lugar de procurá-la, que abandona-se às suas impressões no lugar de

⁵⁷ Nota da Tradutora: Episódio da Eneida, livro 1.

escolher seus meios de efeito. O verdadeiro objeto do estilo poético deve ser o de excitar, por imagens ao mesmo tempo novas e verdadeiras, o interesse dos homens pelas ideias e pelos sentimentos que eles experimentarão sem se dar conta; a poesia deve seguir, como tudo aquilo relativo ao pensamento, a evolução filosófica do século.

É necessário estudar os modelos da antiguidade para se inundar do gosto e do gênero simples, mas não para alimentar sem cessar as obras modernas das ideias e das ficções dos antigos: a invenção que se mescla a tais reminiscências, está quase sempre em disparate com elas. À qualquer perfeição que tenha sido levado o estudo das obras dos antigos, poder-se-ia imitá-las, mas seria impossível criar como eles, em seu gênero. Para lhes igualar, não se deve de forma alguma ater-se a seguir seus traços; eles colheram em seus campos: seria mais prudente desbravarmos o nosso.

O pequeno número das ideias mitológicas dos poetas do Norte são mais análogas à poesia francesa, porque elas se acordam melhor, como tentei provar, com as ideias filosóficas. A imaginação, em nosso século, não pode auxiliar-se de nenhuma ilusão: ela pode exaltar os sentimentos verdadeiros, mas é sempre necessário que a razão aprove e compreenda aquilo que o entusiasmo faz amar. (Delille, Saint-Lambert e Fontane, nossos melhores poetas no gênero descritivo, já se aproximaram do caráter dos poetas ingleses).

Existe um novo gênero de poesia nas obras em prosa de J.J. Rousseau e de Bernardin de Saint-Pierre; é a observação da natureza em suas relações com os sentimentos que ela faz provar ao homem.⁵⁸ Os antigos, ao personificarem cada flor, cada rio, cada árvore, deixaram de lado as sensações simples e diretas, para substituí-las por quimeras brilhantes; mas a providência colocou uma tal relação entre os objetos físicos e o ser moral do homem, que não se pode acrescentar nada ao estudo de uns que não serve ao mesmo tempo para o conhecimento do outro.

Não se separa, em sua memória, o barulho das ondas, a escuridão das nuvens, os pássaros aterrorizados, e o relato dos sentimentos que preenchiam a

⁵⁸ Nota da Editora: *La Chaumière indienne* (1790), romance de Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), autor dos *Études de la Nature* (1784), e *Paul et Virginie* (1787), foi uma das leituras preferidas de Madame de Staël. Sob uma ótica exótica, o autor, próximo de Rousseau, preconiza sobre a virtude, o abandono aos sentimentos e o culto à natureza.

alma de Saint-Preux e de Julie, enquanto que no lago que eles atravessavam pela última vez, *seus corações se escutavam pela última vez*.⁵⁹

A natureza fecunda da região de Ilê de France, esta vegetação ativa e multiplicada, estas tempestades assustadoras que sucedem rapidamente aos dias mais calmos, se unem em nossa imaginação com a volta de Paul e Virginie retornando juntos, conduzidos pelo seu negro fiel, repletos de juventude de esperança e de amor, e entregando-se com confiança à vida, cujas tormentas iriam em breve aniquilá-los.

Tudo se liga na natureza, desde que seja banido dela o maravilhoso; e os escritos devem imitar o acordo e o conjunto da natureza. A filosofia, generalizando mais as ideias, fornece mais grandeza às imagens poéticas. O conhecimento da lógica torna mais fácil de fazer falar a paixão. Uma constante progressão nas ideias, um objetivo de utilidade deve se fazer sentir nas obras de imaginação. Não se quer mais um mérito relativo, não se coloca mais interesse mesmo nas dificuldades vencidas, já que elas não fazem avançar em nada o espírito humano. É necessário analisar o homem, ou aperfeiçoá-lo. Os romances, a poesia, as peças dramáticas e todos os escritos que parecem ter unicamente como objetivo o interesse, não podem alcançar este objeto, mesmo preenchendo um objetivo filosófico. Os romances que contém somente eventos extraordinários, serão em breve desprezados.⁶⁰ A poesia que não contiver nada além de ficções, os versos que não tiverem nada além da graça, cansariam os espíritos ávidos antes mesmo da descoberta que poder-se-ia fazer nos movimentos e nos caracteres dos homens.

⁵⁹ Nota da Editora: Episódio de *La Nouvelle Héloïse*, IV, carta 18. A citação exata é: “Ah, eu disse a ele baixinho, vejo que nossos corações jamais cessaram de se escutar! — É verdade, disse ele com uma voz alterada; mas será a última vez que eles terão falado neste tom.”

⁶⁰ Nota da Autora: Os romances que chegam até nós há algum tempo, nos quais se pretendia exercitar o terror, com a noite, velhos castelos, longos corredores e vento, são numerosamente as produções mais inúteis, e conseqüentemente, a longo prazo, as cansativas do espírito humano. São espécies de contos de fadas, um pouco mais monótonas do que os verdadeiros, porque as combinações são menos variadas. Mas os romances que retratam os costumes e os caracteres, frequentemente nos ensinam mais sobre o coração humano do que a própria história. É dito nesse tipo de obra, sob a forma de invenção, o que não se contaria jamais sob a forma de história. As mulheres dos nossos dias, seja na França, seja na Inglaterra, esmeraram-se nesse gênero de romance, porque as mulheres estudam com cuidado, e caracterizam com sagacidade os movimentos da alma; além do mais, se consagrou, até o momento, somente os romances que retratam o amor, e somente as mulheres conhecem dele, todas as suas delicadas nuances. Entre os novos romances franceses, cujas mulheres são autoras, deve ser citado *Caliste* (de Madame de Charrière), *Claire d’Albe* (de Madame Cottin), *Adèle de Semanges* (de Madame de Souza), e em particular as obras de Madame de Genlis; o quadro de situações e a observação dos sentimentos merecem lugar de destaque entre os bons escritores.

O desencadeamento de paixões que levam aos problemas dos cidadãos, só fazem restar uma única curiosidade, aquela que fazem sentir os escritos que penetram nos pensamentos e nos sentimentos do homem, ou servem a fazê-los conhecer a força e a direção da multidão. A curiosidade existe, então, somente em relação às obras que retratam os caracteres, que os colocam em ação de alguma maneira, e admira-se somente os escritos que desenvolvem no nosso coração o poder da exaltação.

O célebre metafísico alemão Kant, ao examinar a causa do prazer que fazem sentir a eloquência, as belas artes, todas as obras de arte da imaginação, diz que este prazer tende à necessidade de recuar os limites do destino humano; estes limites que apertam dolorosamente nosso coração, uma vaga emoção, um sentimento elevado os faz esquecer por alguns instantes; a alma se compraz na sensação inexprimível que produz nela aquilo que é nobre e belo; e os limites da terra desaparecem quando a carreira imensa do gênio e a virtude se abrem a nossos olhos. Com efeito, o homem superior ou o homem sensível submete-se com esforço às leis da vida, e a imaginação melancólica torna feliz um momento, fazendo sonhar o infinito.

O desgosto da existência, quando ele não leva ao desencorajamento, quando ele deixar subsistir uma bela incosequência, o amor pela glória, o desgosto da existência pode inspirar grandes belezas de sentimentos: é de um certo patamar que tudo é contemplado; é com uma forte tinta que tudo é pintado. Nos antigos, os poetas eram tão melhores, que a imaginação encantava-se bem mais facilmente. Nos nossos dias, a imaginação precisa ser desiludida tanto de esperança quanto de razão: é dessa forma que essa imaginação filosófica pode ainda produzir grandes efeitos.

É necessário que no meio de todos os quadros da própria prosperidade, uma chamada às reflexões do coração vos faça sentir o pensador no poeta. Na época em que vivemos, a melancolia é a verdadeira inspiração do talento: quem não se sente atingido por este sentimento não pode pretender alcançar uma grande glória como escritor; é a este preço que ela está atada.

Enfim, no século mais corrompido do mundo, não levando em conta as ideias de moral, a não ser sobre suas relações literárias, é verdadeiro dizer que não se pode produzir nenhum efeito muito notável pelas obras de imaginação, a não ser dirigindo-as no sentido da exaltação da virtude. Chegamos a um período que

parece, sob alguns aspectos, aos mesmos estados de espíritos do momento da queda do império romano, e da invasão dos povos do norte. Neste período, o gênero humano precisou de entusiasmo e de austeridade. Quanto mais os costumes da França são depravados hoje, mais estamos perto de estarmos exaustos do vício, de nos irritarmos contra os intermináveis infortúnios ligados à imortalidade. A inquietude que nos devora acabará sendo sentimento vivo e decidido, no qual os grandes escritores devem antecipadamente se inspirar. A época do retorno à virtude não está longe, e o espírito já está ávido por sentimentos honestos, se a razão ainda não os fez triunfar.

Para ter êxito pelas obras da imaginação, é necessário talvez apresentar uma moral fácil no meio dos costumes mais severos; mais no meio dos costumes corrompidos, o quadro de uma moral austera é o único que se deve oferecer constantemente. Esta máxima geral está ainda suscetível de uma aplicação mais particular ao nosso século.

Quanto mais a imaginação de um povo é voltada para as ficções, mais as ideias podem confundir-se no meio de criações bizarras e da fantasia; mas quando todo o poder que resta à imaginação consiste na arte de animar, através dos sentimentos e dos quadros, as verdades morais e filosóficas, o que se pode tirar de suas verdades que seja conveniente à exaltação poética? Um só pensamento sem limites, um único entusiasmo que a reflexão não reconhece, o amor pela virtude, essa fonte inesgotável, pode fecundar todas as artes, toda emoção e as produções do espírito, e reunir ao mesmo tempo um mesmo tema, em uma mesma obra, as delícias e o consentimento da sabedoria.

SOBRE O ESPÍRITO DAS TRADUÇÕES **(Obras Completas. Volume XVII)**

Não existe tarefa mais distinta para a literatura, que a de transportar de uma língua à outra, as obras de arte do espírito humano. Existem tão poucas produções de primeira linha; a genialidade, de qualquer que seja o gênero, é um fenômeno tão raro, que se cada nação moderna fosse reduzida a seus próprios

tesouros, ela seria pobre. Além disso, a circulação de ideias é, dentre todos os tipos de comércio, aquele cujas vantagens são as mais certas.

Os sábios, e mesmo os poetas, imaginaram, durante a renascença das letras, escreverem todos numa mesma língua, o latim, a fim de não precisarem mais ser traduzidos para serem compreendidos. Isto poderia ser vantajoso às ciências, cujo desenvolvimento não precisa de charmes de estilo. Resultava, no entanto, que várias das riquezas dos italianos, neste gênero, eram desconhecidas a eles próprios, pois a maioria dos leitores compreendia somente o dialeto local. É necessário, ainda, para se escrever em latim sobre as ciências e a filosofia, criar palavras que não existem nos autores antigos. Desta maneira, os sábios serviram-se de uma língua ao mesmo tempo morta e factícia, enquanto que os poetas se submetiam às expressões puramente clássicas; e a Itália, onde o latim ainda ecoava às margens do Tibre, produziu escritores como Fra-Castor, Politien, Sannazar, que se aproximavam, eu diria, do estilo de Virgílio e de Horácio; mas se a reputação deles, por um lado, é duradoura, por outro, suas obras não são mais lidas fora do círculo dos eruditos; e é uma triste glória literária, tanto quanto aquela cuja imitação é a base. Estes poetas latinos, da Idade Média, foram traduzidos em italiano dentro de sua própria pátria: pelo fato de ser natural preferir-se a língua que o lembra das emoções da sua própria vida, àquela que só é gravada no espírito através do estudo.

A melhor forma, imagino, de privar-se das traduções, seria saber todas as línguas nas quais as obras dos grandes poetas foram compostas: o grego, o latim, o italiano, o francês, o inglês, o espanhol, o português, o alemão: mas tal trabalho exige muito tempo, muito cuidado, e não se pode jamais gabar-se de conhecimentos tão difíceis de serem adquiridos, a não ser que eles sejam universais. Ora, é em direção ao universal que se deve tender, quando se deseja fazer o bem aos homens. Eu diria mais: na medida em que escutássemos bem as línguas estrangeiras, poderíamos provar ainda, através de uma tradução bem feita em sua própria língua, um prazer mais familiar e mais íntimo. Estas belezas naturalizadas, dão ao estilo nacional, novas nuances, e expressões mais originais. As traduções de poetas estrangeiros podem, mais eficazmente que qualquer outro meio, preservar a literatura de um país de suas variações banais que são sinais certos de decadência.

Mas, para tirar deste trabalho uma verdadeira vantagem, não se deve, como os franceses, colocar a sua própria cor em tudo que se traduz; deveríamos, na verdade, transformar em ouro tudo que tocamos, e isso resultaria, no mínimo, em um material do qual poderíamos nos nutrir; de outra forma, não encontraremos novos alimentos para o pensamento, e enxergaremos sempre as mesmas faces, somente com feições um pouco diferentes. Esta reprovação, justamente merecida pelos franceses, gera entraves de toda espécie, que são impostos, na sua língua, à arte de escrever em versos. A raridade da rima, a uniformidade do verso, a dificuldade das inversões, tranca o poeta dentro de uma espécie de círculo que leva necessariamente, se não aos mesmos pensamentos, ao menos a hemistíquios⁶¹ semelhantes, e a não sei qual monotonia da linguagem poética, da qual o gênio escapa, quando ele eleva-se demais, mas dos quais ele não pode livrar-se nas transições, nos desenvolvimentos, enfim, em tudo aquilo que prepara e reúne os grandes efeitos.

Difícilmente encontraremos então, na literatura francesa, uma boa tradução em verso, exceto a dos *Georgiques*, feita pelo abade Delille. Existem belas imitações, conquistas que não podem porém, jamais ser confundidas com riquezas nacionais; mas não seria possível citar uma obra em verso que trouxesse, de alguma forma, o caráter estrangeiro, e não creio mesmo que tal fato possa vir a acontecer. Se os *Georgiques* do abade Delille causaram admiração, foi justamente porque a língua francesa pode assimilar-se mais facilmente à língua latina que qualquer outra; o francês deriva dela, e dela conserva a pompa e a majestade, mas as línguas modernas possuem tanta diversidade, que a poesia francesa não saberia dobrar-se a elas com graça.

Os Ingleses, cuja língua admite as inversões, e cuja versificação está submetida a regras muito menos severas que aquelas dos Franceses, poderiam ter enriquecido sua literatura de traduções exatas e ao mesmo tempo naturais; mas seus grandes autores não empreenderam, de forma alguma, esta tarefa; e Pope, o único que consagrou-se a isto, fez dois belos poemas da *Ilíada* e da *Odisseia*; mas ele não conservou nada daquela antiga simplicidade que nos faz sentir o segredo da superioridade de Homero.

⁶¹ Nota da Tradutora: O hemistíquio é a metade de um verso. Nesse caso em particular trata-se de um verso alexandrino, considerado o mais nobre em francês.

Com efeito, não parece possível que a genialidade de um homem tenha sobrepujado, durante 3.000 anos, a de todos os outros poetas; mas havia algo de primitivo nas tradições, nos costumes, nas opiniões, no ar daquela época, cujo charme é inexaurível; e é este início do gênero humano, esta aurora dos tempos, que renova em nossa alma, lendo Homero, um tipo de emoção semelhante àquela que provamos pelas lembranças de nossa própria infância: esta emoção, confundida com os sonhos da era de ouro, nos faz acordar, ao mais antigo dos poetas, a preferência sob todos os seus sucessores. Se suprimirmos de sua composição, a simplicidade dos primeiros dias do mundo, o que ela tem de único, desaparece.

Na Alemanha, vários sábios chegaram a cogitar, que as obras de Homero não teriam sido compostas por um único homem, e que a *Ilíada*, e mesmo a *Odisseia* deveriam ser consideradas como uma reunião de cantos heróicos, para celebrar, na Grécia, a conquista de Troia e o retorno dos vencedores. Parece-me fácil combater esta opinião, sobretudo, porque a uniformidade da *Ilíada* não permite adotá-la. Por que nos deteríamos no episódio da cólera de Aquiles? Os eventos subsequentes, e a tomada de Troia que os encerram, teriam naturalmente feito parte da coleção de rapsódias que, supostamente, teria pertencido a outros autores. A concepção da unidade de um episódio, a cólera de Aquiles, só pode se tratar de um plano formado por um único homem. Sem querer, no entanto, discutir aqui um sistema, a favor ou contra o qual teríamos que estar armados de uma erudição absurda, deve-se ao menos confessar que a principal grandeza de Homero é mérito do seu século, já que acredita-se que os poetas de então, ou, ao menos um grande número entre eles, trabalharam na *Ilíada*. É uma prova a mais, de que este poema é a imagem da sociedade humana, em tal grau da civilização, e que ele carrega mais a impressão do tempo, do que aquela de um homem.

Os Alemães não se restringiram de forma alguma a estas pesquisas conhecidas sobre a existência de Homero; eles se empenharam em fazê-lo reviver na Alemanha, e a tradução de Voss é reconhecida como a mais exata que existe em qualquer língua. Ele fez uso do ritmo dos antigos, e assegura-se que seu hexâmetro alemão seja quase que palavra por palavra o hexâmetro grego. Tal tradução serve eficazmente para o conhecimento preciso do poema antigo; mas, é, porém, garantido que o charme, para o qual não se precisa nem de regras, nem de estudos, tenha sido inteiramente transportado para a língua alemã? As quantidades silábicas foram conservadas; mas a harmonia dos sons não consegue ser a mesma. A poesia

alemã perde seu lado natural, seguindo passo a passo, os traços do grego, sem conseguir atingir a beleza musical que se cantava na lira.

O italiano é, entre todas as línguas modernas, a que mais se presta a nos trazer todas as sensações produzidas pelo Homero grego. Ele não possui, certamente, o mesmo ritmo que o original; o hexâmetro, não pode, de forma alguma, introduzir-se nos idiomas modernos; as longas e as breves não são suficientemente marcadas para que possamos, sob este aspecto, nos igualar aos antigos. Mas as palavras italianas possuem uma harmonia, capaz de ultrapassar a simetria dos dátilos e dos espondeus⁶², e a construção gramatical em italiano se presta à imitação perfeita das inversões do grego: os *versi sciolti*, dissociados da rima, não atrapalham nem o pensamento nem a prosa, conservando a graça e a medida dos versos.

A tradução de Homero por Monti, é certamente, de todas que existem na Europa, a que mais se aproxima do prazer que a própria original poderia causar. Ela possui, ao mesmo tempo, pompa e simplicidade; os costumes mais comuns da vida, as roupas, os festins são destacados pela dignidade natural das expressões; e as maiores circunstâncias são colocadas a nosso alcance pela verdade dos quadros e a facilidade do estilo. Ninguém mais na Itália, traduzirá, até o momento, a Ilíada; Homero vestiu para sempre o traje de Monti, e me parece que, mesmo nos outros países da Europa, quem quer que seja que não possua condição de elevar-se até Homero para ler seu original, poderá ter uma ideia do prazer que ele pode causar, através da tradução italiana. Traduzir um poeta não é pegar um compasso, e copiar as dimensões do edifício; é animar, com o mesmo sopro de vida, um instrumento diferente. Solicita-se mais um prazer do mesmo estilo, do que traços perfeitamente iguais.

Seria bastante desejável, me parece, que os italianos se ocupassem em traduzir com cuidado diversas poesias novas dos Ingleses e dos Alemães; eles divulgariam, desta forma, um novo gênero a seus compatriotas, que se detém, em sua maioria, nas imagens provenientes da antiga mitologia: ora, elas estão começando a se exaurir, e o paganismo da poesia quase não subsiste mais no resto da Europa. É necessário aos progressos do pensamento, que a bela Itália, saiba

⁶² Nota da Tradutora: No hexâmetro, os quatro primeiros pés métricos, podem ser dátilos ou espondeus; e o quinto pé será dátilo, e o sexto, espondeu - como é o caso da Ilíada. Esse tipo de verso foi o padrão do metro épico tanto dos gregos como dos romanos, e foi usado em outros tipos de composição, como nas sátiras de Horácio e nas *Metamorfoses* de Ovídio.

olhar com mais frequencia além dos Alpes, não para tomar emprestado, mas para conhecer; não para imitar, mas para se redimir de certas formas estipuladas, que se mantêm na literatura como as frases oficiais na sociedade, e que banem, da mesma forma, toda a verdade natural.

Se as traduções dos poemas já enriquecem as belas letras, as de peças de teatro poderiam exercer uma influência ainda maior; pois o teatro é verdadeiramente o poder executivo da literatura. A. W. Schlegel fez uma tradução de Shakespeare, que, reunindo exatidão e inspiração, tornou-se nacional na Alemanha. As peças inglesas transmitidas desta forma, são encenadas no teatro alemão, e Shakespeare e Schiller, tornaram-se compatriotas. Seria possível obter um resultado semelhante na Itália; os autores dramáticos franceses aproximam-se tanto do gosto dos italianos, quanto Shakespeare do gosto dos Alemães, e talvez poderíamos representar *Athalie* com sucesso no belo teatro de Milão, acrescentando aos coros, o acompanhamento da admirável música italiana. Ressaltando que não se vai a um espetáculo na Itália para escutar, mas sim para se expor e se reunir, nos camarotes, com seus amigos íntimos da sociedade; não é menos certo o fato de que, escutar todos os dias, durante cinco horas, mais ou menos, o que nos convenceram a chamar de palavras na maior parte das óperas italianas, é, a longo prazo, um modo certo de diminuir as faculdades intelectuais de uma nação. Enquanto Casti fazia óperas cômicas, enquanto Metástase adaptava tão bem à música, os pensamentos cheios de charme e de elevação, nada era perdido em termos de diversão, e muito era ganho em termos de razão. Em meio à frivolidade habitual da sociedade, enquanto cada um procura livrar-se de si através do auxílio dos outros, se alguém consegue atingir algumas ideias e alguns sentimentos através do prazer, este consegue formar, no espírito, algo de sério, que pode dar a ele, finalmente, um verdadeiro valor.

A literatura italiana, é dividida hoje, entre os eruditos que mexem e remexem as cinzas do passado, para ali tentar ainda encontrar algumas pepitas de ouro, e os escritores que se orgulham da harmonia de sua língua, para fazerem concordâncias pouco criativas, para unirem exclamações, declamações, invocações, nas quais não há uma só palavra que parta do coração, ou que nele chegue. Não seria então possível, que um estímulo efetivo, aquele do sucesso nos teatros, fizesse renascer aos poucos a originalidade de espírito e a verdade de estilo, sem as

quais não existe nem literatura, nem talvez mesmo nenhuma das qualidades necessárias que deveriam existir para se haver uma.

O gosto pelo drama sentimental apoderou-se do palco italiano, e no lugar daquela alegria picante que víamos reinar em outros tempos, no lugar dos personagens de comédia, clássicos em toda a Europa, vê-se representar, desde as primeiras cenas destes dramas, os assassinatos mais insípidos, se assim pode-se dizer, transmitindo desta forma, o miserável espetáculo. Não seriam essas distrações, tão ordinariamente repetidas, uma pobre educação para um número bastante considerável de pessoas? O gosto dos Italianos, nas belas artes, é tão simples quanto nobre; mas a palavra também é uma das belas artes, e dever-se-ia dar a ela, este mesmo caráter. Ela sustenta de forma mais próxima, tudo aquilo que constitui o homem, e é possível viver sem quadros e monumentos, mas não sem os sentimentos aos quais as Belas Artes devem ser consagradas.

Os italianos são bastante entusiastas com sua língua; grandes homens a fizeram valer, e as distinções do espírito foram os únicos motivos de gozo, e frequentemente também, os únicos consolos da nação italiana. Para que todo homem capaz de pensar, sinta uma razão para desenvolver a si próprio, é necessário que todas as nações tenham um princípio ativo de interesse: umas são militares, outras políticas. Os Italianos precisam se fazer notar pela literatura e as belas artes; ou então seu país cairá numa espécie de apatia onde até o próprio sol terá dificuldade em se levantar.